

Ilma Magalhães Alkimim

ESCADA CELESTIAL, DE JOÃO CLÍMACO (CÓD. ALC. 213):

EDIÇÃO E ESTUDO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Lingüística.

Linha de Pesquisa: B - Estudo da Variação e Mudança Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. César Nardelli Cambraia.

**Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2007**

Livros Grátis


<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

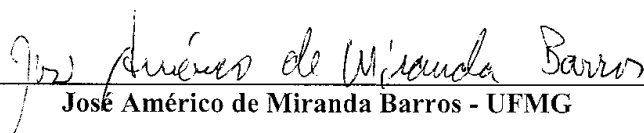
Dissertação defendida por ILMA MAGALHÃES ALKIMIM em 23/02/2007 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Profs. Drs. relacionados a seguir:



César Nardelli Cambraia - UFMG
Orientador



Heitor Megale - USP



José Américo de Miranda Barros - UFMG

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelos meses de concessão de bolsa do Programa de Fomento à Pós-Graduação (PROF).

Ao Prof. Dr. César Nardelli Cambraia, por me ensinar e me orientar no decurso da minha formação acadêmica e, especialmente, por ceder seu microfilme do códice alcobacense 213 para a realização da edição que aqui se apresenta.

À Prof^ª Dr^ª Maria Cândida Trindade C. de Seabra (UFMG), por ter despertado em mim o interesse por fontes para o estudo da história da língua portuguesa.

À Prof^ª Dr^ª Maria do Carmo Viegas (UFMG), à Prof^a Dr^a Enilde Faulstich (UnB) e ao Prof. Paulo Antônio Outeiro Hernandez, cujas sugestões de leitura e opiniões me ajudaram a delimitar a abrangência do presente trabalho.

À Prof^ª Aída Sampaio C. Lemos (Universidade do Minho, Portugal), pelas preciosas opiniões e informações concernentes à edição e estudo lingüístico de textos medievais portugueses, especialmente por sua generosidade ao doar publicações relevantes para estudos dessa natureza.

Ao Prof. Dr. José Barbosa Machado (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal) por partilhar um pouco de suas experiências e conhecimentos sobre edição e tratamento do léxico de textos antigos.

À Maria Célia Romes de Lima, por me incentivar a realizar o presente trabalho e me ceder cópia de sua dissertação de mestrado sobre pontuação medieval.

À Márcia Alkmim (Arquivo Público Mineiro) por digitalizar o microfilme do códice alcobacense 213 – gentileza que viabilizou o presente trabalho.

À Zita Mendes, Bibliotecária Coordenadora da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, por permitir meu acesso ao acervo da Biblioteca Padre Vaz, que foi de grande importância para o estudo da tradição indireta da obra *Escada Celestial* e da biografia de seu autor.

Àqueles a quem tenho muito a agradecer e não foram mencionados aqui, por compreenderem melhor, pelo afeto e liberdade que nos unem, que não seria possível arrolar todos os nomes e motivos neste limitado espaço.

RESUMO

Neste trabalho apresentam-se edição paleográfica e breve estudo da tradição de um texto inédito em medievo-português – a *Escada Celestial*, de João Clímaco –, presente no códice alcobacense 213 da Biblioteca Nacional de Lisboa. A introdução expõe a importância da edição de um texto medieval português inédito e do estudo de sua transmissão, e a contribuição que representa para diversas áreas de pesquisa, como a Crítica Textual, a Linguística Diacrônica, Literatura, Filosofia, História. O primeiro capítulo apresenta argumentos a favor do estudo da tradição do texto, dados biográficos do autor e uma breve recensão da tradição manuscrita e impressa da obra editada, apontando, quando possível, convergências ou divergências entre testemunhos advindos de ramos distintos da tradição. Detalha-se, ainda, a organização da obra e seu conteúdo. O segundo capítulo traz uma descrição detalhada do códice, diversos apontamentos paleográficos, breve discussão sobre a adequação de critérios de transcrição ao público-alvo e aos objetivos da edição, apresentação das normas de transcrição adotadas para a edição proposta e, por fim, o texto da edição paleográfica da obra *Escada Celestial*, acompanhado de notas e cópia fac-similar do manuscrito. A fim de contribuir para um debate acadêmico sobre o rigor ecdótico em trabalhos de edição, a conclusão retoma a discussão sobre a subjetividade do trabalho editorial e a importância da adoção, explicitação e aplicação de normas de edição coerentes com suas finalidades. Anexos e apêndices acompanham este trabalho, para complementar ou ilustrar informações.

ABSTRACT

This study presents a paleographic edition and a brief study of the tradition of an unpublished text – *the Escada Celestial*, of João Clímaco – in medieval Portuguese, currently in the Alcobaça 213 codex of the National Library in Lisbon. The introduction states the importance of the edition of an unpublished medieval Portuguese text and the study of its transmission, and the contribution that represent several areas of research, as Textual Criticism, Diachronic Linguistics, Literature, Philosophy, and History. The first chapter presents arguments in favor of the study of the tradition of the text, biographic data of the author and a brief recession of the manuscript tradition and the press of the edited piece, aiming, when possible, the convergences or divergences between testimonies from different branches of tradition. It is also detailed the piece's organization and its content. The second chapter brings a detailed description of the codex, several paleographic notes, a brief discussion about the adequacy of the judgment of the transcription to the catered public and the edition's objectives, the presentation of the norms of transcription adopted by the edition and, finally, the text of the paleographic edition of the piece *Escada Celestial*, followed by notes and a facsimile copy of the manuscript. With the goal of a contribution to an academic debate about the ecdotic rigidity in the edition work, the conclusion remounts the discussion about the subjectivity of the editorial work and the importance of the adoption, the explicitation and the use of coherent norms of edition within its purpose. The attachments and appendixes follow this work in order to complement or illustrate the information.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Ícone da Escada Celestial - frontispício de um ms. grego - Mosteiro de Santa Catarina do Monte Sinai.	32
Figura 2 - Reprodução da marca de carimbo do cód. alc. 213.....	39
Figura 3 - Fac-símile do fól. 1r - <i>Scala Paradisi</i> (trad. italiana de Gentile da Foligno; séc. XIV)	288
Figura 4 - Excerto da edição de 1492 da tradução italiana de Gentile da Foligno (séc. XIV), relativas ao prólogo e ao sumário	289
Figura 5 - Excerto da edição de 1492 da tradução italiana de Gentile da Foligno (séc. XIV), relativas ao sumário	290
Fig. 6 - Fac-símile da folha de rosto do cód. alc. 213.....	292

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Comparação entre excertos da versão portuguesa e da versão italiana.....	29
Quadro 2 - Títulos de capítulos no sumário e nas rubricas (transcrição modernizada).....	29
Quadro 3 - Composição dos cadernos.....	38
Quadro 4 - Comparação de critérios aplicados em edições de cunho conservador.....	54
Quadro 5 - Legenda de sinais utilizados na transcrição paleográfica.....	59
Quadro 6 - Alfabeto - <i>Escada Celestial</i> (cód. alc. 213).....	286
Quadro 7 - Abreviaturas e sinais abreviativos freqüentes - EC - cód. alc. 213.....	288
Quadro 8 - Excertos dos testemunhos alcobacenses da <i>Escada Celestial</i> editados por Martins (1961, p. 407).....	292
Quadro 9- Erro conjuntivo entre a edição de 1492 (trad. italiana de Gentile da Foligno - séc. XIV) e o ms. português - cód. alc. 213, no cap. 8 de <i>Escada Celestial</i> : definição de <i>irascibilidade</i>	292
Quadro 10 - Lições coincidentes entre a edição de 1492 (ed. de Cristofaro da Mandelo, da trad. italiana de Gentile da Foligno - séc. XIV) e o ms. português - cód. alc. 213, no cap. 27 de <i>Escada Celestial</i> : manutenção do trecho latino.....	292

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<i>A.D.</i>	- <i>Ano Domini</i>
<i>al.</i>	- <i>alii</i>
ALC	- Alcobacense
BAV	- Biblioteca Apostólica Vaticana
BNB	- Biblioteca Nacional do Brasil
BNE	- Biblioteca Nacional da Espanha
BNF	- Biblioteca Nacional da França
BNP	- Biblioteca Nacional de Portugal
BP	- Biblioteca Pública
BUFMG	- Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais
BUPUC	- Biblioteca Universitária da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
cap.	- capítulo
CES-ISI	- Biblioteca do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus - Instituto Santo Inácio (Minas Gerais - Brasil)
Cf.	- Confira / confronte
cód(s).	- código(s)
D.	- Dom
EC	- <i>Escada Celestial</i> (cód. alc. 213)
ed.	- Edição / Editora
ex.	- exemplo
<i>Ibid.</i>	- <i>Ibidem</i>
L(s).	- Linha(s)
LC	- Library of Congress (USA)
<i>Loc. cit.</i>	- <i>Loco citato</i>
mm.	- milímetros
ms(s).	- manuscrito(s)
<i>Op. cit.</i>	- <i>Opus citatum</i>
org(s).	- organizador(es)
p.	- página(s)
p. ex.	- por exemplo
<i>r</i>	- <i>recto</i>
Resp.	- Responsável
RLPV	- Red de Lectura Pública Valenciana (Espanha)
S.	- São
s.d.	- sem data
<i>s.l.</i>	- <i>sine loco</i>
<i>s.n.</i>	- <i>sine nomine</i>
séc(s).	- século(s)
<i>Seq.</i>	- <i>sequentia</i>
tb.	- também
Trad.	- Tradução
<i>v</i>	- <i>verso</i>
v.	- volume
<i>Vd.</i>	- <i>Vide</i>
<i>Vs.</i>	- <i>Versus</i>

NOTAÇÕES

As transcrições fonológicas são feitas entre barras inclinadas, de acordo com o Alfabeto Internacional de Fonética (cf. SILVA, 2001, p. 41). As transcrições grafemáticas são apresentadas entre parênteses angulosos. Os sinais utilizados na transcrição paleográfica são apresentados na página 58.

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT.....	6
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	7
LISTA DE QUADROS	8
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	9
NOTAÇÕES	10
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: BREVE ESTUDO DA TRADIÇÃO DA OBRA <i>ESCALA CELESTIAL</i>	14
1.1 - A RELEVÂNCIA DO ESTUDO DA TRADIÇÃO.....	14
1.2 - O AUTOR, JOÃO CLÍMACO.....	14
1.2.1 - Dados biográficos	14
1.2.2 - Obras	17
1.3 - DADOS DA TRADIÇÃO MANUSCRITA E IMPRESSA.....	17
1.3.1 - Informações gerais	17
1.3.2 - A tradição portuguesa	24
1.4 - ORGANIZAÇÃO DA OBRA E SEU CONTEÚDO.....	26
1.4.1 - Prólogo e sumário da obra	26
1.4.2 - Capitulação e divisão de assuntos	29
1.4.3 - Relação entre o título e conteúdo doutrinário	29
1.4.4 - Tema universal, intertextualidade vs. originalidade	30
CAPÍTULO 2: EDIÇÃO PALEOGRÁFICA DE <i>ESCALA CELESTIAL</i> (CÓD. ALC. 213)	35
2.1 - O CÓD. ALC. 213.....	35
2.1.1 - Identificação, datação e autoria da cópia	35
2.1.2 - Descrição codicológica	35
2.1.2.1 - <u>Matéria subjetiva</u>	36
2.1.2.2 - <u>Matéria aparente</u>	36
2.1.2.3 - <u>Encadernação</u>	37
2.1.2.4 - <u>Foliação</u>	37
2.1.2.5 - <u>Pautado e margens</u>	39
2.1.2.6 - <u>Marcas de carimbo</u>	39
2.1.2.7 - <u>Marcas d'água</u>	39
2.1.3 - Apontamentos paleográficos	40
2.1.3.1 - <u>Classificação da escrita</u>	40
2.1.3.2 - <u>Comentários gerais</u>	40
2.1.3.2.1 - Capitulares	40
2.1.3.2.2 - Alógrafos	40
2.1.3.2.3 - Sinais de pontuação.....	42
2.1.3.2.4- Sinais diacríticos.....	43
2.1.3.2.5 - Abreviaturas.....	44
2.1.3.2.6 - Separação inter- e intravocabular.....	45
2.1.3.2.7 - Paragrafação.....	46
2.1.3.2.8 - Erros de cópia	46
2.1.3.2.9 - Sinais de correção, seleção e destaque.....	47
2.1.3.3 - <u>Pontos de maior dificuldade de leitura e transcrição</u>	48
2.1.3.3.1 - Caractere antecedido ou não de pontuação.....	48
2.1.3.3.2 - Abreviaturas alógrafas	48

2.1.3.3.3 - Numeração: abreviatura vs. ideograma.....	49
2.1.3.3.4 - Sobreposição de fatos	49
2.1.3.3.5 - Oposição entre alógrafos maiúsculo e minúsculo.....	50
2.1.3.3.6 - Problemas clássicos de transcrição.....	51
2.1.3.4 - <u>Rubricação e decoração</u>	51
2.2 - O MANUSCRITO: EDIÇÃO.....	52
2.2.1 - Tipo de edição adotado	52
2.2.2 - Normas de transcrição	55
2.2.2.1 - <u>Caracteres alfabéticos</u>	55
2.2.2.2 - <u>Diacríticos</u>	56
2.2.2.3 - <u>Abreviaturas</u>	56
2.2.2.4 - <u>Pontuação</u>	56
2.2.2.5 - <u>Paragrafação, separação vocabular, foliação e translineação</u>	57
2.2.2.6 - <u>Correções do copista e rubricas</u>	57
2.2.2.7 - <u>Intervenções editoriais</u>	57
2.2.2.8 - <u>Numeração dos fólios e das linhas</u>	58
2.2.3 - Legenda	58
2.2.4 - Texto da edição paleográfica	59
CONCLUSÕES	284
APÊNDICE A - Alfabeto de <i>Escada Celestial</i> (cód. alc. 213)	285
APÊNDICE B - Abreviaturas e sinais abreviativos freqüentes	287
ANEXO A - Fac-símile do fól. 1r - Prólogo e parte do índice de <i>Scala Paradisi</i> (trad. italiana de Gentile da Foligno; séc. XIV)	288
ANEXO B - Excertos da edição de 1492 da tradução italiana de Gentile da Foligno (séc. XIV), relativas ao prólogo e ao sumário da <i>Scala Paradisi</i>	289-290
ANEXO C - ANEXO C - Exemplos de convergências e divergências entre os testemunhos latino (cód. alc. 387), italiano (edição de Cristofaro da Mandelo - 1492) e português (cód. alc. 213) da <i>Escada Celestial</i>	291
ANEXO D - Fac-símile da folha de rosto do códice alc. 213	292
REFERÊNCIAS	293

INTRODUÇÃO

A presente dissertação constitui-se da edição paleográfica justalinear de um texto inédito em medievo-português – a *Escada Celestial*, de João Clímaco (cód. alc. 213) – e um breve estudo da tradição dessa obra. Com este trabalho, pretende-se contribuir para o conhecimento da língua portuguesa na sua fase arcaica e da literatura medieval religiosa, e propiciar a reflexão acerca dos procedimentos em Crítica Textual para a reconstituição e fixação de textos.

A edição de um texto inédito em medievo-português por si já constitui contributo aos estudos lingüísticos em vários níveis e aos estudos de outras naturezas, ao torná-lo acessível a outros pesquisadores. O objetivo primordial deste trabalho é, portanto, fornecer um *corpus* que sirva a esses estudos, o que se justifica por várias razões, as quais são enumeradas a seguir¹.

Primeiramente, a edição realizada, acompanhada face a face da edição fac-similada, pode constituir contributo para a Crítica Textual, por possibilitar não somente a aplicação das técnicas utilizadas para edição desse tipo de texto, como também a avaliação destas. Uma vez que todo manuscrito possui características particulares – por ser feito à mão e geralmente a partir de um modelo –, sua edição pode apresentar problemas que exijam soluções anteriormente não formuladas, o que estimularia a discussão das normas de transcrição e edição de manuscritos medievais. Desse modo, contribuirá para futuros estudos paleográficos, incitando novos julgamentos e propostas de leitura, pelo reconhecimento de que por mais conservadora que seja a edição proposta, é uma leitura (subjéctiva) do fac-símile do manuscrito, passível de melhor juízo.

Em segundo lugar, este trabalho pode contribuir para o conhecimento dos sistemas gráficos utilizados nos manuscritos portugueses, que é instrumento importante da Paleografia Medieval Portuguesa e da Scriptologia², para datação e localização geográfica de textos em que não há esses registros, e para apurar as variações gráficas em um mesmo manuscrito que denotam influências mútuas de sistemas gráficos distintos, decorrentes dos processos de tradução e/ou cópia.

Em terceiro lugar, a edição ora apresentada pode contribuir para os estudos lingüísticos, em especial os que enfocam variação e mudança lingüística sob uma perspectiva diacrônica, por trazer informações sobre o português em sua fase arcaica. E para atender a essa finalidade, optou-se aqui por editar sob normas paleográficas conservadoras, ou seja, transcrever fielmente o manuscrito, marcando devidamente todas as intervenções feitas para viabilizar a leitura (p. ex., o desdobramento de abreviaturas), discernindo-as do que de fato revela o manuscrito. Dessa maneira, a edição poderá contribuir também para as discussões e estudos relativos à Lexicografia, por ser fonte de dados que podem ser usados na elaboração de dicionários histórico-etimológicos

¹ A ordem em que se apresenta a enumeração das razões não traduz a importância maior ou menor dada a cada uma delas; sua finalidade é apenas a de organização das idéias no texto.

² Termos discernidos aqui, respectivamente, por estudo da escrita antiga portuguesa e estudo do conjunto de características e convenções gráficas que distinguem manuscritos de cada *scriptorium*, os quais podem manifestar características de variedades regionais da época, pela interferência oralidade-escrita.

da língua portuguesa e por possibilitar a discussão sobre a importância da fidedignidade das fontes de dados para realização de obras dessa natureza.

E, por fim, o estudo da tradição do texto faz-se necessário como complemento à edição proposta, pois, além de sua importância para a solução de certas dúvidas no texto editado, torna-o compreensível ao situá-lo num contexto histórico em que a mundividência difere da do leitor atual. Além disso, tal estudo poderá ser útil a pesquisadores que se dediquem a outros ramos da tradição da obra *Escada Celestial*, pois apresenta um levantamento conciso da tradição manuscrita e impressa de que se teve notícia, e indica a localização de testemunhos existentes em acervos.

Pelo exposto, acredita-se que este trabalho traz subsídios para os estudos lingüísticos – sobretudo, aos referentes ao léxico, à variação e mudança lingüística e à Crítica Textual –, e para os estudos de outras áreas de conhecimento, que levam em conta a literatura medieval em suas reflexões sobre a relação língua-cultura-sociedade, ao tornar o texto acessível a pesquisadores que o examinarão sob perspectivas próprias ao seu campo de interesse.

CAPÍTULO 1

BREVE ESTUDO DA TRADIÇÃO DA OBRA *ESCADA CELESTIAL*

1.1 A RELEVÂNCIA DO ESTUDO DA TRADIÇÃO

O estudo da tradição do texto é de suma importância. Spina (1994, p. 96-97) diz que até mesmo a tradição indireta pode ser muito importante para a solução de certas dúvidas do texto em estudo, e pode auxiliar também em sua exegese e na própria classificação genealógica dos manuscritos existentes. Azevedo Filho (1987, p. 36-39) afirma que a tradição direta é fundamental, mas a tradição indireta pode fornecer dados utilíssimos ao estabelecimento de um texto. O estudo da tradição de *Escada Celestial* é, portanto, importante complemento à edição aqui apresentada, a qual já lançou mão desse recurso na elaboração das notas explicativas que auxiliam a inteligência do texto.

Tendo em conta que é vasta a tradição do texto em estudo, e que há limitações de acesso ao material bibliográfico e de tempo destinado à pesquisa e coleta do material relativo à tradição direta (apógrafos) e indireta (traduções, citações, comentários, glosas, paráfrases, alusões, imitações), foi feita uma recensão limitada, mas que ainda assim fornece dados sobre a bio-bibliografia de João Clímaco e sobre o percurso de *Escada Celestial*, de sua língua de origem até o português medieval, além de noticiar a existência de mss. e edições em outras línguas.

1.2 O AUTOR, JOÃO CLÍMACO³

1.2.1 Dados biográficos

João Clímaco (< *klīmax* – no grego) passou a ser assim chamado por causa de sua obra mais célebre, conhecida primeiramente como *távoas espirituaes*, por se constituir numa síntese da doutrina espiritual, e depois *escada*, por estar disposta em 30 degraus, ou capítulos, que vão das

³ Os dados bio-bibliográficos aqui apresentados são, em sua maioria, os que constam da versão portuguesa da biografia, presente no cód. alc. 213, fols. 122-125, acrescidos de informações dadas por: ALMEIDA JUNIOR, 1902, p. XIII-XV; TREVISAN, 1941, v. 1, p. 3-39; MARTINS, 1962, p. 179-186; BERARDINO, 2002, p. 760; ENCICLOPEDIA de la Religión Católica, 1952, tomo III, p. 879.

coisas mais simples às mais altas, na escalada em busca da perfeição espiritual (cf. prólogo do ms., fól. 4r)⁴.

O que as obras sobre patrística informam da vida de João Clímaco foi extraído da biografia que dele escreveu Daniel, monge do mosteiro de Raytu⁵. Além dos fatos que interessam a uma biografia, a narrativa da vida de João Clímaco feita por Daniel de Raytu traz outros testemunhos de episódios que o envolveram. Por ajudarem a delinear a personalidade do autor, algumas dessas informações são nela citadas.

Essa biografia sumária, da qual há cópia no cód. alc. 213 (fóls. 122r-125r), não informa o lugar e nem o ano de seu nascimento. Tem-se estimado que Clímaco viveu entre os anos 540 e 610 (cf. TREVISAN, 1941, p. 22). Sabe-se que aos 16 anos de idade, mas de mentalidade madura, abraçou a vida monástica no monte Sinai, tendo como preceptor um padre ancião⁶. No desterro, viveu humilde e penitentemente, tendo ao seu padre espiritual como perfeito amestrador. Diz a biografia que era sobretudo admirável ser ele um conhecedor das artes liberais⁷ a aprender com um homem sem instrução, coisas da rusticidade celestial (fól. 122r).

Depois de 19 anos vividos sob obediência daquele velho padre, dispôs-se à vida solitária, a cinco milhas de distância do monastério, no ermo. Nesse lugar, chamado Thola⁸, morou 40 anos a cultivar as virtudes e a batalhar contra os vícios e pecados. Desse período, pouco se tem a dizer, por não ter havido testemunhas. Não saía do ermo, nem falava com outros, salvo raras vezes. Comia e dormia pouco, e dedicava-se à oração, à contrição e a reunir e ordenar os livros de outros solitários⁹.

Aconteceu que um outro solitário, de nome Moisés, desejando seguir seu exemplo, rogou por intermédio de outros santos padres que o recebesse por seu discípulo. Vencido pela insistência, João Clímaco o recebeu.

Consta que certa vez João Clímaco pediu a esse seu discípulo que fosse a algum lugar buscar terra para uma horta¹⁰. Moisés o atendeu prontamente. Era um dia de agosto, e ao meio-dia, pelo calor que fazia e pela fadiga, ele se abrigou sob uma penha e adormeceu. Seu mestre, que estava a orar na cela, também foi tomado de um breve sono e teve uma visão de um santo

⁴ Nos manuscritos de *Escada Celestial* e na biografia por Daniel de Raytu, Clímaco é também chamado de São João Escolástico. Por extensão, pode-se aplicar o epíteto a um pensador que elabora uma filosofia em função de uma doutrina religiosa ou ao seguidor de uma doutrina que permanece em pensamento acrítico, ortodoxo, tradicional (HOUAISS, 2002) ou, ainda, a indivíduos de notável cultura (Cf. ENCICLOPEDIA DE LA RELIGIÓN CATÓLICA, tomo III, p. 618).

⁵ Tebaida, Egito (?).

⁶ Cf. TREVISAN (*ibid.*), de nome Martírio.

⁷ Segundo ZILLES (1996, p. 17), o conteúdo do ensino, à maneira romana, compreendia as sete artes liberais: Gramática, Retórica e Dialética (o *trivium*), e Geometria, Aritmética, Astronomia e Música (o *quadrivium*). Esse modelo foi adotado na reforma do ensino empreendida por Carlos Magno (séc. VIII).

⁸ Atualmente, Wadi el Tlah (cf. ALMEIDA, 2001, p. 116).

⁹ MARTINS (1962, p. 182) propõe que pôr em ordem os livros e tabuinhas de escrever fosse sua função no eremitério. No ms está: "aconchava os líuros dos outros solitários" (fól. 123). Para corroborar a sua interpretação, MARTINS (*ibid.*) sugere que o verbo seja, de fato, 'aconchavar' (na acepção de 'reunir, juntar').

¹⁰ No ms. alc. 213, a expressão correspondente é "fazer almoynha" (fól. 124r). Na tradução do grego para o italiano, TREVISAN (*ibid.*) utiliza "coltivazione degli ortaggi", e MARTINS (*ibid.*), em nota, faz equivalência a "um cerrado ou quintal murado".

ancião que o repreendia por estar dormindo enquanto seu discípulo corria perigo. Despertando-se, João Clímaco pôs-se a interceder a Deus em favor de Moisés. Quando seu discípulo retornou, contou a seu mestre que o grande penedo sob o qual descansava por pouco não o matou, pois, por ter a impressão de ouvir o seu chamado, depressa se levantou, e, em seguida, a penha caiu. João Clímaco rendeu graças a Deus, mas não contou a seu discípulo o motivo.

Outro monge, de nome Ysaac¹¹, também recorreu a João Clímaco, por estar confuso, triste e atormentado por tentações. Após orarem juntos, Ysaac foi liberto do que o perturbava.

Algumas vezes, João Clímaco recebia pessoas, as quais doutrinava. Contudo, alguns, movidos por inveja, murmuraram a seu respeito, dizendo, pejorativamente, ser ele um falador. Para dar-lhes uma lição, João Clímaco calou-se por um ano. Seus traidores, por terem feito cessar suas preleções doutrinárias, e por verem sua temperança, envergonharam-se do que haviam dito, perderam-lhe que os perdoasse e que voltasse a falar às pessoas, e ele concordou. Houve tal comoção que, mesmo contra sua vontade, constituíram-no guardador e regedor dos irmãos, como um novo Moisés¹². Foi nomeado, então, abade do mosteiro do monte Sinai¹³, posição que ocupou até sua morte¹⁴. Os tais murmuradores arrependidos eram alguns dos monges do mosteiro de Raytu, para quem, a pedido do abade, João Clímaco escreveu *Escada Celestial*.

Essas passagens da vida de Clímaco são as que Daniel de Raytu apresenta em sua biografia, a qual ele termina dizendo, entre outras coisas: "Testemonhãça • dan de todas estas cousas • que son dictas • e escriptas • aquelles • que per elle foran cõssolados" (cód. alc. 213, fól. 125r). Há outras passagens narradas por monges contemporâneos de Clímaco, as quais, segundo Martins (1962, p. 184), são plagiadas de Anastácio Sinaíta. Estas, de menor valor biográfico, constam da edição Migne (1860, p. 608-609), mas não estão na versão medievoportuguesa do cód. alc. 213. (fóls. 122-125), pelo que não serão citadas aqui.

¹¹ O nome Ysaac é mencionado no fôlio 17r, como Padre Espiritual em um lugar denominado Cárcer. Trata-se de Isaac de Nínive (vd. respectiva nota, no fôlio editado). Quanto ao que é citado na biografia, não se pode dizer se é ou não o mesmo do Cárcer.

¹² Este, o da Bíblia (Êxodo 3, 4 *et seq.*).

¹³ Segundo ALMEIDA JUNIOR (1902, p. XV), aos 85 anos. Entretanto, seria aos 75 anos, pelos dados sobre a idade com que entrou para a vida monástica (16), o tempo em que foi discípulo (19) e o que passou em vida solitária (40). Segundo TREVISAN (1941, v. 1, p. 24), Clímaco teria se tornado abade aos 60 anos, pois interpreta que aos 16 anos tenha entrado para o monastério, aos 20 tenha se tornado clérigo, e dos 40 anos seguintes, 19 deles tenha vivido como discípulo e 21 como solitário e como mestre. Parece a TREVISAN (*ibidem*, p. 18-19) que a *Escada Celestial* não é uma obra de um decrépito octogenário, mas de alguém entre 60 e 70 anos, faixa etária muito fecunda pela riqueza de experiência e pela lucidez. Conforme MARTINS (1962, p. 179-180), de certa forma, a liturgia bizantina corrobora essa hipótese, ao informar que Clímaco entrou para o monastério aos 16 anos, tornou-se eremita aos 19 e foi eleito abade após 40 anos de vida solitária.

¹⁴ Cf. TREVISAN, 1941, v. 1, p. 24. MARTINS (1962, p. 179) afirma que o mosteiro em que João Clímaco foi abade é o de Santa Catarina do Monte Sinai, criado por Justiniano no séc. VI e ativo até os dias atuais. Nesse mosteiro, no séc. XIX, foi encontrado o *Codex Sinaiticus*, manuscrito do séc. IV com passagens do Antigo Testamento, o texto integral do Novo Testamento e mais dois outros textos. Alguns manuscritos gregos da *Escada Celestial* também fazem parte do acervo desse mosteiro (Cf. MARTIN, 1954).

1.2.2 Obras

Os monges se ocupavam nas orações, nos vários estudos e em trabalhos manuais. O estudo era naturalmente de poucos, daqueles que tinham mais talento e inclinação para as ocupações intelectuais¹⁵. É provável que Clímaco tenha estudado antes mesmo de entrar na vida religiosa, como sugerem as palavras de Daniel de Raytu (fól. 122v-123r):

Eaquello que he sobre todo mais de maraujlhar • qua auêdo el *compridamête* • aesperiência • da sabedoria • da<<s>> artes liberáães //• aprendia de hũũ ydoneo ydoata¹⁶ • as cousas da Rustíguesa çelestial //• aqual cousa he muý gloriosa e maraujlhosa Mas raras vegadas e poucas /• estas cousas acôteçen Por que o tumor do filosof{ {o} }ia¹⁷ • o qual he muýto sen Razon nõ se achega aasínprezidade de Jhesu christo

Costumeiramente, Clímaco era visitado em sua clausura por outros monges em busca de sua instrução (fól 124r). Também era seu costume visitar mosteiros, como narra em seu próprio texto - *Escada Celestial*. Desse modo se deu a sua fama. Os estudos de Clímaco versavam sobre as Escrituras Sagradas, sobre os santos padres antigos – como exemplos de vida aos monges –, e sobre filosofia moral, dos quais há reflexos em *Escada Celestial*.

Segundo Trevisan (1941, p. 25), entre as obras de Clímaco, alguns citam comentários sobre os evangelhos de Mateus e de Lucas (dos quais, porém, não restou nada), e cartas a monges, as quais se encontram perdidas. Escreveu também uma carta a Gregório Magno, como se deduz da resposta que lhe deu esse papa¹⁸. Mas nem dessa sua carta tem-se o texto. Aos nossos dias chegaram, entretanto, a *Escada Celestial*, a carta em resposta ao abade de Raytu que a encomendou, e o *Livro ao Pastor*, que é uma espécie de apêndice, um complemento, o coroamento da *Escada*, formando com ela unidade lógica¹⁹. O *Livro ao Pastor* delineia os ideais de Clímaco, e é dedicado ao seu amigo e abade de Raytu. Essas obras subsistentes fazem parte do códice alc. 213, em português do séc. XV, das quais a *Escada Celestial* é a mais difundida.

1.3 DADOS DA TRADIÇÃO MANUSCRITA E IMPRESSA DE *ESCADA CELESTIAL*

1.3.1 Informações Gerais

A reconstrução da história da transmissão desse texto tem por finalidade reunir informações – até então dispersas – para dar a conhecer um pouco de seu percurso de catorze

¹⁵ Cf. TREVISAN, 1941, v. 1, p. 24-26.

¹⁶ Esse vocábulo reaparece corrigido para <yd<<i>>oata> no fól. 125v (carta do abade João de Raytu a João Clímaco). Pelo contexto, provavelmente a acepção desse vocábulo é a mesma da forma moderna *idiota*: pessoa sem instrução, ignorante em determinado aspecto.

¹⁷ A letra <o> foi subpontilhada no ms., indicando sua supressão.

¹⁸ Cf. TREVISAN (*ibid.*), texto presente em Migne, P. G., vol. LXX, 1. XI, ep. 1.

¹⁹ *Ibidem*, p. 38.

séculos desde que seu autor o pôs em grego, e verificar, quando possível, indícios de interferências causadas pelos processos de tradução e cópia. Portanto, no presente estudo, não se tem a pretensão de descrever com exaustividade a cadeia de transmissão desse texto – o que mereceria um estudo à parte, dada a sua vasta tradição –, mas deseja-se apenas dar notícia das versões manuscritas e impressas que se pôde apurar, estabelecendo relação entre elas quando for possível.

O texto *Escada Celestial*, tratado ascético também chamado de *Como havemos de fugir do mundo* (cf. EC, fól 4r), é uma obra riquíssima em termos de transmissão. Desde que João Clímaco a escreveu em grego a pedido de outro João, abade do mosteiro de Raytu, esse texto encontrou grande aceitação e se espalhou em diversas cópias e traduções. Obras sobre patrística dão notícia de que há, pelo menos, 33 manuscritos gregos, um grande número de traduções latinas, além de traduções em diversas línguas. A fim de citar algumas delas nomeadamente, além da consulta à bibliografia sobre patrística, fez-se um levantamento em bibliotecas nacionais e universitárias por meio de catálogos *on-line*, o que possibilitou obter dados concretos e atuais sobre testemunhos existentes²⁰. Entretanto, devido aos recursos que esse tipo de apuração requer da biblioteca e do investigador²¹, deu-se maior ênfase à tradição impressa em grego, latim e línguas românicas²², deixando de fora outros ramos, como as traduções em russo, árabe, siríaco, etc.

Em grego, como foi dito, há notícia da existência de 33 manuscritos, os quais se encontram na Biblioteca Apostólica Vaticana e na do Mosteiro de Santa Catarina, Monte Sinai (Egito), conhecidas por possuírem os maiores e mais importantes acervos de manuscritos antigos. A existência de tais mss. é confirmada por Martin (1954)²³, que estudou as iluminuras dos 33 manuscritos gregos da *Escada Celestial*. Das edições que se tem notícia, houve uma em grego vulgar²⁴, feita por Margonius, bispo de Cytheréa, impressa nesta mesma cidade em 1590²⁵.

Em 1633 o texto grego novamente foi publicado, com o texto latino ao lado, sob responsabilidade de um jesuíta de nome Matthaeo Radero: "*Iohannes Climacus, Tou en hagiois*

²⁰ A fim de tornar esse levantamento conciso, mas sem omitir informações, doravante os títulos das traduções, as datas e o tradutor (eventualmente) são indicados no corpo do texto, e em nota de rodapé são dadas as demais informações retiradas do colofão ou da imprensa, ou da ficha catalográfica. Em seguida, precedidos por uma seta, são indicados acervos em que há exemplares, por meio das seguintes siglas: BNB (Biblioteca Nacional do Brasil); BNP (Biblioteca Nacional de Portugal); BNF (Biblioteca Nacional da França); BAV (Biblioteca Apostólica Vaticana); BNE (Biblioteca Nacional da Espanha); BP (Biblioteca Pública), seguida de indicação da cidade (Espanha); RLPV (Red de Lectura Pública Valenciana - Espanha); LC (Library of Congress - USA); CES-ISI (Biblioteca do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus - Instituto Santo Inácio - BH/MG - Brasil); BUFGM (Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais - acervo geral); BUPUC (Biblioteca Universitária da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais). Com isso, pretende-se não sobrecarregar o texto de informações, deixando o detalhamento em nota para que o leitor interessado consulte.

²¹ Como entraves a esse tipo de levantamento, podem ser citados, como exemplos, a necessidade haver de catálogos *on-line*, a capacidade de leitura em vários idiomas, inclusive com alfabetos distintos.

²² Além dessas, citam-se apenas as traduções recentes em inglês (sécs. XVII e XX).

²³ Trata-se do livro *The Illustration of the Heavenly Ladder of John Climacus* (ed. esgotada), de John Rupert Martin, o qual é citado em DUFFI (1999) e em catálogos *on-line* de algumas bibliotecas no exterior.

²⁴ Tal edição não foi localizada na presente pesquisa.

²⁵ CEILLYER, Dom Remy. *História Geral dos Autores Sagrados e Eclesiásticos*. Paris: Louis Vivès, 1882. Tomo XI, p. 676-695 (*apud* ALMEIDA JUNIOR, 1902, p. III).

patros hemon Ioannou Scholastikou tou egoumenou tou hagiou orous Sina Hapanta"²⁶. Essa versão bilingüe foi reeditada em 1860 na Coleção Migne²⁷.

Em 1883, são publicadas duas edições da obra: "*Klimax tou hosiou patros hemon Ioannou kathegoumenou tou Sinaiou orous to proton ede ekdotheisa hellenisti hypo tou en hagio orei Atho para te megiste laura Sophroniou eremitou epi te basei membraïnon cheiographon tes en to agionymo orei hieras mones tou hosiou patros hemon Dionysiou*"; e "*He Nea Klimax, metaphrastheisa ek tes hellenikes eis ten koinoteran ton kath'emas Hellenon dialekton hypo Hieremiou archimandritou Sinaitou tou Kretos, kai hypo tou idiou to proton typois ekdotheisa en hetei 1774 en Benetia*"²⁸.

No Oriente, essa obra foi muito difundida, e rapidamente; mas no Ocidente foi ignorada até aproximadamente 1250, quando foi feita uma versão em latim, não se sabe por quem, e que se perdeu muito cedo²⁹. Em 1300, Ângelo Clareno fez uma versão latina³⁰, da qual há cópia no cód. alc. 387³¹. Em meados do século XV, outra versão latina foi feita por Ambrósio Traversari, dito 'o camaldulense'³², da qual encontram-se algumas edições: "*Ioanni Climaci... Scala paradisi item Sophnonii, Patriarchae Hierosolymitani, Patrum spirituale; omnia ex graeco ab Ambrosio Camalduensi... latina facta...: & brenibus annotationibus opera Michaelis Isseltij illustrata*", de 1583³³, 1601³⁴, 1624³⁵.

Há duas edições latinas as quais não foi possível saber com certeza se advêm da tradução de Ambrósio ou se tem outra origem: "*Scala paradisi, auctore Joanne Climacho*", de 1498³⁶; "*Scala spiritualis Sancti Joannis Climaci*", de 1505³⁷.

Em 1511, uma edição latina foi publicada por François Regnault: "*Triginta gradus celestis scale*"³⁸. Em 1518, outra edição é levada a público por Philippo Pincio, cujo título

²⁶ Lvtetiae Parisiorvm, sumptibus Sebastiani Craimoisy → BNE; BP–Zamora (Espanha); BAV.

²⁷ Patrologia Graeca: Cosmas Indicopleutes. Paris: J.P. Migne (org.). Vol. 88, p. 631-1164 → CES–ISI; [...]. (A versão italiana *Scala Paradisi* (1941) se baseou no texto grego dessa edição de J. P. Migne).

²⁸ En Konstantinoupolei, K. A. Bretos, 1883 (ambas as edições) → BNF; BAV.

²⁹ Cf. TREVISAN, 1941, v. 1, p. 28.

³⁰ Essa tradução deu origem à versão portuguesa (cód. alc. 213), da qual se apresenta edição neste trabalho. Tal relação é estabelecida no prólogo desse testemunho português. Contudo, MARTINS (1961, p. 407) lança dúvidas de que a cópia da tradução latina alcobacense (cód. alc. 387) tenha sido a fonte do texto português, devido a algumas discrepâncias no cotejo de alguns trechos, que corresponderiam a omissões no texto português (sobre tal fato, comenta-se mais adiante (vd. tb. o ANEXO C)).

³¹ Assim como o testemunho português do cód. alc. 213, esse testemunho latino encontra-se no Fundo Alcobacense (BNP). Conforme MARTINS (1956, p. 274), tal versão latina teria sido copiada por volta de 1409, por um *frater monachus alcobatiae*, Frei Martinho.

³² A tradução feita por Ambrósio (bispo de Milão) deu origem a várias edições espanholas feitas por Frei Luis de Granada (1504-1588).

³³ Coloniae Agrippinae: in officina Birckmannica (resp.: Michael von Isselt) → BP–Toledo (Espanha); BNF; BNP.

³⁴ Coloniae Agrippinae: in officina Birckmannica. Sumptibus Arnoldi Mylij → BP–Palma de Mallorca (Espanha); BNF.

³⁵ Colonia Agrippinae: Sumptibus Bernardi Gualtheri. → BNE; BNF.

³⁶ (Parisiis): D. Roce → BNF.

³⁷ "Impressu[m] in regali ciuitate Toletana : isui (sic) Reuere[n]dissimi ... Fra[n]cisci Ximenes" → BP–Burgos e BP–Toledo (Espanha); BNP.

³⁸ [Parisiis] François Regnault → BAV.

semelhante e proximidade cronológica com a anterior sugerem a necessidade de se investigar uma possível relação: "*Triginta gradus scale celestis, noviter emendata, ac impressioni traditi*"³⁹.

De uma publicação, feita por Dionísio Cartusiano (comentarista e tradutor da obra, 1402-1471), sabe-se que se trata de uma glosa⁴⁰: "*D. Dionysii Carthusiani enarrationes doctissimae in librum D. Iohannis Climaci Abbatis, vere aureum, qui inscribitur ... sive scala paradisi, nunc primum in lucem aeditae*", 1540⁴¹.

Na Biblioteca Apostólica Vaticana há um manuscrito latino do séc. XVII, com o título "*Sancti patris nostri Ioannis Climaci De scala paradisi*", sem identificação do copista ou datação precisa⁴².

Matthaeo Radero, como já foi citado, publicou, ao lado do texto grego, uma versão latina, "*Sancti Patris Nostri Ioannis Scholastici... Opera Omnia / interprete Matthaeo Radero, Societatis Iesu...*", em 1633⁴³, reeditada na Coleção Migne, em 1860⁴⁴.

Em italiano, segundo Trevisan (1941, p. 29), a *Escada Celestial* foi traduzida pela primeira vez por Gentile da Foligno, contemporâneo e discípulo de Ângelo Clareno, e publicada em 1491, em Veneza, por Matteo de Parma. No ano seguinte foi republicada por Cristoforo de Mandello, edição que apresenta muitas variantes e erros⁴⁵.

Da versão latina de Ambrósio Traversari foi feita uma versão italiana por um tradutor anônimo, publicada em 1545⁴⁶: "*Iohannes Climacus, Sermoni di S. Giovanni detto Climaco nuovamente da correttissimi esemplari greci e latini, nella volgar lingua fedelmente tradotti ... Aggiuntovi anchora la vita del glorioso anacorita santo Onofrio*". Essa foi reimpressa em 1570 por Ferrentilli, sempre em Veneza⁴⁷. Nessa cidade, em 1585, nova edição foi feita por Marinelli, a qual se apresenta com linguagem mais arcaizante que a de outras publicações contemporâneas, e cheia de erros⁴⁸. Em Milão, no mesmo ano de 1585, foi feita outra edição⁴⁹. Em 1607, nova

³⁹ [Venetiis, a Philippo Pincio, 1518] → BAV.

⁴⁰ Afirmção de Frei Luis de Granada, em dedicatória ao leitor cristão, na edição que publicou da obra em 1562 (*apud* ALMEIDA JUNIOR, 1902, p. X), a qual será comentada adiante.

⁴¹ Coloniae: ex officina Melchioris Nouefiani (resp. Melchior von. Neuss, imp.) → BP–Cáceres (Espanha); BAV. Esse trabalho serviu de apoio para o tradutor da obra para o espanhol, Frei Luis de Granada, como ele próprio declara na edição de 1562, em dedicatória ao leitor cristão (*apud* ALMEIDA JUNIOR, 1902, p. X).

⁴² Vat. lat. 14672, ff. 35r-194v.

⁴³ Lutetiae Parisiorum: sumptibus Sebastiani Cramoisy → BP– Zamora (Espanha); BAV.

⁴⁴ Sancti Patris nostri Joannis Scholastici, vulgo Climaci... opera omnia... Patrologia Graeca: Cosmas Indicopleutes. Paris: J.P. Migne (org.). Vol. 88, p. 631-1164 → CES-ISI (e vários outros acervos).

⁴⁵ Cf. TREVISAN (*ibidem*). Dessas duas edições de 1491 há cópia entre os incunábulos da Biblioteca Palatina di Parma. Na Biblioteca Nacional (França) há uma reprodução fac-similar da edição de 1492, disponível em arquivo eletrônico. Há notícia de que houve três outras edições da tradução de Gentile da Foligno em Veneza – 1474, 1478 e 1517 –, além de um ms. de 1351 em Florença, na Biblioteca Riccardiana (Cf. AUW, Lídia. *Angelo Clareno et les spirituels italiens*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1979 *apud* ALMEIDA, 2004, p. 266). Localizaram-se, ainda, nos acervos eletrônicos, dois mss. trecentistas: um na Biblioteca em Livorno (Biblioteca dei Cappuccini Pr.7.12 XIV.2, fols. 1r-84v, mutilado (vd. amostra no ANEXO A)) e outro em Lucca (Biblioteca Statale 1282 - XIV terzo quarto (fols. 1r-146v)).

⁴⁶ In Venetia [per Giovanni de Farri et fratelli] → BAV.

⁴⁷ Sermoni ... Con l'allegationi della Sacra Scrittura ... Vinegia, F. de' Franceschi → BAV.

⁴⁸ Avaliação de TREVISAN (*op. cit.*). A Biblioteca Palatina di Parma e a Biblioteca Apostólica Vaticana possuem cópias.

⁴⁹ Sermoni di S. Giovanni Climaco ... Milano, Tini, 1585 → BP–Palma de Mallorca (Espanha); BAV.

edição em Veneza⁵⁰. Após essas, foram localizadas edições italianas apenas nos sécs. XIX e XX: "*La Scala santa, ossia I gradi per salire al cielo*", traduzida e revisada por Agostino Ferrara, 1866⁵¹; "*La scala del paradiso di s. Giovanni Climaco*", por Antonio Ceruti, 1874⁵²; "*Scala paradisi*", por Pietro Trevisan, com o texto grego da edição de Migne (1860) ao lado, 1941⁵³; "*La scala del Paradiso*" 1955⁵⁴.

Em espanhol, há notícia de dois manuscritos e várias edições. Segundo Askins, Faulhaber & Sharrer (2006)⁵⁵, há dois testemunhos parciais da *Escada Celestial* em espanhol: um, 09 capítulos (fóls.1r-70r) no ms. M-172 da biblioteca de Menéndez Y Pelayo, em Santander, copiado no séc. XV, com o título "Crimaco"; o outro no monastério de San Lorenzo de El Escorial, ms. a.II.17 (fóls. 56v-71v), também do séc. XV, com o título "Clímaco". Se há outras cópias, e integrais, não se pôde apurar. Entretanto, a tradição impressa é extensa, graças ao empenho de Frei Luis de Granada (1504-1588), que tinha um apreço especial pela obra.

Houve duas outras versões espanholas antes das de Frei Luis de Granada, como ele próprio declarou na edição de 1562, em dedicatória feita à Rainha de Portugal, D. Catarina⁵⁶. Para ele, ambas tinham uma linguagem obscura e difícil, razão pela qual resolveu romanceá-las. Entretanto, viu-se tantas vezes forçado a recorrer aos originais (a versão latina de Ambrósio Traversari), que decidiu fazer nova tradução⁵⁷. A esse respeito, ele declarou que se a alguém parecer que estes livros não deveriam ser postos em vulgar, por não conservarem na tradução a graça do original, a isto se responde que é necessário haver livros santos e devotos em língua tal, que possam ser entendidos. A natureza das intervenções que fez é explicitada na dedicatória ao leitor cristão, quando diz que, sendo algumas passagens autorais tão obscuras quanto profundas, por vezes teve de deixar o ofício de intérprete e tomar o de parafrasta, estendendo a brevidade das sentenças e, em outras poucas situações, suprimindo ou acrescentando palavras para melhor inteligência⁵⁸. Sua versão é conhecida pelo título (com algumas variações): "*Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos*". Foram localizadas as seguintes edições: 1562⁵⁹, 1568⁶⁰, 1568⁶¹, 1569⁶², 1570⁶³, 1571⁶⁴, 1571⁶⁵, 1576⁶⁶, 1582⁶⁷, 1583⁶⁸,

⁵⁰ Sermoni ... Venetia, P. Bertano. → BAV.

⁵¹ Napoli, Sarracino → BAV.

⁵² Bologna, G. Romagnoli → BAV.

⁵³ Torino: Società Editrice Internazionale, 1 - Corona Patrum Salesiana, serie greca, vol. VIII. (Edição várias vezes mencionada no presente estudo) → BUFGM; CES-ISI; BAV [...].

⁵⁴ Por Ignesti Camaldolese O.S.B. Siena: Cantagalli → BAV.

⁵⁵ <http://sunsite.berkeley.edu/PhiloBiblon/phhm.html>.

⁵⁶ Cf. tradução de ALMEIDA JUNIOR, 1902, p. V.

⁵⁷ Há uma proposta de estudo da tradução da *Scala Paradisi* por Frei Luis de Granada, apresentada por Rusalleda, da Universidad Autónoma de Barcelona (RUSCALLEDA, Enrique Mallorquí. Esbozo para un estudio de la traducción de la Scala Paradisi de Juan Clímaco elaborada por Fray Luis de Granada. In: CONGRESO INTERNACIONAL "CRISTIANISMO Y TRADICIÓN LATINA", 1, 2000, Málaga. *Atas...* Madrid: ediciones Laberinto, 2001 (ISBN: 8484830179). Disponível em <<http://www.anmal.uma.es/anmal/numero6/indice6.htm>>. Acesso em: 29 ago. 2006).

⁵⁸ Cf. tradução de ALMEIDA JUNIOR, 1902, p. X.

⁵⁹ [Impresso en Lixboa]: en casa de Ioannes Blauio de Colonia → BNB; BNP; BP-Palma de Mallorca (Espanha)).

1585⁶⁹, 1596⁷⁰, 1598⁷¹, 1612⁷², 1757⁷³, 1769⁷⁴, 1771⁷⁵, 1782⁷⁶, 1922-1925⁷⁷, 1998⁷⁸. Essa profusão de edições tem uma explicação histórica: a Reforma Católica – ou Contra-Reforma – na qual Frei Luis de Granada estava engajado⁷⁹. Ao lado de um *Index Librorum Prohibitorum* era necessário promover a leitura de autores legitimamente católicos, como uma maneira de reafirmar dogmas⁸⁰.

Pôde-se localizar duas edições anteriores às de Frei Luis de Granada, as quais são, possivelmente, as que ele tentou romancear: "*Sant Juan Climaco que trata delas tablas y escalera spiritual, por donde han de subir al estado dela perfeccion*", 1504⁸¹, reimpressa em 1520⁸², sob o título "*Vitas patrum en Romance*"; e "[*Libro llamado Escala espiritual, la cual contiene treinta escalones por medio de los quales podian los que quisieren subir desde el menosprecio del mundo y pequenez en Christo hasta la cumbre de la perfeccion y perfecta libertad de hijos de Dios / San Juan Climaco*]", 1553⁸³.

Em 1537 a *Escada Celestial* foi impressa em espanhol no México – o primeiro livro impresso nas Américas⁸⁴. Segundo W. Martins (2002, p. 290), essa publicação da tradução castelhana feita por frei João da Madalena ocorreu um ano antes – 1536 – e, por não haver nenhum exemplar supérstite, sua existência apenas se atesta através das referências de José Toribio Medina⁸⁵. Frei Luis de Granada, ao afirmar que havia apenas duas edições da obra em

⁶⁰ Impresso ... en Alcalá de Henares: en casa de Sebastián Martínez →BP–Palma de Mallorca (Espanha)).

⁶¹ En Salamanca: en casa de Andrea de Portonarijs [...] → BP–Logroño (Espanha)).

⁶² Impresso... en Salamanca: en casa de Mathias Mares → BP–Toledo (Espanha); BNP.

⁶³ En Alcalá de Henares : en casa de Andres de Angulo → BAV; BP–Palma de Mallorca (Espanha).

⁶⁴ En Alcalá de Henares [Espanha]: en casa de Sebastian Martínez →BNB; BNP.

⁶⁵ En Salamanca [Espanha]: Por Mathis Gast. → BNB; BNP; BAV.

⁶⁶ Alcalá de Henares : en casa de Hernan Ramirez, : a costa de Pedro del Casar. → BNP.

⁶⁷ En Seuilla: en casa de Andrea Pescioni. → BNP.

⁶⁸ Valladolid: por Diego Fernandez de Cordova, : a costa de Pedro Landri. → BNP; BNF.

⁶⁹ En Medina del Campo: por Pedro Landry, : por Francisco del Canto. → BNP.

⁷⁰ Impresso en Alcalá de Henares : en casa de Iuan Gracian [...] → BNE; BNB [?]; BP–Palma de Mallorca; RLPV.

⁷¹ Impresso en Barcelona: en casa de Jaume Galuan : a costa de Bernat Cussana [...] → BP–Palma de Mallorca (Espanha).

⁷² En Madrid: por Iuan de la Cuesta: a costa de Iuan Berrillo [...] → BP–Palma de Mallorca; BNE; BNP.

⁷³ In: Obras del V.P.M.F. Luis de Granada del Sagrado Orden de Predicadores ... : tomo XV que contiene La escala espiritual de S. Juan Climaco En Madrid : en la imprenta de Manuel Martin, 1757 → BP–Segovia (Espanha).

⁷⁴ Madrid: Imp. de Man. Martin. → BP–Zamora; BNE.

⁷⁵ In: Obras del venerable P. maestro Fr. Luis de Granada de la orden de Santo Domingo: tomo octavo ...

En Madrid: en la imprenta de Don Manuel Martin, y à sus expensas, se hallará en dicha imprenta, y en la Lonja de Terroba junto à la Carcel de Corte. → BP–Cáceres (Espanha).

⁷⁶ In: Obras del Venerable P. Maestro Fr\pr\s Luis de Granada de la Orden de Santo Domingo: tomo \RVIII\R, parte \RI\R: que contiene la traduccion de la Escala Espiritual, compuesta en latin por el glorioso S. Juan Climaco. Madrid: por Don Antonio de Sancha, se hallará en su Libreria, en la Aduana vieja → BP–Toledo (Espanha).

⁷⁷ In: Obras del V. P. M. Fray Luis de Granada, con un prólogo y la vida del autor por D. José Joaquín de Mora [...]. Madrid: Imp. de los sucesores de Hernando → LC.

⁷⁸ In: Obras completas / Fray Luis de Granada. Madrid: Fundación universitaria española: Dominicos de Andalucía. → BNF.

⁷⁹ Cf. introdução de *Obra Selecta* [de Fr. Luis de Granada], de responsabilidade de Revdo. Pe. Desiderio Díez de Triana. In: GRANADA, Luis de. *Obra selecta*. Madrid: 1952, p. XXIX-XXXII.

⁸⁰ Conforme Triana (*ibidem*, p. XXXIX), em 1559, até mesmo um dos livros de Frei Luis de Granada foi incluído na lista de livros proibidos, aprovado mais tarde no Concílio de Trento, após o autor efetuar substanciais modificações.

⁸¹ Toledo, s.n., 1504 → BNB; BNP; BAV.

⁸² Sevilla [Espanha]: Por Juan Varela ... 16 de maio de 1520. (Informações do colofão) → BNB.

⁸³ Impresso en Alcalá de Henares : en casa de Iuan de Mey Flandro → BP–Toledo (Espanha); BNP.

⁸⁴ Cf. Alvarez, 1992, p. 22.

⁸⁵ Cf. BUONOCORE, Domingo. *Elementos de bibliotecologia*. 2 ed. Santa Fé, Argentina: Castellvi, 1955, p. 68, *apud* MARTINS, W., 2002, p. 290.

castelhano antes da primeira que realizou, possivelmente desconhecia essa edição mexicana.

Dos tempos atuais, foram localizadas três traduções em espanhol: "*La escala espiritual o escala del paraiso*", 1990⁸⁶; "*Escala espiritual*", 1998⁸⁷; "*Lo mejor de Juan Clímaco*", 2003⁸⁸.

Na tradição francesa da *Escada Celestial*, a importância de Robert Arnauld d'Andilly (1588-1674) equipara-se à de Frei Luis de Granada para a tradição espanhola. Sua tradução foi a mais difundida: "*Traité de S. Jean Climaque des degrez pour monter au ciel*", ou "*L'Échelle sainte, ou les Degrez pour monter au ciel, composez par S. Jean Climaque...*" – título variante. Sua fonte, entretanto, não foi um testemunho latino, como a do espanhol; foi feita uma tradução a partir do grego, o que, em princípio, parece vantagem, pois elimina uma língua intermediária na cadeia de traduções. As edições dessa tradução que se pôde localizar para o presente estudo datam de 1652⁸⁹, 1654⁹⁰, 1658⁹¹, 1661⁹², 1662⁹³, 1668⁹⁴, 1670⁹⁵, 1678⁹⁶, 1679⁹⁷, 1688⁹⁸, 1707⁹⁹, 1711¹⁰⁰, 1973¹⁰¹.

Foram localizadas cinco edições e uma reimpressão de outros tradutores franceses, das quais uma edição é anterior à tradução de Arnauld d'Andilly: "*L'Eschelle de S. Jean Climacus, enrichie des plus belles fleurs du Pré spirituel*", tradutor não declarado, 1623¹⁰²; "*Oeuvres de saint Jean Climaque... comprenant l'Échelle sainte, ou les degrés pour monter au ciel, et la Lettre au pasteur*", tradução e notas do abade P. (?) da diocese de Lyon, 1836¹⁰³; "*L'Échelle sainte*", tradução do grego por Placide Deseille (1923...), 1978¹⁰⁴, 1987¹⁰⁵, reimpressa em 1993¹⁰⁶; "*L'Échelle sainte: extraits*", excertos de responsabilidade de Nicolas Molinier, 1995¹⁰⁷.

Em inglês, além de um manuscrito do séc. XVII, noticiado por Ronald Musto¹⁰⁸ (*apud* ALMEIDA, 2004), as traduções localizadas da *Escada Celestial* são todas recentes, séc. XX: "*The*

⁸⁶ Traduzida do grego por Isabel Gil Almolda, Mauro Matthei; com notas explicativas de Placide Deseille. Zamora: Monte Casino, 1990. → BNE; RPLV.

⁸⁷ Edição preparada por Teodoro H. Martín. Salamanca: Sígueme, 1998 → BNE.

⁸⁸ Compilado por Alfonso Roper. Terrassa (Barcelona): Clie, [2003]. → BNE.

⁸⁹ Paris: Le Petit, 1652 → BNF.

⁹⁰ 2. éd. Paris: P. Le Petit → BNF; BAV.

⁹¹ Paris: P. Le Petit → BNF; BNE.

⁹² Paris: P. Le Petit → BNF.

⁹³ Paris: P. Le Petit → BNF.

⁹⁴ Paris: P. Le Petit → BNF.

⁹⁵ Paris: P. Le Petit → BNF.

⁹⁶ Paris: P. Le Petit → BNF.

⁹⁷ Paris: Pierre Le Petit. M.DC.LXXIX (In: *Les Vies des Saints Peres des deserts, et de quelques saintes, ecrites par des Peres de l'Eglise, & autres anciens auteurs ecclesiastiques*) → BNF.

⁹⁸ Paris: G. et L. Josse → BNF; BAV.

⁹⁹ Paris: impr. de L. Josse → BNF; BAV.

¹⁰⁰ Paris: [s.n] → BNF.

¹⁰¹ Le Bousquet d'Orb: Monastère orthodoxe Saint-Nicolas (título variante: "*Échelle du paradis*") → BNF

¹⁰² Paris : M. Collet → BNF

¹⁰³ Lyon: F. Guyot, 1836 →BNF.

¹⁰⁴ Bégrolles-en-Mauges: Abbaye de Bellefontaine → BNF; LC.

¹⁰⁵ 2e éd. revue et corr. Bégrolles-en-Mauges: Abbaye de Bellefontaine → BNF.

¹⁰⁶ Bégrolles-en-Mauges: Éd. monastiques → BNF.

¹⁰⁷ Saint-Laurent-en-Royans (Font de Laval, 26190): Monastère Saint-Antoine-le-Grand (In: "*Vie de sainte Marie l'Égyptienn*") → BNF.

¹⁰⁸ MUSTO, Ronald. *Angelo Clareno, OFM: Fourteenth-Century Translator of the Greek Fathers. An Introduction and a Checklist of Manuscripts and Printings of his «Scala Paradisi»*. Archivum Franciscanum Historicum, An. 76 (1983), p. 229-30.

ladder of divine ascent", por Archimandrite Lazarus Moore, publicada em Nova York e em Londres em 1959¹⁰⁹; tradutor não declarado, em 1978 e 1991¹¹⁰; tradução de Colm Luibheid e Norman Russell, em 1982¹¹¹, compilada por Demetrios Serfes em 1997¹¹².

1.3.2 A tradição portuguesa

A tradição portuguesa da *Escada Celestial* é a menos extensa das aqui citadas. Há no cód. alc. 200 (fóls. 76v-125r), sob o título *Speculum Monachorum* (ou *Espelho dos Monges*), o que se pode considerar um testemunho parcial da obra, editado por Baldim (1974)¹¹³. É uma miscelânea em que os 20 capítulos iniciais (76v-103v) coincidem com capítulos da *Escada Celestial*. Uma comparação superficial do conteúdo desses capítulos permite confirmar que se basearam na obra *Escada Celestial*, o que já afirmaram Bonaventura (*apud* BALDIM, 1974, p. XXII)¹¹⁴ e Melo (*apud* BALDIM, *loc. cit.*)¹¹⁵. Segundo J. Mattoso (1969, v. 1, p. 924), os *speculum monachorum* são um gênero característico utilizado por monges beneditinos e cistercienses: pretendem resumir de modo simples e concreto os deveres elementares da vida monástica - tratados de formação espiritual rudimentar e de fundo escolástico ou jurídico.

Há o caso de uma edição em português de *Escada Celestial*, feita a partir da versão espanhola, de 1562. Trata-se de *Climax, ou Escada do Céu*, tradução de João Mendes de Almeida Júnior, 1902¹¹⁶.

Do testemunho integral em medievo-português (cód. alc. 213) não há notícia de edição anterior à que se apresenta neste trabalho¹¹⁷. Estima-se que essa tradução portuguesa tenha sido feita no séc. XV e, pelo que informa o prólogo desse testemunho, tem como base a versão latina feita pelo frei Ângelo Clareno em 1300, da qual há cópia no cód. alc. 387, cuja datação é estimada por volta de 1409, por Martins (1961, p. 403). Entretanto, ao comparar as versões alcobacenses latina e portuguesa, Martins (*ibid.*), lança dúvidas sobre a relação genética entre elas. O texto português suprime algumas frases presentes no texto latino. Mas o próprio Martins (*ibid.*, p. 407) reconheceu que "o resto foi vertido à letra, até com a periodagem recortada do mesmo modo, em pequenos troços, longe da mania perifrástica". Então, pode-se concluir que há mais razões para se crer na relação entre as cópias alcobacenses do que no contrário – se o

¹⁰⁹ New York: Harper / London: Faber and Faber → LC.

¹¹⁰ Boston: Holy Transfiguration Monastery → LC.

¹¹¹ New York: Paulist Press → LC.

¹¹² Boise, Idaho.

¹¹³ Trabalho elaborado por Augusto Baldim, sob o título "Espelho dos Monges", submetido à Universidade Federal de Santa Catarina em 1974, para obtenção do grau de Livre Docente.

¹¹⁴ BONAVENTURA, Frei Fortunati A. D. *Commentariorum de Alcobacensi Manuscriptorum Bibliotheca Libri Tres*. Conimbricæ, ex Typografia Academico - Regia - MDCCCXXVII [1827].

¹¹⁵ MELO, Arnaldo Faria de Ataíde e. *Inventário dos Códices Alcobacenses*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1932.

¹¹⁶ São Paulo: Typ. a vapor Espíndola Siqueira & C. → BUPUC; CES-ISI.

¹¹⁷ MARTINS 1961 (p. 405-407) publicou apenas o sumário e as doze primeiras linhas do cap. 2; ALMEIDA (2001, 119-121), apenas parte das rubricas; LEMOS (2004, p. 478-485), parte do prólogo e o sumário.

testemunho português não é tradução do latino, é razoável conjecturar que ao menos foi consultado (vd. ANEXO C). E, pelo que disse Frei Luis de Granada na edição de 1562 (*apud* ALMEIDA JUNIOR, 1902, p. X) sobre as dificuldades ao verter a obra para o castelhano, as quais o levaram a suprimir, acrescentar e parafrasear trechos, parece que tal prática não era estranha ao trabalho de tradução.

Diante de tal fato, a questão que paira no estudo da tradição desse texto é: após tão vasta cadeia de tradução e cópias (e as conseqüentes intervenções sofridas), o que é genuinamente de João Clímaco em *Escada Celestial*, cód. alc. 213, cópia com glosas e interpolações explícitas¹¹⁸? A Crítica Textual possui critérios para apurar o que é possivelmente autoral. Pasquali (*apud* SPINA, 1994, p. 71-77)¹¹⁹, em suas doze normas, entre outras coisas, diz que: i) a lição genuína pode conservar-se independentemente em diversos ramos da tradição; ii) a coincidência de lições em códices escritos em zonas longínquas entre si constitui uma presunção a favor da genuinidade dessas lições. Dentre vários outros pressupostos consagrados da Crítica Textual, o critério do domínio numérico, do método lachmanniano¹²⁰, também poderia auxiliar na apuração da genuinidade. Entretanto, tão vasta é a tradição desse texto que torna uma edição crítica inexequível, a não ser que houvesse esforços conjuntos de várias equipes que trabalhassem em ramos específicos da tradição – uma empreitada que não se justificaria, dada a natureza e a função particular desse texto. Contudo, cada testemunho tem valor lingüístico, literário e cultural, por trazer em si não somente aspectos da língua da época em que foi feito, mas também lições genuínas que manifestam a mundividência, usos, costumes e aspectos da sociedade medieval em um determinado período¹²¹, – razões suficientes para justificar seu estudo, independentemente da pretensão de se realizar uma edição crítica. Desse modo, sem tal aspiração, a edição apresentada neste trabalho aponta em notas explicativas o que pôde ser apurado do cotejo feito entre o facsímile do ms. (cód. alc. 213) e as edições de Almeida Junior (1902) e Trevisan (1941), visando primordialmente à melhor inteligência do texto e, secundariamente, à relação entre esses ramos da tradição, ao situar alguns *loci critici* (nomeadamente, os apontados nos fólhos 22v, 38r e 109v).

¹¹⁸ Conferir, como exemplos, linhas 15061, 14544 e 14667, que mostram que o modelo usado pelo copista já apresentava glosas. As expressões "quer dizer" e "convém a saber" também aparecem numerosas vezes no ms., mas não se pode afirmar que já existiam no modelo ou que seriam de responsabilidade do copista. As marginais ocasionais parecem ser de responsabilidade do revisor.

¹¹⁹ PASQUALI, Giorgio. *Storia della Tradizione e Critica del Testo*. Florença: Felice Le Monnier [ed.], 1952. p. XV-XIX.

¹²⁰ Para conhecimento amplo do método de Lachmann (1793-1851), SPINA (1994, p. 73) sugere a consulta à obra de PASQUALI (*op. cit.*, p. 1-108).

¹²¹ No que concerne à obra editada no presente trabalho, como amostra da relevância do conteúdo textual podem ser citadas informações como: a influência da cultura helênica e do pensamento estóico no período patrístico da Igreja (linhas 4504-4514. Cf. tb. o ideal de 'impassibilidade' na obra (*passim*)); quem era iletrado (linhas 3209-3211), e quem não era (linhas 3243-3247); o uso da astronomia e sua relação com a agricultura (linhas 8237-8243); a remotividade de técnicas laborais, como a separação de metais por mercúrio (linhas 2860-2863), ou de costumes, como as vestes negras para representação de luto (linhas 4720-4723); etc.

1.4 ORGANIZAÇÃO DA OBRA E SEU CONTEÚDO

1.4.1 Prólogo e sumário da obra

O testemunho presente no códice português apresenta prólogo e sumário dos trinta capítulos que compõem a obra (fólios 4r-5r), os quais não se encontraram em outras edições consultadas¹²², à exceção da italiana fac-similar de 1492, por Cristofaro da Mandelo, que o apresenta parcialmente (cf. ANEXO B), o que se comentará adiante.

O prólogo apresenta como tradutor da obra para o latim o frade Ângelo Clarenno (em 1300 a.D.), cuja competência em língua grega é mostrada como miraculosa, pois subitamente manifestou habilidades de compreensão, leitura e escrita. Essa é a parte do prólogo que não consta da edição italiana quatrocentista, acima citada.

Para se entender o processo de transmissão a partir desse ramo da tradição, é importante lembrar que o citado frade, franciscano, assumia uma posição radical sobre o voto de pobreza, o que causou desagrado à Igreja, tendo sofrido perseguições de toda natureza, inclusive desterro, excomunhão e tratamento inquisitorial. Os frades que partilhavam das suas idéias – os chamados "espirituais" –, constituíram uma ordem independente dentro da franciscana: a ordem dos frades menores (cf. prólogo do testemunho português, fól. 4r), ou dos clarenos. Alguns desses, diante dos extremos a que a controvérsia os expunha, retrocederam e se submeteram à ordem anterior.

Segundo o prólogo, duas foram as motivações do dito frade para a tradução: aplicar o dom em proveito de outros; traduzir o que ainda não havia em versão latina.

Há, entre as linhas 47 e 64 (fól. 4r), uma mudança da terceira pessoa do discurso para a primeira, em que sujeito da enunciação¹²³ deixa de ser o autor do prólogo para ser o próprio tradutor, no ano de 1300¹²⁴:

"buscou antre os seus líuros e uiu que erã ascõdidos aos ladinhos e por ýsso os tralladou"
(EC -Linhas 47-49 - grifo nosso)

"Sam Johã dicto cõpos dous líuros • ohũ da uída aut(i)ua • e outro da cõtenplatíua • Mais aquel da contenplatíua • achey que era tão alto de sabedoria que nõ me atreuý atraslad(a)rillo mais trasladey aqweste da uýda actíua" (EC - Linhas 53-58 - grifo nosso)

"Eaqweste trasladey / chaamente e cõ grande diligência • / Em na era do senhor • Míl e iij^c annos ã no tempo do ppapa bonifácio" (EC - Linhas 61-64 - grifo nosso)

Caso não seja um erro do autor da cópia quatrocentista, uma explicação alternativa para essas ocorrências no prólogo seria a que Lydia von Auw¹²⁵ (*apud* ALMEIDA, 2004) e Almeida

¹²² ALMEIDA JUNIOR, 1901; TREVISAN, 1941.

¹²³ Entenda-se aqui 'enunciação' por ato individual de utilização da língua pelo falante, ao produzir um enunciado num dado contexto comunicativo.

¹²⁴ As citações abaixo, como as que se seguirão, não obedecem a translineação original, a fim de facilitar a leitura.

¹²⁵ AUW, Lydia. *Angelo Clarenno et les spirituels italiens*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1979.

(2004) apresentam: a versão alcobacense derivaria indiretamente da latina de Clareno, por meio da tradução italiana feita por Gentile da Foligno, um amigo agostiniano com quem Clareno mantinha correspondência¹²⁶. Se assim for, estará explicado o uso de verbos *trasladar* e *atreverse* na 1ª pessoa e a localização temporal desses fatos no tempo do papa Bonifácio (este, o VIII - 1294-1303), pois o autor do prólogo seria o tradutor italiano, contemporâneo de Ângelo Clareno, e não o tradutor português.

Para essa hipótese corroboram 03 fatos. O primeiro é a existência de uma corrente migratória de códices apontada por Martins (1956, p. 258-261)¹²⁷. O segundo, o episódio presente no prólogo, em que Ângelo Clareno subitamente aprende grego por um milagre divino, o que o eleva da posição de segregativo e excomungado, a uma posição venerável. Georg Voit (1889, v. II, p. 99-[?])¹²⁸ alude a tal episódio quando trata da tradução latina de obras gregas por Ângelo Clareno: "Angelo da Cingoli, che «ricevette in dono speciale da Dio la lingua greca»...". Parece razoável supor que o citado evento sobrenatural fez parte do ramo italiano da tradição pela estratégia de valorização do autor da versão latina da qual se serviu Gentile da Foligno, e conjecturar uma relação entre a tradição italiana e portuguesa, pela presença do episódio em ambas¹²⁹. E, por último, corrobora o fato de o franciscano Álvaro Pais – outrora da mesma ordem de Clareno¹³⁰ na Itália e com quem se correspondeu – passou algum tempo em 1344 no Mosteiro de Alcobaça¹³¹.

Em contraposição, nas obras de referência consultadas para o presente estudo¹³², não se encontrou menção ao "episódio maravilhoso" da tradução de Clareno, nem nos manuscritos italianos trecentistas (de Gentile da Foligno) supérstites na região da Toscana, dos quais se teve notícia¹³³, nem está na edição italiana de 1492¹³⁴, do mesmo ramo. Contudo, seguindo-se o texto da edição de 1492, há notável semelhança com o texto alcobacense (alc. 213), tendo-se em conta o fato de ambos serem traduções¹³⁵. Como no texto medieval-português, encontra-se a invocação divina identificação da autoria da obra, o título alternativo "como auemo<<s>> de fugir do mudo", algumas informações sobre a obra e o sumário dos capítulos que, como no testemunho

¹²⁶ <http://www.encyclopediacatolica.com/f/fraticelli.htm>.

¹²⁷ Trecho de exemplo: "À Biblioteca de Alcobaça iam parar livros sem conta, cheios de temas comuns a toda Europa, [...] grande multidão de códices, com obras nascidas em desvairadas gentes e remotos lugares e tempos."

¹²⁸ <http://www.hellenismos.com/Articles/Voigt5.htm>.

¹²⁹ Para essa conjectura, corrobora o fato de Gentile da Foligno também haver traduzido a obra de Clareno *Historia septem tribulationum ordinis minorum*. Há notícia de mss. desse texto e uma edição de 1959 (Roma: Ed. A. Ghinato)

¹³⁰ Os já citados "espirituais" – dissidentes da Ordem dos Franciscanos que interpretavam com rigor as palavras de São Francisco (especialmente no tocante ao voto de pobreza), mesmo que desobedecessem ao papa.

¹³¹ Cf. ALMEIDA, 2004, p. 266, 267.

¹³² Dentre essas, os verbetes pertinentes nas enciclopédias católicas. A ENCICLOPEDIA Cattolica (Città del Vaticano: Enciclopedia Cattolica e per il Libro Cattolico, 1948, v. 1, colunas 1769-1770) cita as traduções de três textos gregos por Clareno, mas não menciona o suposto evento sobrenatural. Contudo, afirma que, apesar de insubordinado, foi venerado como um santo por seu caráter íntegro e altos ideais.

¹³³ Cf. acervo eletrônico da Biblioteca em Livorno, Biblioteca dei Cappuccini Pr.7.12 XIV.2, (fóls. 1r-84v, mutilado) e Lucca, Biblioteca Statale - 1282 - XIV terzo quarto (fóls. 1r-146v). Disponível em: <http://www.cultura.toscana.it/biblioteche/tutela/progetti/codex/catalogo.shtml>. Acesso em 21 ago. 2006.

¹³⁴ Cf. fac-símile em documento eletrônico da Biblioteca Nacional da França. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>.

¹³⁵ Convém lembrar que não é intenção do presente trabalho fazer um cotejo entre testemunhos, mas, quando assim se procede, objetiva-se primordialmente a inteligência do texto medieval-português.

português, por vezes, não coincide com as rubricas internas. Além desses fatos, há coincidência de trechos entre os testemunhos que reforçam a hipótese mencionada, por exemplo, no capítulo 27 a permanência de expressão "Verbi gracia" e citações em latim do Salmo 103 (vd. ANEXO C). Se o testemunho medievo-português do cód. 213 fosse tradução do testemunho latino do cód. 387, ambos alcobacenses, não haveria explicação para essa coincidência com o testemunho italiano, posto que o pretense objetivo de ambos era por a obra em 'língua vulgar'.

Ainda no prólogo, há outro erro curioso, que, se o parentesco com a tradição italiana for real, estará explicado. Entre as linhas 87-88, o copista alcobacense afirma que, dos trinta degraus, "Oprimeiro he da fe e da speranza e da caridade de uína". Na obra de Clímaco, no entanto, é "do fugir do mundo e das cousas terreaãs" (linhas 94-95). Se não for por confusão com outra *Scala coeli*, de São Jerônimo, da qual há cópias quatrocentistas em castelhano¹³⁶, também em 30 degraus, em que o primeiro degrau é a fé, poderá ser um salto-bordão feito pelo copista português, o que se pode perceber quando se compara com o mesmo trecho na tradução italiana:

Versão alcobacense (linhas 86-88)	Versão italiana (1492)
Onde se <i>conteem</i> ã este liuro trinta <i>graaõs</i> Oprimeiro he da fe e da speranza e da caridade de uína	Onde cõtine questo libro trẽta gradi. El primo sie del renuntiamer to del mondo. El trigesimo sie della fe de speranza & charita diuina.

Quadro 1: comparação entre excertos da versão portuguesa e da versão italiana

Acerca do sumário da obra, a versão alcobacense o apresenta no fól. 4v, e os títulos dos capítulos diferem das rubricas, pelo uso de paráfrase nestas ou naqueles, ou ainda por alternar a referência à virtude a ser buscada com o vício antagônico, como se pode conferir nos seguintes exemplos:

Grau / Capítulo	Sumário	Rubrica
3º	Da perfeita peregrinação [...]	De como o homem deve ser peregrino e fugir da sua terra [...]
9º	Do esquecimento das injúrias recebidas [...]	[...] de como o homem deve haver em ódio a malícia e o rancor [...]
10º	De fugir a julgar a outrem, que é cousa muito louvável	Da detração, quanto é má
11º	Do silêncio da boca [...]	Do muito falar
14º	Do jejum e da abstinência [...]	Da gargantoice

Quadro 2 - Títulos de capítulos no sumário e nas rubricas (transcrição modernizada)

Ao comparar o sumário do testemunho português com o da tradução italiana de Gentile da Foligno (edição quatrocentista)¹³⁷, nota-se coincidência da ordem dos títulos listados e grande semelhança dos respectivos comentários. A edição italiana de Trevisan (1941), derivada de outro

¹³⁶ Biblioteca do Monasterio San Lorenzo de El Escorial, sob a cota L.II.10; Madrid, Academia de la Historia, códice 101.

¹³⁷ Cf. ANEXO B do presente trabalho.

ramo da tradição (tradução feita a partir da versão grega de Radero - séc. XVII), também apresenta os capítulos na mesma ordem. Entretanto, na edição portuguesa de Almeida Junior (1902), derivada da tradução espanhola quinhentista filiada à latina de Ambrósio Camaldulense (séc. XIV), a ordem dos capítulos 17º ao 23º não coincidem.

1.4.2 Capitulação e divisão de assuntos

Uma vez que o sumário da obra acima comentado também constitui parte da edição apresentada neste trabalho, torna-se desnecessário pormenorizar a capitulação. Nesta seção, serão feitos apenas apontamentos relacionados à organização dos assuntos com vistas à progressão temática, à assimetria relativa ao tamanho dos capítulos e às falhas na numeração.

Uma vista d'olhos sobre os assuntos dos capítulos permite perceber que os 23 primeiros capítulos ressaltam a necessidade de refrear os desejos – ou 'vícios' – da natureza humana como condição para alcançar as virtudes apresentadas nos 7 últimos capítulos. O autor afirma no fól. 45r: "Todos llos outros viçios epecados • se destruen / cada hũ perlla virtude *contraíra*" (EC, linhas 6409-6411).

Trevisan (1941, p. 26-27) propõe uma divisão da *Escada* em três partes: i) afastamento do mundo e dos interesses terrenos, e entrada na religião (cap. 1º ao 3º); ii) fundamento e desenvolvimento da vida ascética (cap. 4º ao 26º); iii) a mais alta etapa da vida ascética - a iluminação divina (cap. 27º ao 30º).

Há uma disparidade de tamanho entre os capítulos. Os capítulos 4º, 15º, 25º, 26º e 27º são bastante extensos, ocupando, cada um, entre 31 e 73 colunas, enquanto outros ocupam, individualmente, entre 3 e 23 colunas aproximadamente.

Acerca das falhas de numeração dos capítulos nas rubricas, há dois fatos que convém apontar: i) dois capítulos recebem a numeração "xxiiiij^{mo}", fazendo com que a próxima numeração saltasse para "xxvj"; ii) dois capítulos foram subdivididos – o 23º (duas partes) e o 26º (três partes) –, o que fez com que o número de capítulos não coincidisse com o número de capitulares (33, já excetuadas as duas do prólogo e sumário). A falha na numeração dos capítulos não compromete a seqüência do texto, porque ao final de cada capítulo uma parte da rubrica seguinte é adiantada.

1.4.3 Relação entre o título e conteúdo doutrinário

A obra *Escada Celestial*, que rendeu ao autor seu segundo nome – Clímaco –, é designada no prólogo do testemunho medievo-português por três nomes significativos: "como auemo<<s>> de fugir do mundo" (EC, rubrica, linhas 65-67), "tauoas *spirituães*" (EC, linha 75) e "santa

escaada" (EC, linha 78). O primeiro desses nomes a identifica com vários tratados ascéticos, pelo tema comum – *contemptu mundi*, ou desprezo e renúncia do mundo –, presente, entre outras obras, no Livro de Isaac de Nínive (séc. VII), do qual uma parte circulou em latim sob o título *Liber de Contemptu Mundi* (cf. CAMBRAIA, 2000, p. 22, 37)¹³⁸. O segundo nome, "tauoas spirituãães", identifica a síntese doutrinária que essa obra apresenta às tábuas da 'aliança' ou do 'testemunho' que, segundo a tradição judaico-cristã, Moisés recebeu de Deus no Sinai¹³⁹ – região onde Clímaco compôs sua obra também. Tal analogia foi feita pelo próprio abade de Raytu, que encomendou a obra ao autor (fól. 125v)¹⁴⁰. O último nome, "santa escaada", recorda o sonho de Jacó (Gênesis, cap. 28, vers. 12); seus trinta degraus, os trinta anos da vida oculta de Jesus, que precederam aos três anos de vida pública. Essa relação está explícita nas passagens abaixo:

As santas virtudes / som asemelhadas / aa esca<<a>>da que viu Jaco<>
(EC - Linhas 5787-5789 - fól. 40v)

qua eu soon veudo a aprender • como Jacob • veerte acostada • e firmada • sobre a sancta escaada • Rogote • que digas amj̄ amador // qual he <{aquesta}> figura desancta carreira /• de tornar ao ceo • comuẽ assaber da escaada
(EC - Linhas 16175 a 16180, fól. 115v, no diálogo do autor com a Caridade)

qua nẽ hũ estado de homẽ perffeito nõ he na mj̄dida da ydade do comprimẽto de christo /• oqual na ydade visiujl dos xxx^{ta} annos foj̄ (/) baptizado En aquesta Intellectual escaada sobre o mais alto grao dos trinta
(EC - Linhas 16238-16243, fól. 116r)

A escada é por excelência o símbolo do esforço gradual para ascender à perfeição, presente nas mais diversas culturas. É possivelmente por essa razão que, dos três nomes designadores da obra em estudo, *Escada Celestial* foi o que se fixou.

1.4.4 Tema universal, intertextualidade vs. originalidade

A união de terra e céu por meio escalonado ocorre na narrativa bíblica mesmo antes do mencionado sonho de Jacó e remonta aos tempos pré-babilônicos. No episódio da construção da torre de Babel, narrado em Gênesis 11, encontra-se: "edifiquemos para nós [...] uma torre cujo topo chegue até aos céus" (vers. 4). A edificação de zigurates era costume entre os sumérios, para fins religiosos e para observação dos astros¹⁴¹. O próprio nome *Babel*, do hebraico *Bābhel*, significa 'portão de deus'¹⁴².

¹³⁸ Com o título *De Contemptu Mundi* encontram-se obras de Petrarca (séc. XIV), Bernardo de Morlaix (séc. XII), Erasmo de Rotterdam (séc. XVI), Papa Inocêncio III (séc. XIII).

¹³⁹ Cf. Êxodo 31:18 e 34:28,29.

¹⁴⁰ No referido fólho, está: "que mãe a nos yd<<i>>oatas algũ bem e doutrina daquello que en deus as visto e cõtenprado • qua assy como en este meesmo monte pelo teu passado vyo moyses contẽprador adeus • e nouas tauoas de deus ouue escriptas pera saluaçõ do poboo".

¹⁴¹ Cf. ZIGURATE. In: Houaiss, 2002.

¹⁴² Esse nome se tornou sinônimo de 'confusão' ou 'mistura', pela etimologia popular baseada numa raiz hebraica similar, *bālal*, com tal acepção (Cf. DOUGLAS, J.D. (org.), *O novo dicionário da Bíblia*, v. 1, p. 177).

Chevalier *et al.* (2003)¹⁴³ apresentam diferentes aspectos do simbolismo da escada que merecem atenção; dentre os quais, está o de símbolo das permutas e das idas e vindas entre o céu e a terra, a noção de um contato primordial entre essas dimensões que teria sido posteriormente interrompido, além de suporte imaginário para ascensão espiritual como transcendência da natureza humana. Assim, como permuta, tem-se no *Paraíso* de Dante: "vi em seu centro uma escada de ouro que se elevava tão alto que a mais atilada vista não lhe poderia perceber o fim. Pelos degraus dessa escada desciam tantos lumes brilhantes que fui levado a pensar que ali se houvessem concentrado todas as luzes do Céu"¹⁴⁴. Como exemplo das idas e vindas entre céu e terra, tem-se na escada do sonho de Jacó, narrada no capítulo 28 de Gênesis, anjos subindo e descendo e o próprio Deus se pondo próximo a Jacó para proferir-lhe uma bênção, pelo que Jacó, despertado, exclama: "Quão temível é este lugar. É a casa de Deus, a porta dos céus" (vers. 17). Tal narrativa tipifica, na interpretação de muitos cristãos, a própria vinda messiânica, corroborada pelas palavras de Jesus no evangelho de João: "em verdade vos digo que vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem" (cap. 1, vers. 51). O próprio Padre Vieira usa dessa interpretação, no Sermão do Mandato: "Revelou Deus a Jacó que naquela escada era significado o mistério altíssimo da Encarnação do Verbo, e que para ele, Jacó, [e] os outros homens poderem subir ao céu, ele, Deus, havia de descer do céu à terra"¹⁴⁵. E, por fim, como símbolo ascensional, tem-se a escada em vários textos patrísticos, como o de Isaac, o Sírio – "A escada deste reino está escondida dentro de ti, na tua alma. Lava-te, pois, do pecado, e descobrirás os degraus por onde subir"¹⁴⁶–, e especialmente o texto de João Clímaco, em que se manifesta como um gradativo desapego dos vícios e apelos da natureza humana, rumo ao ápice da elevação espiritual pelo cultivar das virtudes (vd. EC - cap. 30).

Dada a sua força simbólica, a *escada mística* é um tema recorrente na literatura cristã evocado por vários autores, além de Isaac e João Clímaco. Via de regra, é apresentada como meio que possibilita ao homem aproximar-se da perfeição espiritual pelo domínio dos desejos humanos e o exercício constante das virtudes, até seu encontro com Deus. Excetuando numerosos sermões baseados fundamentalmente na *escada de Jacó*, dentre os quais os de Gregório Magno (ca. 540-604) e Isidoro de Sevilha (560-636), encontra-se a *escada espiritual* em textos anteriores ao de Clímaco, como a de dez degraus proposta por Cassiano (ca. 360-435); a de doze degraus, da regra de São Bento¹⁴⁷ (ca. 480-547); a de trinta degraus, de São Jerônimo (ca. 342-420) – já mencionada; a *Scale Paradisi* de Santo Agostinho (354-430). De Agostinho, há um sermão em

¹⁴³ CHEVALIER, Jean *et al.*, 18ª ed., 2003, p. 378-382 *passim*.

¹⁴⁴ DANTE. Divina Comédia - Paraíso, canto XXI (para a citação foi usada uma versão em prosa, pelo que não se mencionam aqui os versos, como fizeram CHEVALIER & GHEERBRANT *et al.* (*op. cit.*, p. 378)).

¹⁴⁵ <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000001.pdf>. Nas edições digitais consultadas, não havia a conjunção <e>, acrescentada à citação, com base na edição portuguesa das obras completas do autor: VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1959. v. II, p. 397.

¹⁴⁶ *Apud* CHEVALIER *et al.*, 2003, p. 379 (não se encontrou o trecho correspondente na versão medieval portuguesa do Livro de Isaac, cód. 50.2.15 (BNB). Possivelmente, sua fonte seja o livro clássico da Igreja Oriental, *Pequena Filocalia*, um florilégio de sentenças e explicações dos santos padres antigos do Oriente. Há no dicionário de CHEVALIER *et al* referência à edição francesa (PHILIPPE, Robert. *La petit philocalie de la prière du coeur*. Trad. de Jean Gouillard. Paris, 1953).

¹⁴⁷ No cap. 7, da Humildade, há uma comparação explícita com a 'escada de Jacó', para ilustrar o duplo movimento: "pela exaltação se desce e pela humildade se sobe."

que comenta a escada da visão de Santa Perpétua, à hora de seu martírio (†203), afirmando que a cabeça do dragão forma o primeiro degrau da escada, isto é, não se começa a ascensão sem primeiramente esmagar aos pés o dragão (AGOSTINHO, Sermão, 280, 1)¹⁴⁸.

A propósito da citada visão, há um paralelo curioso entre a cena descrita por Santa Perpétua e a iconografia, muito posterior, que tradicionalmente ilustra a *Escada Celestial* de João Clímaco, como se pode ver abaixo:

"Eu vejo [...] uma escada de bronze de uma espantosa grandeza, chegando até o céu e tão estreita que só uma pessoa de cada vez pode subi-la: sobre os montantes da escada, toda espécie de ferros estão cravados; há espadas, lanças, ganchos pontiagudos, gládios; de tal maneira que, se alguém subisse descuidadamente, e sem fixar sua atenção no alto, seria dilacerado [...]. E havia, deitado na escada, um dragão de tamanho impressionante, que armava emboscadas àqueles que subiam, amedrontando-os para impedi-los de continuar a escalada. Quanto a mim, quando pisei o primeiro degrau, esmaguei-lhe a cabeça."¹⁴⁹



Fig. 1 - Ícone da *Escada Celestial* - frontispício de um ms. grego - Mosteiro de Santa Catarina do Monte Sinai¹⁵⁰

Além da semelhança entre a cena descrita e a representada icônicamente, ainda outro paralelo entre a visão de Santa Perpétua e a doutrina presente na obra de Clímaco pode ser traçado, a partir de dois pontos: sobe-se a *escada celestial* individualmente, e com os olhos fixos no topo: "Eassy como he ã possiujll [...] • em hũu esguardamento • guardar cõhũu olho ã no çeẽõ e cõ outro na terra /(•) Assy he empossiujl de nõ morre(r) / quanto • aalma Todo aquelle que dos seus parentes e dos outros nõ se faz perfectamente peregrin" (EC, fól. 10v, linhas 1142-1148). Após fugir do mundo (1º degrau) e se desapegar das coisas terrenas (2º degrau), aquele que sobe a *escada celestial* abandona voluntariamente sua terra (3º degrau), para não dar ocasião à tentação, "Porque apoma que o homẽ nõ uee nõ he tanto desejada" (EC, fól. 9v, linhas 986-987). Assim, para Clímaco, a meta do monge é a contemplação de Deus. A preocupação primordial do monge deve ser aperfeiçoar a si mesmo, e isso implica quiescência e vida solitária. Não há, na doutrina desse autor, incentivo ao apostolado (cf. J. MATTOSO, 1969, p. 860), o que só veio a mudar com a perseguição iconoclasta, no séc. X.

¹⁴⁸ Apud CHEVALIER et al., loc. cit.

¹⁴⁹ Cf. *Passio S. Perpetuae*, n. 4, apud CHEVALIER et al., 2003, p. 379.

¹⁵⁰ Cf. <http://www.serfes.org/orthodox/divine.htm>.

O próprio Clímaco sugere que sua *Escada* guarda semelhanças com textos doutrinários anteriores (vd. EC, linhas 8192-8204; 8443-8450; 8947-8949; 10365-10422; 11190-11198; 14679-14686), e, na carta responsiva ao abade João de Raytu, roga ao futuro leitor que se alguma coisa achasse proveitosa nas suas palavras, que imputasse o crédito àquele abade (cód. alc. 213, fól. 126v). Os "divinos e santos costumes e doutrinas espirituais" (fól. 126v) por ele arrolados não se pretendem originais; ao contrário, em textos dogmáticos como o seu, a originalidade é tida como perigosa, na medida em que o respaldo da tradição é desejável. A importância da idéia de autoria na Idade Média difere da atual, visto que a imitação dos bons modelos se sobreponha à busca da originalidade.

Os temas tratados na *Escada Celestial* não a particularizam dentre as obras cristãs, nem às cristãs dentre outras obras, sejam islâmicas, budistas, hindus etc. A escalada ascensional pela fuga do mundo e dos apelos terrenos, o deserto como lugar de exílio voluntário que favorece a quietude, o silêncio e a escuta necessários para o autoconhecimento, a transcendência, a consciência da efemeridade da vida pela memória da morte, o abandono dos vícios e o cultivo das virtudes fazem parte de um temário comum a diversas culturas e religiões.

João Clímaco lançou mão desses "já-ditos"¹⁵¹, ora explicitando a intertextualidade, ora não, como fizeram outros autores que o sucederam, a partir de sua obra, idéias, exemplo, ou do mesmo tema. Para ilustrar tais apropriações, pode-se citar o conto filosófico de Kierkegaard – *Johannes Climacus ou É preciso Duvidar de Tudo* –, em que, além de seu nome, traços de sua personalidade supostamente introspectiva e o hábito de construir suas reflexões como uma escada que conduz um pensamento rudimentar a um mais elaborado, caracterizam o protagonista:

Seu prazer consistia em começar por um pensamento particular, a partir dele seguia o caminho da consequência, escalando degrau por degrau até um pensamento mais alto, pois a consequência era a seus olhos uma *scala paradisi* [escala do paraíso], e a sua beatitude lhe parecia maior até que a dos anjos.¹⁵²

De igual modo, pode-se citar São Bernardo e suas duas escadas: a da humildade, com 12 degraus que conduzem à caridade e à verdade; e a da soberba, com 12 degraus que conduzem à degradação¹⁵³.

O que particulariza a *Escada Celestial* de João Clímaco é seu estilo de argumentação, caracterizado por uma espécie de 'psicologia empírica', pela compreensão que demonstra do comportamento e da condição humana e seus conflitos. O autor doutrina por meio de numerosas definições, curtos aforismos, muitas histórias que lhe servem de alegoria para seus preceitos, e, peculiarmente, pela personificação das virtudes e vícios. São numerosas as citações bíblicas, diretas e indiretas, além das menções a santos, ascetas e filósofos. Contudo, se toda sua argumentação e orientações práticas tivessem de ser ilustradas por apenas um versículo, este seria o de Mateus 11:12: "o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam

¹⁵¹ Entenda-se *repertório*.

¹⁵² KIERKEGAARD, 2003, p. 7.

¹⁵³ Cf. LEMOS, 2004, p. 479 (nota 9).

dele", contrapondo-se à idéia de Orígenes – a quem Clímaco qualifica de 'sandeu' – de que pela infinita bondade de Deus todas as almas se salvam (cf. EC, fól. 30v).

CAPÍTULO 2

EDIÇÃO PALEOGRÁFICA DE *ESCALADA CELESTIAL* (CÓD. ALC. 213)¹⁵⁴

2.1 - O CÓD. ALC. 213

2.1.1 Identificação, datação e autoria da cópia

O único testemunho medieval de *Escada Celestial* em português, de que há notícia, encontra-se no códice que pertenceu à livraria manuscrita do mosteiro cisterciense de Santa Maria de Alcobaça sob o nº CCLXXIVa (cf. SILVA NETO, 1956, p. 79)¹⁵⁵, e hoje se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa, sob a cota ALC 213.

O códice alc. 213 tem sua data estimada na segunda metade do século XV (cf. LEMOS; 2004, p. 478; MARTINS, 1956, p. 403; SILVA NETO, *loc. cit.*; ASKINS, FAULHABER, e SHARRER, 2006¹⁵⁶).

A autoria da cópia é desconhecida, pois não há identificação do copista em nenhuma parte do códice, e não há presença de colofão. Amos (1989, p.113) sugere que o códice inteiro tenha sido copiado por três mãos, sendo que a parte em que se encontra a *Escada Celestial* apresenta a escrita de um único punho.

2.1.2 Descrição codicológica

A descrição feita a seguir baseia-se nas informações apresentadas por Silva Neto (1956, p. 79), Amos (1988, p. 113-114), Almeida (2001, p. 112-123), Lemos (2004, p. 478), e no que se pôde observar a partir de cópia microfilmada¹⁵⁷, por não ter sido possível o exame do manuscrito original, o qual se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa.

¹⁵⁴ A semelhança de 'molde' com o trabalho de Cambraia (2000) não é apenas consciente, como também propositada e com anuência desse autor, dada a intenção de propiciar aos estudos diacrônicos fontes de dados distintas feitas sob critérios semelhantes.

¹⁵⁵ No microfilme do ms. é visível a numeração em algarismos arábicos (274) no plano anterior da capa, e não em algarismos romanos, como dá a entender descrições prévias, como a de SILVA NETO (*loc. cit.*), por exemplo.

¹⁵⁶ <http://sunsite.berkeley.edu/Philobiblon/BITAGAP/1029.html>.

¹⁵⁷ A reprodução fac-similar do ms. e a edição paleográfica apresentadas neste trabalho foram feitas a partir do microfilme do cód. alc. 213, adquirido pelo Prof. Dr. César Nardelli Cambraia em 11.07.2001 junto à Biblioteca Nacional de Lisboa, e cedido para este fim.

2.1.2.1 Matéria subjetiva¹⁵⁸

O cód. alc. 213 é composto de 143 fólhos de papel. A dimensão dos fólhos é de 278 x 204 mm.

Considerando o número total de fólhos, pode-se dizer que a maioria encontra-se em bom estado, embora vários borrões dificultem ou até impeçam a leitura de alguns trechos, como nos fólhos: 5r; 8v; 11r a 12r; 20r; 20v; 22r a 23v; 25r a 26v; 29r a 32v; 47r a 49v; 59r a 60v; 73v; 115v; 116r; 126v; 137r; 139r; 139v; 142v a 143r. Menos numerosos são danos como rasgos e furos: no fólho 65 há uma mancha ou rasgo no canto inferior direito, e no fólho 94 parece haver um furo na parte interna da margem inferior¹⁵⁹.

Antecedendo aos fólhos do códice, há uma folha de rosto (vd. ANEXO D) - de papel, possivelmente colocada no séc. XVIII, como foi também nos demais códices alcobacenses (Cf. ANSELMO 1926, p. 20, *apud* CAMBRAIA, 2000, p. 65)¹⁶⁰, a qual sumariza o conteúdo. Essa síntese omite o que se encontra antes da obra *Escada Celestial* nos fólhos. 1r-3v, que, segundo Amos (1988, p. 113), Silva Neto (1956, p. 79) e Lemos (2004, p. 478), são fragmentos extraídos das *Colações* de João Cassiano. Tais fragmentos são retomados nos fólhos. 141v a 143v, como indicou o copista no fólho. 3v que se faria (nota na margem inferior): "Vayte ao cabo d(e)st<e> liuro atal sinal † h(i) acharas oque mjngua d(e)sta colacom". A lista das obras também omite que o texto entre os fólhos. 126v a 141r seja excerto do *Livro das Confissões* de Martins Perez, e sugere que esse extrato talvez pertença à epístola de João Clímaco, a qual o antecede (fólho. 126r-126v). Tal excerto não tem capitulares, mas as letras de espera (13) são visíveis.

No plano anterior da capa está escrito "Cod. 274" (identificação original), na parte superior, em alinhamento centralizado. Pelo que se vê no microfilme, é possível discernir três nervuras verticais em sua extensão. No plano posterior está escrito com outro material "XV", em mesma posição e alinhamento.

2.1.2.2 Matéria aparente¹⁶¹

Dois cores de tintas foram utilizadas no códice: a vermelha, apenas para as iniciais e rubricas, e a preta para o corpo do texto (cf. SILVA NETO, 1956, p. 79; LEMOS, 2004, p. 478). Pode-se presumir que as assinaturas também fossem em vermelho, pelo que afirma Almeida (2001, p. 123).

¹⁵⁸ Expressão tomada aqui, como em CAMBRAIA (2005, p. 65), como equivalente a 'suporte material'.

¹⁵⁹ Convém esclarecer que a mancha que ocorre sistematicamente na 2ª coluna de todos os versos dos fólhos do fac-símile utilizado neste trabalho é devida a uma falha do processo de digitalização do microfilme, e em sua maioria não coincidem com danos no ms. Para contornar esse problema, foram feitas correções na edição a partir do microfilme.

¹⁶⁰ ANSELMO, António Joaquim. *Os códices alcobacenses da Biblioteca Nacional*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1926.

¹⁶¹ Expressão aqui equivalente à 'tinta' (cf. CAMBRAIA, 2005, p. 68).

2.1.2.3 Encadernação

Os 143 fólhos do códice alc. 213, distribuídos, ao que parece, em 13 cadernos em formato *in-fólio*, não apresentam reclamos. Não há assinaturas entre os 03 fólhos iniciais, nem entre os 29 fólhos finais. Há assinatura no princípio de cada caderno (exceto nos correspondentes aos fólhos citados), ora em algarismos romanos, ora em abreviatura. O último caderno assinado é o 11º, que começa no fólho 114r. Presume-se, então, que compõem 3 quínios finais os fólhos entre 114 e 143. A composição dos 13 cadernos seria de 05 sênios (I-V¹²), 08 quínios (VI-XIII¹⁰), e 03 fólhos avulsos (ou 01 fólho avulso e um bínio, do início do códice), que possivelmente fariam parte de um caderno com o texto de João Cassiano, do qual faltam os primeiros fólhos. Pelo número total de fólhos e localização das assinaturas, a composição dos cadernos completos pode ser assim exposta:

	Cadernos	Fólho inicial	Fólho final	Total de fólhos
Sênios	I	4r	15v	12
	II	16r	27v	12
	III	28r	39v	12
	IV	40r	51v	12
	V	52r	63v	12
Quínios	VI	64r	73v	10
	VII	74r	83v	10
	VIII	84r	93v	10
	IX	94r	103v	10
	X	104r	113v	10
	XI	114r	123v	10
	XII	124r*	133v	10
	XIII	134r*	143v	10

Quadro 3 - Composição dos cadernos
(*) Cadernos sem assinatura.

O códice parece ter sido feito em pelo menos dois momentos distintos e reencadernado, pois pode-se ver assinaturas riscadas dos cadernos 6º ao 11º, cuja numeração anterior era do 1º ao 6º respectivamente. Para essa hipótese, corrobora o fato de o 5º caderno terminar no meio da 2ª coluna, preenchendo o espaço restante com o esboço de uma figura humana, curiosamente num códice sem iluminuras e com o aproveitamento total da mancha nos demais fólhos.

2.1.2.4 Foliação

Há cinco numerações em algarismos arábicos no códice alc. 213¹⁶², todas na margem superior do *recto* dos fólhos, à direita, feitas por dois punhos distintos. Um punho numera do

¹⁶² Há registro de 03 algarismos romanos, como exceção, os quais serão citados adiante.

início ao fim do códice (1-143). O outro punho numera de **1 a 60** a partir do prólogo da obra até o fim do cap. 21 (fim do 5º caderno, no fólio 63v da numeração contínua do códice); de **1 a 63**, iniciando no cap. 22 (início do 6º caderno, no fól. 64r da numeração contínua do códice) e terminando no fólio único da carta responsiva de João Clímaco à João, abade de Raytu (fól. 126r da numeração contínua do códice); de **1 a 12**, a partir do 3º fólio dos excertos do livro de Martins Perez (iniciados após a citada carta responsiva, da qual se separa apenas por pontuação correspondente a ponto final <.:>, no fól. 126v da numeração contínua), encerrando no fól. 139r da numeração contínua, dois fólios antes do término dos referidos excertos (essa numeração alterna algarismos arábicos com romanos – nomeadamente, vj, x e xj); **1 a 4**, iniciando no penúltimo fólio dos excertos do livro de Martins Perez e encerrando após o término da primeira colação de Cassiano interrompida no começo do códice (fól. 3v da numeração contínua), seguida de alguns versos de louvor à Virgem Maria, que misturam latim e português.

Por meio da comparação da escrita dos punhos que fizeram a foliação e do que fez o índice da folha de rosto, é possível crer que: i) o mesmo punho que fez o índice da folha de rosto (séc. XVIII) numerou de forma contínua os fólios do códice; ii) as numerações feitas pelo outro punho são, possivelmente, contemporâneas da cópia (séc. XV)¹⁶³. Os fatos que levam a essas conclusões são os seguintes:

- a) A diferença entre o primeiro e o segundo punho a trabalhar na foliação é facilmente perceptível. Veja-se, no exemplo do fól. 43, a escrita do nº 4: < ⁴³40 >.
- b) A diferença de material de escrita das duas numerações é evidente ao exame e é, de certa forma, explicitada no índice da folha de rosto: < ^{Fol. 4 [consp. a lapis]} > (o primeiro vocábulo é de leitura duvidosa, mas a expressão "a lapis", em seguida, é inteligível).
- c) Há considerável semelhança entre a escrita dos algarismos na folha de rosto e na numeração contínua dos fólios. Vejam-se, para exemplificação, alguns casos: < ^h > (folha de rosto) e < ⁴ > (fól. 141); < ²⁵ > (folha de rosto) e < ²⁵ > (fól. 25); < ¹¹⁶ > (folha de rosto) e < ¹⁶ > (fól. 16).

As evidências acima mostram que a inclinação da escrita e a maneira de se traçar alguns algarismos distinguem os dois punhos que fazem a foliação do códice e identificam um deles ao punho responsável pelo índice da folha de rosto.

¹⁶³ Ao identificar o punho que escreveu a folha de rosto ao que numerou o códice de forma contínua, a primeira hipótese contraria a afirmação feita em Amos (1988, p.113), de que essa numeração seria atual (séc. XX). A segunda hipótese, de que a numeração que começa no primeiro fólio do texto *Escada Celestial* seria do séc. XV, é corroborada por Amos (*loc. cit.*).

2.1.2.5 Pautado e margens.

A dimensão da mancha de 216 x 152 mm. O texto é disposto em duas colunas, cuja composição varia de 36 a 48 linhas / coluna. Cada face de fólio tem em média 90 linhas.

Os traços que delineiam a pauta e as margens são visíveis em alguns fólhos. A margem de cabeça dos fólhos 5r a 125r apresenta o número e/ou título abreviado do capítulo, no caso da obra *Escada Celestial*, ou título da obra, no caso dos dois textos seguintes. Segundo Almeida (2001, p.123), repetir o fundamental das rubricas a toda largura do verso e recto dos fólhos subseqüentes é uma estratégia de agilização de consulta, pela simples abertura do códice. Pode-se dizer que essa prática também compensa, em certa medida, a falta de reclamos.

2.1.2.6 Marcas de carimbo

Com base no fac-símile, pode-se dizer que há apenas uma marca de carimbo no códice, nomeadamente a da Livraria de Alcobça, presente nos fólhos 1r e 4r¹⁶⁴. Cambraia (2000, p. 76), ao descrever essa marca também presente no cód. alc. 461, afirma que suas dimensões são de 26 x 23mm. Ao redor de um emblema não distinguível no microfilme (o qual Cambraia (*ibid*) supõe ser um escudo do Reino de Portugal), está escrito "LIVRARIA DE ALCOBAÇA".



Figura 2 - Reprodução da marca de carimbo do cód. alc. 213

2.1.2.7 Marcas d'água

Segundo Almeida (2001, p.122), Anselmo (1930)¹⁶⁵ identificou e assinalou quatro marcas-d'água nos fólhos onde se encontra a *Escada Celestial*. Uma vez que tais marcas só são visualizadas quando se consulta o original contra a luz, não se pode dizer aqui em que fólhos se encontram.

¹⁶⁴ Estranhamente, não aparece nenhuma marca de carimbo da Biblioteca Nacional (Lisboa), atual guardadora do códice, na cópia microfilmada adquirida em 2001. O carimbo dessa instituição aparece no códice alc. 461, também sob sua guarda.

¹⁶⁵ ANSELMO, António Joaquim. *Inventário dos códices alcobacenses*. Lisboa: Biblioca Nacional, 1930.

2.1.3 - Apontamentos paleográficos

2.1.3.1 - Classificação da escrita

Descrições anteriores classificam a letra do cód. alc. 213 genericamente como gótica, ou gótica híbrida¹⁶⁶. Esta última parece ser mais compatível com o que se observa da escrita nesse códice, pois é freqüente o uso de letras unciais ao lado das góticas, especialmente os grafemas <a> e <m>.

2.1.3.2 - Comentários gerais



Os apêndices A e B deste trabalho apresentam, respectivamente, os quadros dos grafemas apresentados no ms. e das abreviaturas mais freqüentes. A descrição da morfologia de cada sinal gráfico distinto é, portanto, desnecessária nesta seção. São apresentados, a seguir, apenas os fatos dignos de comentários ou que constituíram pontos de tensão na etapa de transcrição do ms.

2.1.3.2.1 Capitulares

O códice apresenta 35 capitulares. O rubricador não fez as capitulares nos fólhos 130r, 131v, 132r, 134r, 135r, 135v, 137v, 138v, 139v, 140v e 143v. Nos fólhos 141v, 142r e 142v há presença de capitulares, sem a ornamentação das anteriores e em menor módulo – altura de 03 linhas, enquanto as anteriores alcançavam freqüentemente de 04 linhas a 06 linhas, chegando até a 9 linhas (3º capítulo).

2.1.3.2.2 Alógrafos

Alguns grafemas apresentam formas distintas, dependendo da posição em que ocorrem no vocábulo. No ms. alc. 213, podem ser elencados os seguintes alógrafos contextuais:

- a) <R>/ <r> – Em posição inicial, o <ison>, fól. 13v, linha 1617), salvo em raros casos (p. ex. <ison>, fól. 36r, linha 5125;

¹⁶⁶ Cf. AMOS, 1989, p.113 (*littera gothica hybrida*); ASKINS, FAULHABER, & SHARRER, 2006 (MANID 1029); LEMOS, 2004, p. 478; SILVA NETO, 1956, p. 79.

- <Ryctonca>, fólio 30v, linha 4264 (vd. tb. linhas 5359, 5872, 7281, 7495, 9615). Em posição medial, especialmente quando a consoante é dobrada, é mais habitual a ocorrência de um <r> 'longo', como em <errado> (fólio 13v, linha 1566). Em posição final, encontram-se as variações do tipo <andar> (fólio 8v, linha 744), e <andar> (fólio 8v, linha 785), embora ambas variantes gráficas também possam ocorrer, mais raramente, em posição medial, como em <correptos> (fólio 63r, linha 8973. Vd. tb. linhas 1972 e 9028). A variante gráfica <z> pode, ainda, ocorrer sobrescrita em final de palavra e especialmente em final de linha (p. ex., <senho^z>, fólio 63r, linha 8971).
- b) <s> longo e de dupla curva – Via de regra, o <ſ> ocorre em posição inicial e medial, como em <ſifo> (fól. 9r, linha 857). O <ſ> é mais freqüente em posição final, como em <os> (fól. 8v, linha 775), mas eventualmente ocorre em posição inicial, na maioria das vezes com módulo de maiúscula (p. ex.: <ſanta>, fólio 8v, linhas 771).
- c) <m> simples e <m> caudal – O <m> finalizado à altura da linha de base, denominado aqui como simples, ocorre em posição inicial e medial, como em <mesinos> (fól. 5r, linha 193). Ocorre como minúscula, salvo em raras exceções, em posição inicial, quando é usado como maiúscula, em lugar do <M> uncial, p. ex., em <mas>, fól. 51v, linha 7301 (demais ocorrências: linhas 7355, fól. 52r; 7388 e 7414, fól. 52v; 8438, fól. 59v; 9413, fól. 66v). O <m> finalizado abaixo da linha de base, aqui denominado caudal, ocorre habitualmente no final de vocábulo, como em <ſam> (linha 59, fól. 4r). Excepcionalmente encontram-se ocorrências desses alógrafos deslocados de sua posição comum, como <m> simples no final dos vocábulos <dom> e <ſam> (fól. 4r, linhas 11 e 49, respectivamente), ou <m> caudal em posição medial no vocábulo <comphender> (linha 10861, fól. 77v).
- d) <n> simples e <n> caudal – Os alógrafos contextuais de <n>, aqui denominados simples e caudal pelas mesmas razões apresentadas acima relativas ao <m>, alternam-se igualmente aos alógrafos de <m>: <n> simples para posição inicial e medial, e <n> caudal para a posição final (p. ex., <nenhã> e <non>, linha 2184, fól. 17r). Eventualmente, esses alógrafos também ocorrem deslocados de suas posições habituais, como em <enueſtigar> (linha 12332, fól. 88v) e <ſon> (linha 467, fól. 6v. Vd. tb. linha 408). O <n> simples é na maioria das vezes minúsculo, embora haja poucas ocorrências em que apresenta módulo de maiúscula, como em <Non> (linha 9358, fól. 66r. Vd. tb. linha 9351).

Acerca dos demais casos de alografia, há carência de estudos que comprovem se são variações meramente gráficas ou se possuem algum valor distintivo ou posição preferencial de realização. A tomar como exemplo os pares <i>/<j> (ou <J>) e <u>/<v>, nota-se que alternam entre os valores consonantal e vocálico no ms. (fól. 7v, linha 581). Contudo, mesmo em uma

observação desprezenciosa e assistemática, percebe-se que o <i> e o <u> representam, mais freqüentemente, vogais; e o <j> e o <v>, consoantes. Em posição medial, percebe-se ainda, que o <j> corresponde preferencialmente a /i/, e o <J> preferencialmente a /ʒ/¹⁶⁷. Em posição inicial, o <J> alterna entre /i/ e /ʒ/. Como vogal ou semivogal, o <j> (ou "<i> longo") é mais freqüente na última posição.

Embora a cedilha sozinha esteja considerada no tópico acerca dos diacríticos, preferiu-se tratar <c> e <ç> neste tópico de alografias, pois seu uso no ms. causa variância gráfica nos vocábulos pela alternância de uso da cedilha sob o <c>, independentemente de sua posição ou da vogal seguinte, o que faz com que o mesmo vocábulo apresente <c> ou <ç> (p. ex. <distipulo>, fól. 14v, linha 1775, e <distipulos>, fól. 15v, linha 1964; <corico>, fól. 9v, linha 910, e <corico>, fól. 11r, linha 1213). Por essa razão, não é possível averiguar no ms. a hipótese de que no português arcaico o <ç> representaria o som de africada alveolar surda /ts/ e não de /s/, como é atualmente (cf. Houaiss, 2002).

As questões relativas à alografia de <M> e <A> unciais serão tratadas adiante, ao se discutir módulo e forma de maiúsculas.

2.1.3.2.3 Sinais de pontuação

A tradução latina fizera perpetuar diferentes sistemas antigos de pontuação (SPINA, 1994, p. 46; MACHADO FILHO, p. 2002, 12). No ms. em estudo há ocorrências de:

- a) Sinais freqüentes → *ponto* <•>, à altura da base das letras em todo o texto, eventualmente em posição medial (em relação ao corpo da letra), antes de <h>, <q>, <e>, <J>, <v>, <P>, <R>, <d> e <a>; *barra* </> ou <†>, conforme Machado Filho (1999) e Lima (2004), denominada vírgula suspensiva. Contudo, seu emprego difere do atual uso de vírgula <,>.
- b) Sinais eventuais → *parágrafo*, em raras ocorrências, representado nos fôls. 49r (linha 6944), 63v (linha 9043) e 101r (linha 14078) por uma figura semelhante ao ponto de interrogação deitado, seguido aos três pontos em forma de triângulo, que correspondem ao ponto final¹⁶⁸, e no fól. 11r (linha 1171), marcado por um traço vertical com o ápice curvo e um ponto em sua concavidade; *dois pontos horizontais* <••> (fôls. 14r (linha 1657), 35r (linha 4975) e 36r (linha 5111)); *dois pontos perpendiculares* <:> (fôls. 6r (linha 390), 26v (linha 3602), 35v (linha 5048), 44v (linha 6332), 116r (linha 16249)); *três pontos em triângulo* <•••> (dentre os sinais por pontos, o único com função clara: fól. 49r (linha 6944); fól. 63v (linha 9043); fól. 101r (linha 14078)).

¹⁶⁷ Constitui uma exceção interessante o vocábulo <AJnda>, freqüentemente grafado com <J> em posição medial.

¹⁶⁸ Acerca de ponto final e paragrafação, comenta-se adiante.

No ms. há variação de sobreposição e espaçamento entre a barra e ponto, ligamento entre o ponto e os grafemas próximos, especialmente a nota tironiana (dificuldade em discernir se é realmente pontuação ou detalhe do grafema), variação da altura do ponto na pauta (posição inferior e medial) e espessura do ponto. Em decorrência dessas variações, há dificuldade em determinar quantos tipos de sinais de pontuação de fato existem no ms.

Pode-se considerar que há ponto <•>, barra </> e uma variante da barra </̣>, e o restante como combinação desses três, ou um inventário relativamente extenso de sinais, como em Machado Filho (1999). Uma vez que a subjetividade é algo inescapável também no discernimento da pontuação, na transcrição do ms. apresentada neste trabalho preferiu-se transcrever como </̣> a ocorrência de ponto <•> muito próximo ou sobreposto a uma barra, e entre parênteses redondos as demais ocorrências de interpretação dúbia.

O exame da pontuação no fac-símile e não no original é outro obstáculo significativo à transcrição, pela falta de nitidez e pela possibilidade de confundir danos no suporte e acidentes de escrita com sinais de pontuação.

Lima (2004), em seu estudo sobre o emprego da pontuação medieval e os possíveis critérios que a regem – sintático, semântico, morfológico e prosódico –, afirma que a falta de edições que mantenham as características originais dos manuscritos constitui um dos obstáculos ao estudo do sistema de pontuação antiga, que só é contornado se o pesquisador obtiver cópias mecânicas dos próprios manuscritos. Espera-se, então, que a edição apresentada neste trabalho, ladeada pela cópia fac-similar, sirva também a esse interesse, pois a razão primordial de sua realização foi a constituição de *corpus* para estudos diacrônicos de diversas naturezas.

2.1.3.2.4 Sinais diacríticos

Os sinais diacríticos presentes no ms. são:

- a) Plica → de forma correspondente ao acento agudo <'>, ocorre freqüentemente sobre <i> e <j>, e sobre vogais que constituem hiato – orais ou nasais. Por exemplo: <ijúe> (fól. 5v, linha 249); <diáta> e <vúur> (fól. 6r, linhas 378 e 383); <teer> (fól. 58r, linha 8232); <Jmaáo> (fól. 59r, linha 8394); <maáo> (<mááo>, fól. 61v, linha 8709); <amjgãa> (fól. 7r, linha 502).
- b) Ponto → ocorre apenas sobre o <y>. Conforme Cambraia (2000, p. 92-93), seu uso possivelmente servia para diferenciar o <y> da seqüência <ij> (que freqüentemente apresentava plicas). Por exemplo: <foy> (fól. 4r, linha 16).
- c) Traço reto horizontal → ocorre sobre grafemas que representam vogais nasais (representado na transcrição por <~>, inclusive sobre o <y> e o <j>, como no fól. 23r, linhas 3100 e 3116),

e peculiarmente sobre grafemas que representam vogais orais que constituem hiato (representado na transcrição por <˘>). Como marcador de nasalidade, Cambraia (2002, p. 95-97; 2005, p. 122-123), explica que originalmente esse traço correspondia ao sinal abreviativo para abreviatura por sinal geral (*titulus*). Em função da síncope da consoante nasal /n/ intervocálica, fenômeno que ocorreu na evolução do latim para o português, esse sinal passou a marcar a nasalização da vogal anterior à referida consoante. No presente trabalho, contudo, constatou-se seu uso sobre vogais orais que constituem hiato – função que compartilha com a plica duplicada. Por exemplo: <terenaēs> (fól. 4v, linha 95); <frmaāos> (fól. 15r, linha 1880); <maāo> (<maão>, fól. 9v, linha 942); <anīgos> (fól. 7r, linha 497); <frmaāēs> (fól. 7v, linha 603). Assim sendo, conclui-se que tanto a plica como o traço reto horizontal podem assinalar hiato oral ou nasal decorrido de síncope de consoantes intervocálicas. Em relação à extensão, quando o traço reto horizontal recobre mais de uma vogal, total ou parcialmente, na transcrição preferiu-se posicioná-lo sobre todas as vogais envolvidas, repetindo o <˘> ou o <˘>, conforme o caso. Por exemplo: <hīā> (fól. 4v, linha 96).

- d) Traço ondulado → com uma forma próxima a <~>, transcrito por <˘>, ocorre apenas cinco vezes no ms., sendo quatro sobre numeral ordinal: <xl̃> (numeral cardinal, fól. 36r, linha 5108); <vj̃>, duas vezes <ix̃> (fól. 45r, linhas 6395 e 6400); <vbĩ> (fól. 58r, linha 8190).
- e) Cedilha → ocorre apenas – mas não sempre – sobre o <c> com valor fricativo /s/ (ou africada alveolar surda /ts/, hipoteticamente). Essa oscilação foi comentada e ilustrada anteriormente.

2.1.3.2.5 Abreviaturas

O uso de abreviaturas vem desde a época do Império Romano (Cf. CAPELLI, 1949, p. XI; BERWANGER e LEAL, 1995, p. 63; SPINA, 1994, p. 49). O sistema braquigráfico latino se difundiu em documentos romances, o que se pode facilmente verificar em mss. medievais, como os do cód. alc. 213. Encontra-se no APÊNDICE B deste trabalho a relação das abreviaturas mais freqüentes no ms. medieval-português *Escada Celestial*.

A classificação de tipos de abreviatura não varia significativamente nas obras que tratam do assunto, exceto quanto à terminologia. Para a exposição sumária de alguns exemplos, adota-se a seguir a proposta de Cruz (1987, p. 81-101, *apud* CAMBRAIA, 2005, p. 118-119):

- a) Por sinal geral – Um traço sobreposto assinala a supressão de letras: i) no interior da palavra, por contração ou síncope (p. ex., <aq̃lts>, fól. 5v, linha 298); ii) no fim da palavra, por apócope (p. ex., <ḡ>, fól. 5v, linha 293; <tem̃o>, fól. 8r, linha 709¹⁶⁹); iii) no interior e no

¹⁶⁹ Vd. tb. linhas 707, 14002.

fim da palavra, num tipo de abreviatura mista em que ocorre contração e apócope (p. ex., <conturiosam̄>, fól. 5v, linha 245).

- b) Por sinal especial – Um sinal de significação especial que especifica quais letras estão suprimidas. Esse sinal pode ter: i) significado próprio e absoluto, por referir-se sempre às mesmas letras (p. ex., a nota tironiana <ꝛ>, em textos latinos correspondente à conjunção <et>, é usada no lugar da conjunção <e> em todo o texto, com exceção de duas ocorrências não abreviadas da conjunção, nas linhas 4517 e 10075); significado relativo, por referir-se a diferentes letras, dependendo da posição em que ocorrem (p. ex., fól. 5v, <sbate>, linha 262; <scg>, linha 299).
- c) Por letra(s) sobrescrita(s) – Letras (uma ou duas) da seqüência suprimida são escritas acima da palavra, próximo ao lugar onde ocorreriam (p. ex., <out^o>, linha 243, fól. 5v).
- d) *Nomina sacra* – Trata-se de um tipo especial de abreviaturas, transmitidas de textos gregos cristãos para traduções latinas e suas derivadas. No cód. alc. 213, representa a totalidade das ocorrências de <Jhesu Christo>, ou apenas <Christo>, nas formas <Ꝛꝛ̄> e <Ꝛ̄> (linha 293, fól. 5v), consecutivas ou não. A primeira é uma variação do monograma de Jesus em grego, e a segunda é uma variação do *Chrismon*, símbolo cristão mais antigo que a própria cruz, inicialmente composto pela sobreposição das duas iniciais gregas de *Christo*, o <χ> (chi) e o <ρ> (rô) – esta, na abreviatura acima, talvez tenha perdido a haste ou sido substituída por um <o> sobrescrito¹⁷⁰. No ms. alc. 213, esse símbolo também aparece na forma <Ꝛ̄̄> (fól. 8v, linha 773). A abreviatura <Ꝛ̄̄̄>, de *Christão* (fól. 5v, linha 252), deriva dessa variação do *Chrismon*.

2.1.3.2.6 Separação nter- e intravocabular

Acerca da segmentação dos vocábulos (assim como no caso da maiusculidade), difícil haver três opiniões iguais sobre os casos dúbios, o que ocasiona certa instabilidade inevitável nesse aspecto da transcrição. Tal problema é comum em textos anteriores às primeiras obras normativas de ortografia e gramática portuguesas, e mesmo hoje ainda ocorre junção ou separação involuntária como acidentes comuns no ato de manuscruver. No ms., a própria condição da escrita manual faz com que os espaços inter- e intravocabular variem ao ponto de caber a quem edita o julgamento de separar ou não na transcrição. Há casos em que, apesar de não haver espaço regular entre dois vocábulos, fica claro que estes eram percebidos separadamente, pois o próprio copista/revisor usa barra vertical para separar vocábulos que

¹⁷⁰ Sobre monogramas e símbolos cristãos medievais, vide KOCH, [s.d], p. 28-40.

poderiam causar uma leitura errônea, se juntos. Outro sinal escribal que denota um certo critério de composição do vocábulo é o de translineação (representado por um hífen na edição apresentada a seguir), frequentemente utilizado para junção de partes de palavras separadas na mudança de linha.

Nos casos duvidosos de espaçamento intervocabular, como o das notas tironianas correspondentes a <e> e <con> (o que restou de um sistema taquigráfico antigo), e o da expressão <porque>, optou-se por separar. Na separação intravocabular considerou-se a distância entre o corpo das letras, na base e no ápice destas. Uma vez que essas interpretações têm caráter subjetivo, tentou-se manter na transcrição a oscilação que apresenta o ms, com vistas a proporcionar ao leitor o julgamento da questão, por meio da consulta ao fac-símile, na reprodução justalinear.

2.1.3.2.7 Paragrafação

No ms. em estudo, não há sinais de paragrafação, seja por recuo do texto ou por sinal de parágrafo, como o *caldeirão*¹⁷¹, ou a figura semelhante ao ponto de interrogação deitado¹⁷² – ambos análogos a um <C>, em que uma das extremidades se alonga mais que a outra¹⁷³ – exceto nos fôls. 49r (linha 6944), 63v (linha 9043) e 101r (linha 14078), em que ocorre um sinal semelhante, seguido aos três pontos em forma de triângulo, que correspondem ao ponto final¹⁷⁴. Pela sobreposição do sinal ao último ponto, a ocorrência no fôl 49r se assemelha ao que Machado Filho (1999, p. 63 e 82) denomina "positura", < : ~>, para marcar final de parágrafo ou de texto. Há, ainda, no fôl. 11r (linha 1171), um traço vertical com o ápice curvo que parece marcar o início de um parágrafo¹⁷⁵.

2.1.3.2.8 Erros de cópia

Na edição apresentada neste trabalho, os erros de cópia, conforme sua natureza, são apontados em nota ou sofrem retificação, devidamente assinalada. A título de ilustração, citam-se alguns erros escribais presentes no ms., de acordo com a categorização em quatro tipos proposta por Blecua (1990, p. 20-30, *apud* CAMBRAIA, 2005, p. 81, 82):

¹⁷¹ Cf. CAMBRAIA 2005, p. 125.

¹⁷² Cf. SPINA, 1994, p. 46; BERWANGER e LEAL, 1995, p. 65.

¹⁷³ Cf. MACHADO FILHO, 1999, p. 60.

¹⁷⁴ Cf. BERWANGER e LEAL, *ibid.*

¹⁷⁵ Há registro desse sinal como marcador de parágrafo em CAPELLI (1949, p. 412). Um sinal similar é mencionado por NÚNES CONTRERAS (1994, p. 62, *apud* VENÂNCIO, 1999, p. 38), como representação de parágrafo que evoluiu posteriormente para o *caldeirão*.

- a) Por adição – <manensymē> (<mane[[ne]]yras> fól. 11140, fól. 79v); <caiõ> (<caiõ[[iõ]]> fól. 92v, linha 12859);
- b) Por omissão – <Selhor> e <Rizas> (<Se<n>hor> e <R<i>quizas>, fól. 7v, linhas 625 e 638 respectivamente);
- c) Alteração da ordem – <tepmatado> (<tepmatado>, fól. 31r, linha 4354); <suadaujl> (<suadaujl> fól. 113v, linha 15882);
- d) Substituição – <clanno> (<clanno>, fól. 4r, linha 18, em vez de <clarino>); <contẽ> (<contentẽ>, fól. 35v, linha 5032, em vez de <contem ã>).

2.1.3.2.9 Sinais de correção, seleção e destaque

Os sinais escribais de correção mais comuns no ms. são os de supressão, adição, reordenação da sentença e segmentação de vocábulos.

Para suprimir, foram usados freqüentemente a riscagem do trecho, o subpontilhado ou a combinação dos dois. Por exemplo, (fól. 8v, linha 773); (fól. 8v, linha 801); (fól. 10v, linha 1111). Há casos em que não se sabe se a letra borratada se deu por acidente de escrita ou se para suprimi-la (p. ex., <no>, fól. 4v, linha 145).



Para adicionar, foram utilizadas inserções nas entrelinhas e nas margens. A maioria das inserções nas entrelinhas estão na parte superior, havendo apenas duas ocorrências de inserção na entrelinha inferior (fól. 18r, linha 2292; fól. 64r, linha 9054). Os locais de inserção estão geralmente marcados com o sinal < ^ >, esporadicamente por um sinal de cruz ou <x>¹⁷⁶, e uma vez por asterisco¹⁷⁷. Esses dois últimos marcam especialmente inserções nas margens.

Para reorganização da sentença, empregaram-se as letras <a>, e <c> sobrescritas às palavras que devem ser deslocadas na leitura nessa ordem, para intelecção do trecho. São numerosas as ocorrências desse tipo, pelo que se citam apenas algumas a seguir, como amostra: linhas 1591 (fól. 13v), 3342 (fól. 24v), 3424 (fól. 25r), 4094 (fól. 29v), 4242 (fól. 30v), 4605 e 4607 (fól. 33r), 6224 (fól. 44r), 6680 (fól. 47r), 6864 (fól. 48v), 7273 (fól. 51v), 7314 (fól. 52r), 7544 (fól. 53v), 7747 (fól. 55r), 7916 (fól. 56r).

Para separar alguns vocábulos que incidentalmente se juntaram na escrita e, em alguns casos, poderiam suscitar leitura errônea, o copista ou revisor se utilizou de um traço reto vertical, como em <no> (fól. 5r, linha 183), <oultres> (fól. 8r, linha 694 (vd. tb. linha 714)) e <que> (fól. 8v, linha 741).















¹⁷⁶ Fól. 24r (2ª col.); 27r (2ª col.); 45r (2ª col.); 50v (1ª col.); 59v (2ª col.); 81v (2ª col.); 91r (2ª col.).

¹⁷⁷ Fól. 24r (2ª col.).





Para seleção e destaque de trechos da obra, utilizaram-se nas margens o serpentinado (uma linha vertical ondulada, como no fól. 51r) , a manchete (p. ex., , fól. 65r), ou a combinação de ambos (p. ex., fól.108v). No ms. há duas ocorrências, na margem junto à seleção, do vocábulo <nota> (fóls. 18r e 65r). Frequentemente percebe-se, ainda, a presença de um <  > (que lembra um dedo em riste, como uma manchete estilizada), cujo significado se desconhece, mas que parece operar uma seleção ou marcar a leitura (p. ex., fól. 72v). Esse sinal aparece ladeando uma nota marginal explicativa no fól. 30v, em que o copista ou revisor afirma: "achey sãta •e pos *Sentença*".

2.1.3.3 - Pontos de maior dificuldade de leitura e transcrição

2.1.3.3.1 - Caractere antecedido ou não de pontuação

Dada a característica angulosa da letra gótica, há o que pode ser uma sobreposição da pontuação ao traçado da letra ou apenas o prolongamento ou remate de um dos ângulos, não sendo possível decidir objetivamente por uma dessas possibilidades ao transcrever, como nos exemplos seguintes, retirados das linhas apontadas entre parênteses: < > (14698), < > (14681) e < > (14676); < > (14669), < > (14695) e < > (14683); < > (14674), < > (14672) e < > (14673); < > (14679), < > (13823) e < > (14245); < > (14772) e < > (14748).

2.1.3.3.2 Abreviaturas alógrafas

Para a seqüência <con> há três possibilidades de abreviatura por sinal especial, como nos seguintes exemplos: < > (linha 14677); < > (linha 14684); < > (linha 14716). Esta última tem significado relativo, dependendo da posição em que ocorre, como em < > (linha 14762), em que representa a seqüência <-us>.

2.1.3.3.3 Numeração: abreviatura vs. ideograma

Decidir sobre a forma de transcrever os algarismos romanos seguidos da seqüência sobreposta <mo>, como em <^{mo}xxvii> (fól. 104v), representou outro impasse: representar a seqüência <mo> entre parênteses uncinados duplos seria admitir que se trata de uma abreviatura por letra sobreposta, o que não seria o caso, já que os algarismos não constituem item lexical, embora estejam agregados a letras que remetem a um vocábulo fonético. A questão está na transcrição de uma representação gráfica híbrida, composta de caracteres numéricos (algarismos) e alfabéticos. A solução adotada veio de Câmara Junior (1964, p. 248-249): "A relação entre os nomes numerais da língua e a arte de contar condiciona, na língua escrita, o uso de números em vez das palavras correspondentes [...]. Assim, os numerais passam a ser indicados na língua escrita por ideogramas". Assim entendendo, optou-se por transcrever os algarismos seguidos da seqüência <mo> sobrescrita, tal como está no ms. Berwanger e Leal (1995, p. 54) corroboram essa interpretação, ao informar que possivelmente a origem dos números romanos esteja ligada à semelhança da mão¹⁷⁸, o que os identifica com ideogramas (cf. tb. MENDES, 1953, p. 22), isto é, símbolo não fonético que representa a idéia de ordem, posição de um elemento em relação ao conjunto a que pertence.

Historicamente é sabido que a partir do "décimo" os numerais ordinais passam a cardinais na linguagem informal, prática que às vezes se legitima na língua de cultura (p. ex.: Papa Pio XII (doze) x Dom João VI (sexto)). Coutinho (1967, p. 245-250) diz que quase não foram usados na língua popular romana (exceto quadragésima > quaresma), e não se modificaram em nossa língua, porque foram introduzidos por via erudita. Assim sendo, não faria sentido considerar como abreviaturas as seqüências híbridas acima supracitadas, como também não se consideraram como palavras as três ocorrências de algarismos arábicos (nomeadamente, os que numeram os capítulos 28, 29 e 30), e as ocorrências da representação de numerais ordinais <xxx^{ta}> (fól. 79r, linha 11052; fól. 116r, linhas 16241 e 16251) e viij^{to} (fól. 85r, linha 11848).

2.1.3.3.4 Sobreposição de fatos

Constituiu dificuldade de transcrição a sobreposição de fatos que, se ocorridos separadamente, deveriam ser assinalados segundo as normas; mas, estando sobrepostos, tiveram de ser em parte apontados em nota, para não desrespeitar a translineação original. Por exemplo, no fól. 27r: trecho riscado, com correção na entrelinha borrada e riscada, por fim suprimido totalmente e substituído por trecho inserido na margem inferior.

¹⁷⁸ Os números 1, 2, 3 e 4 reproduziriam a figura dos dedos; o 5 seria a mão com 4 dedos fechados e o polegar separado, formando V; o 10 (X), duas mãos sobrepostas invertidamente, duplicando assim a figura citada para o 5 (V).

2.1.3.3.5 Oposição entre alógrafos maiúsculo e minúsculo

Uma vez que o módulo não definiu indubitavelmente o uso de caracteres maiúsculos ou minúsculos na transcrição, optou-se por conciliar módulo e forma, sempre que possível, ou buscar um traço diferenciador recorrente em um dos alógrafos, como no caso do <j>: quando não há serifa rematando o terminal superior da haste, transcreveu-se como minúsculo; quando há presença de serifa ou traço diferenciador próprio de maiúscula, julga-se pelo módulo. Por exemplo: <mu^oto> (<mujto>, fól. 4v, linha 147); <a^oJnda> (<aJnda>, fól. 105r, linha 14662); <a^oJudoíro. do Jujz> (<aJudoíro • do Jujz>, fól. 109v, linha 15268).

Um caso de especial dificuldade de decisão é o da transcrição do <A> e do <M>, pois freqüentemente o ms. os apresenta como unciais de módulo e posição variáveis, como nas seguintes ocorrências: <Abuar Routren> (fól. 9v, linha 940), <ademander aqle> (fól. 12v, linha 1459), <elle eleffant> (fól. 111r, 15481); <as onyrtas> (fól. 26r, linha 3532), <Mas maye> (fól. 85v, linha 11891).

Spina (1994, p. 38), W. Martins (2002, p. 54) e Mendes (1953, p. 27) declaram que as unciais são maiúsculas. Há, contudo, em manuais de paleografia e ecdótica, registros dos grafemas em questão classificados como góticos¹⁷⁹. Ao se optar pela primeira afirmação, a transcrição se basearia apenas na forma. Ao se optar pela segunda interpretação, a maiusculização dependeria do módulo. Decidiu-se, então, por se basear primordialmente na forma, embora haja ocorrências de <a> uncial de módulo menor que outros grafemas minúsculos próximos a espera de melhor juízo. Com isso não há prejuízo de informação fonética, como asseverou Meyer (1973, p.182): "Quanto à maiúscula, é limitada a sua importância como sinal fonético em grafias antigas, nula nos sistemas modernos: não há diferença de pronúncia [...]. Não admira, portanto, que o tema [...] tenha feito verter pouca tinta".

Quanto à informação lingüística, a distinção de maiúsculas em textos medievais em prosa seria relevante se seu emprego estivesse comprovadamente associado à pontuação, servindo à estruturação sintática ou à função semântica individualizadora – no caso dos nomes próprios ou de divindades (vd. MEYER, *ibidem*, p. 183). No entanto, no ms. editado neste trabalho, a pontuação ocorre tanto antes de minúsculas como de maiúsculas, como se pode averiguar em qualquer parte do fac-símile que acompanha a edição, e não particulariza nomes próprios e de divindades, como em <pa^oullo> (linha 13) e <S> (linha 14).

Segundo Meyer (*loc. cit.*), na edição crítica de textos antigos, a tradição não se opõe à modernização da grafia relativamente ao emprego de maiúsculas e minúsculas. Contudo, como a

¹⁷⁹ Entre estes estão também SPINA (1994, p. 44) e MENDES (1953, p. 30). Os outros consultados foram BROWN (1993, p. 88-91, 100-105, 124-125) e OSLEY ([ed.]1966, *passim*)

edição que ora se apresenta não é crítica, e sim paleográfica¹⁸⁰, buscou-se manter na transcrição o que o ms. apresenta, sem modernização que não seja apenas a de caracteres góticos para caracteres redondos.

2.1.3.3.6 Problemas clássicos de transcrição

Silva Neto (1956, p. 27-36) aponta vários erros comumente observados na leitura de manuscritos medievais, dentre eles os devidos à má compreensão das letras <c> e <t>, <r> e <n>, <u> e <n>, e desconhecimento de abreviaturas, o que é bem verdade, como se pôde constatar já no prólogo do ms., fól. 4r: <fuita> (linha 8) e <clanno> (linha 18).

O primeiro caso acima citado (linha 8) fez com que Amos (1988, p. 114) propusesse a leitura "Segim do sanctade de santiago" onde de fato é "Segundo *sentença* de santiago", por ter interpretado a seqüência <-un-> como <-im-> no primeiro vocábulo, e a seqüência <-ça> como <-ta-> na abreviatura por contração do segundo vocábulo. O desdobramento da abreviatura em questão já havia sido motivo de correção pelo copista, o que se sabe pela declaração em nota marginal no fól. 30v ("achey sãta •e pos *Sentença*"). No presente trabalho, apenas a maior familiaridade com a língua do texto e com os hábitos de escrita do copista favoreceu à uma leitura que fizesse mais sentido, pois o traçado dos grafemas no ms. não possibilita uma leitura isenta de dúvidas, razão pela qual usou-se os parênteses redondos. É o que aconteceu no segundo caso anteriormente citado (linha 18), em que não se pôde propor outra leitura que não fosse <clanno>, mesmo sabendo-se que o vocábulo era <clarino> (de 'Chiarino', gentílico italiano incorporado ao nome do frade Ângelo, tradutor da obra para o latim¹⁸¹), fato apontado em nota, por entender que se tratava de um erro do copista.

2.1.3.4 - Rubricação e decoração

As rubricas, que correspondem aos títulos dos capítulos, com letras de módulo maior que as usadas no corpo do texto, são em tinta vermelha (cf. SILVA NETO, 1956, p. 79; LEMOS, 2004, p. 478), assim como as capitulares e as assinaturas, como já foi mencionado. Além de traços decorativos das capitulares, não há nenhuma ornamentação no códice alc. 213.

¹⁸⁰ Entenda-se, "aquela que reproduz fielmente o texto, obedecendo a ortografia e pontuação" (Houaiss, 2002), assinalando as alterações segundo normas explicitadas previamente. As referidas alterações, como desdobramento de abreviaturas, não são medidas modernizadoras, uma vez que vêm assinaladas, mas visam a favorecer a leitura.

¹⁸¹ Outra expressão freqüentemente associada ao nome desse tradutor é 'da Cingoli' (locução adjetiva gentílica).

2.2 - O MANUSCRITO: EDIÇÃO

2.2.1 - Tipo de edição adotado

A primeira decisão a tomar quando se resolve editar um texto está relacionada à escolha do tipo de edição adequado ao público-alvo imaginado e aos objetivos a que se destina. Essa escolha determina o grau de conservadorismo dos critérios de edição adotados. Diz Emiliano (2001, p. 2):

De acordo com os objectivos específicos do editor, que se definem em função de aspectos como o(s) público(s) a que se destina a edição, a mediação editorial poderá afastar em maior ou menor grau o texto medieval na sua versão impressa do seu modo de existir no suporte original manuscrito. Se para determinado tipo de edição esse afastamento pode ser vantajoso, por garantir, por exemplo, a facilidade de acesso ao conteúdo do texto, para uma edição destinada a estudos linguísticos esse afastamento pode, de facto, impedir a realização da análise linguística a partir do texto publicado.

Acerca de edições monotestemunhais, Cambraia (2005, p. 91 a 98) faz distinção de quatro tipos, com base no *grau de mediação* realizada pelo editor na fixação do texto: i) *grau zero de mediação*, correspondente à edição fac-similar, em que apenas se reproduz a imagem do testemunho; ii) *grau baixo de mediação*, correspondente à edição diplomática, em que se reproduz o máximo de características do modelo, como abreviaturas, pontuação, separação vocabular etc.; iii) *grau médio de mediação*, correspondente à edição paleográfica (também chamada de semidiplomática ou diplomático-interpretativa), em que são feitas intervenções na forma do texto, para torná-lo inteligível a um público que não seria capaz de decodificar certas características originais – como abreviaturas – e retificar falhas óbvias no processo de cópia, como repetições ou supressões de letras; iv) *grau máximo de mediação admissível*, correspondente à edição interpretativa, em que há uma uniformização gráfica e conjecturas que vão além da reparação de falhas óbvias, sem comprometer a preservação de variantes lingüísticas fonológicas, morfológicas, sintáticas, lexicais (diferentemente do que ocorre em edições modernizadas).

Para que uma edição constitua fonte de dados para os estudos lingüísticos, é necessário que se escolha o tipo de edição adequado para esse fim e que se sigam normas rigorosas de edição. Segundo Cambraia (1999, 2001) a validade de um estudo diacrônico está diretamente relacionada à fidedignidade da fonte utilizada para a coleta de dados. Por razões como essas, optou-se aqui por editar sob normas paleográficas conservadoras. Ainda assim, o grau de conservadorismo de uma edição paleográfica também é variável, pois dependerá do julgamento do editor sobre o que é ou não relevante conservar na transcrição. Por conseguinte, tem-se edições paleográficas ditas conservadoras cujos critérios não são unívocos. Emiliano (2001, p. 3) afirma:

Se é hoje pacífico que uma edição de um texto medieval para estudos linguísticos deve ser de tipo conservador, não é absolutamente clara a forma como se define e estabelece na prática esse conservadorismo.

Por exemplo, para a generalidade dos editores de textos medievais portugueses, sejam linguistas ou paleógrafos, a separação de palavras que o manuscrito apresenta, por ser distinta da noção moderna de palavra gráfica (que é de ordem lexical), deve ser alterada de forma a conformar-se com os critérios hoje vigentes de segmentação das unidades lexicais na escrita. Também a distinção entre determinados caracteres que os manuscritos apresentam, quer se trate de letras, quer se trate de sinais abreviativos, parece ser despendida para a generalidade dos editores modernos.

A título de ilustração, comparam-se abaixo alguns aspectos em trabalhos de edição, cujas normas de transcrição os autores afirmam ser conservadoras, bastante rigorosas ou minimamente modernizadoras, para se adequarem a estudos de natureza lingüística.

ASPECTOS	ALMEIDA (2001, 2005)	CAMBRAIA (2000)	LEMS (2002, 2003, 2004)	MACHADO FILHO (1999)
SEPARAÇÃO INTERVOCABULAR	modernizada (2001); parcialmente modernizada (2005)	conservada	parcialmente modernizada	conservada
PONTUAÇÃO	modificada	conservada	modificada	conservada
CONSOANTES GEMINADAS INICIAIS	simplificadas	conservadas	conservadas	conservadas
USO DE MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS	modernizado	conservado	parcialmente modernizado	conservado
OSCILAÇÕES NO USO DE <I> E <J> E <U> E <V> COM VALORES CONSONANTAL E VOCÁLICO NOS VOCÁBULOS	uniformizadas à moderna.	conservadas	conservadas	conservadas
OSCILAÇÃO ENTRE <C> E <Ç>	uniformizada à moderna.	conservada	conservada	conservada
DESENVOLVIMENTO DE ABREVIATURAS	não italicizado	italicizado	italicizado	italicizado
TRANSLINEAÇÃO, FOLIAÇÃO	(?)	conservadas	translineação modificada; foliação informada.	conservadas
ACRÉSCIMOS, SUPRESSÕES E CORREÇÕES DO COPISTA	(?)	sinalizados	apontados em nota	suprimidos e apontados em nota.
CONJECTURAS E DÚVIDAS DO EDITOR	parcialmente sinalizadas	sinalizadas	sinalizadas	apontadas em nota

Quadro 4 - Comparação de critérios aplicados em edições de cunho conservador

A diversidade de critérios de transcrição em edições que supostamente têm objetivos e público comuns é um problema ainda sem solução. O incômodo que essa situação causa pode ser sentido em alguns trabalhos recentes, nas palavras de seus autores:

[...] o principal objetivo desta edição semidiplomática é o de oferecer um corpus rigorosamente estabelecido para que lingüistas possam realizar análises dos mais diversos níveis da linguagem do texto [...]. Em função disso, impõe-se a adoção de normas bastante rigorosas.

Determinar, entretanto, como devem ser essas normas não é tarefa fácil, o que se pode verificar através de diferentes interpretações que vários editores têm dado sobre os aspectos que devem ser mantidos em transcrições com essa finalidade. (CAMBRAIA, 2000, p. 153)

A consulta a textos antigos é necessária para a realização de diferentes investigações lingüísticas. Porém, revela-se um empreendimento difícil, uma vez que as edições geralmente trazem modificações do texto registrado nos códices, visando a facilitar a sua compreensão por leitores modernos. As alterações registradas em tais edições impedem o estudo de alguns aspectos lingüísticos, como, por exemplo, o da pontuação. (LIMA, 2004, p. 7)

Embora desejável que os trabalhos de edição de textos antigos portugueses fossem “executados segundo critérios uniformes e de geral aceitação”, conforme muito bem propugnam Castro e Ramos (1986:99), com vistas a uma padronização que objetivasse

facilitar a produção de trabalhos comparativos no âmbito dos estudos lingüísticos, por vezes os objetivos de quem os edita e as limitações que se interpõem no processo fazem com que sejam adotadas normas de transcrição um pouco diferentes das comumente propostas. (MACHADO FILHO, 1999, p. 108)

A edição de um texto medieval resulta sempre de um programa editorial, o qual pressupõe uma perspectiva ou interpretação dos dados textuais. Com efeito, a edição de um texto é um processo de mediação que afasta sempre o texto do seu modo original de representação, de acordo com a perspectiva interpretativa do editor; assim sendo, não há edições definitivas ou absolutamente objectivas [...] (EMILIANO, 2001, p. 2).

Se de um lado há edições que modernizam o texto para facilitar a leitura, como aponta Lima (*loc. cit.*), no extremo oposto há edições de difícil leitura até mesmo para um lingüista, pelo alto grau de conservadorismo de suas normas de transcrição. Como exemplo dessas últimas, citam-se os trabalhos de Emiliano (2001, 2002, 2003), que propõem três tipos de edição paleográfica, de graus de conservadorismo distintos, sendo duas com fontes imitativas dos caracteres medievais (literais, diacríticos e abreviativos), além de pontuação, e ainda sinalizações específicas para todas as intervenções escribais e editoriais (p. ex., doze sinais de correção escribal distintos para correção por anulação e substituição por emenda, sobreposição, e substituição; sete sinais distintos para interpolação escribal, dependendo de sua localização; diversos sinais de intervenção editorial para inserção, omissão, indicação de leitura duvidosa, abreviaturas, espaços em branco, espaço devido a danos no suporte, indicação de sinais escribais diversos, etc.).

Acerca dessas divergências, no presente trabalho parte-se do pressuposto de que o equilíbrio está entre os extremos. Por essa razão, para a edição paleográfica de *Escada Celestial* (cód. alc. 213) observaram-se os princípios que devem reger a constituição de um conjunto de normas adequado, sugeridos por Cambraia (2005, p. 109-110) – *normas apropriadas ao tipo de edição e à sua finalidade, internamente coerentes, explícitas e rigorosamente aplicadas* –, assim como a maioria dos critérios de edição propostos em seus trabalhos (cf. CAMBRAIA, 1999, 2000, 2005), que, em linhas gerais, podem assim ser condensados e justificados:

- a) Manter o máximo possível de características do manuscrito (regra geral), para possibilitar uma análise do texto nos níveis grafemático, fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexical;
- b) Desenvolver as abreviaturas e assinalá-las devidamente (uso de itálico para as letras acrescentadas), para viabilizar a leitura, sem deixar de alertar o leitor para o fato de se tratar de interpretação do editor;
- c) Assinalar as correções efetuadas pelo copista com sinais especiais, para possibilitar a detecção de casos de forma espontânea substituída por forma menos espontânea (p. ex., ausência de concordância, posteriormente reparada), e também a investigação de processos de cópia/composição do texto através de escolhas;
- d) Marcar as intervenções feitas pelo editor com sinais especiais, a fim de alertar o leitor para possíveis acidentes típicos do processo de transmissão manuscrita, deixando bastante claro tratar-se de interpretação do editor;

- e) Assinalar trechos de leitura duvidosa, a fim de alertar o leitor para o fato de que, embora tenha proposto uma leitura para um dado trecho, o editor não tem absoluta certeza dela, podendo haver outras leituras;
- f) Assinalar trechos danificados, mas cuja leitura for reconstituível, e diferentemente trechos danificados ou de leitura impossível;
- g) Manter a translineação original e numerar as linhas do texto de 5 em 5 de maneira contínua, para facilitar a localização de trechos no texto.

Pelo entendimento de que "toda a edição resulta de um acto interpretativo" (EMILIANO, 2002, p. 34)¹⁸², decidiu-se por uma edição paleográfica justalinear, posicionando à esquerda de quem lê o fac-símile da face do fólio editado, o que, espera-se, facilitará futuros estudos paleográficos e incitará novos julgamentos e propostas de leitura. Notas explicativas de vocábulos desconhecidos, estropiados ou de significação especial colaborarão para a boa leitura.

2.2.2 - Normas de transcrição

A fim de que a presente edição do tratado ascético medieval *Escada Celestial* o torne acessível não apenas aos interessados em literatura portuguesa medieval, história, religião etc., mas sobretudo adequado para estudos lingüísticos, adotam-se as normas a seguir.

2.2.2.1 Caracteres alfabéticos

g) A transcrição é feita com caracteres romanos redondos, sem se assinalarem os casos de alografia contextual, uniformizando-se, desta maneira, as variantes (minúsculas) dos grafemas <r> , <s>, <m>, <n>; mas não no caso dos grafemas <u> e <v>/<i> e <j>.

Mantém-se o emprego de maiúsculas e minúsculas tal como são interpretadas no modelo. Desconsideram-se, porém, as variações gráficas decorrentes de ornamentação, como a existente entre as maiúsculas de início de capítulo (que são assinaladas em nota) e as de interior de capítulo. A distinção entre maiúsculas e minúsculas é feita preferencialmente pela forma, sendo as maiúsculas de módulo menor e as minúsculas de módulo maior transcritas, respectivamente, como maiúsculas e minúsculas, com exceção das unciais <M> e <A> e do <J>, em que o módulo tem precedência.

¹⁸² Para relativizar essa subjetividade, convém esclarecer que interpretações e conjecturas formuladas com rigor são uma aproximação relativa da verdade, fato comum mesmo às ciências e técnicas exatas e experimentais, como afirma HOUAISS (1967, v.1, p. 210).

2.2.2.2 Diacríticos

Mantém-se na transcrição os cinco tipos presentes no manuscrito: a *cedilha*, cuja ocorrência se dá sempre sob a letra <c>; o *ponto* (ou pingo), freqüentemente presente sobre o <y>; a *plica* (traço oblíquo virado para a direita, transcrito como <´>); o *traço horizontal* (transcrito como <~>, quando marcar nasalidade, e como <^->, quando marcar hiato); o *traço ondulado horizontal* (somente sobre algarismos romanos, transcrito como <^^>).

Os grafemas <i> e <j> são sempre transcritos com pingo (na ausência de algum dos diacríticos possíveis, acima assinalados), embora ocorram sem ele no original.

Na medida em que, em razão do processo de escrita manual, o posicionamento do traço horizontal sobre as vogais no manuscrito não é totalmente claro, seguem-se os seguintes critérios neste caso: (i) mantém-se o seu uso tal como no manuscrito, respeitando, assim, as suas variações de posição na palavra; (ii) quando o diacrítico for extenso a ponto de cobrir mais de uma vogal, todas as vogais envolvidas recebem o diacrítico na transcrição; (iii) nos poucos casos em que o diacrítico está sob uma consoante por deslocamento resultante do processo manual de escrita, é transcrito sob a vogal pertinente (com base em critério etimológico).

2.2.2.3 Abreviaturas

Desenvolvem-se as abreviaturas, indicando em itálico as letras acrescentadas. No desenvolvimento das abreviaturas por sinal geral, tomam-se como referência as formas desenvolvidas existentes no manuscrito, mas, quando houver mais de uma forma desenvolvida, adota-se aquela mais freqüente; e, no de abreviaturas por sinal de significação especial e por letra sobrescrita, segue-se o que estabelece a tradição. Nos casos de abreviatura por letra sobreposta, aparecem em itálico a letra acrescida e a seqüência sobreposta. A nota tironiana que representa a conjunção aditiva é substituída por <e>. As abreviaturas de desenvolvimento duvidoso aparecem em itálico entre parênteses redondos simples (assim como as letras mal-traçadas). Abreviaturas redundantes são parcialmente desenvolvidas.

2.2.2.4 Pontuação

Mantêm-se na transcrição os sinais de pontuação presentes no manuscrito (exceto o sinal de parágrafo, que é apontado em nota): *ponto* (representado por <•>); *vírgula suspensiva* (representada por </>, ou por uma variante gráfica, com um ponto sobreposto no meio <†>); *três*

pontos em triângulo (representado por <.∴>, correspondente ao ponto final); *dois pontos horizontais* (representado por <••>); *dois pontos perpendiculares* (representado por <∴>).

2.2.2.5 Paragrafação, separação vocabular, foliação e translineação

São mantidos como no original a foliação, translineação, paragrafação e segmentação dos vocábulos.

2.2.2.6 Correções do copista e rubricas

Assinalam-se todas as correções no manuscrito feitas pelo copista. No caso de inserções, as seqüências que aparecem nas entrelinhas são colocadas entre parênteses angulados duplos no ponto assinalado pelo próprio copista no original, e com chaves entre parênteses angulados nos casos de inserções nas margens; no caso de supressões, as seqüências suprimidas aparecem entre chaves duplas (quando não forem legíveis, os pontos representarão as seqüências entre chaves duplas). Os títulos dos capítulos e as letras capitulares, de vermelho no original, vêm em negrito.

2.2.2.7 Intervenções editoriais

As inserções por conjectura, isto é, exigidas pelo contexto, aparecem entre parênteses angulados simples.

As supressões por conjectura são colocadas entre chaves simples, e as supressões homeotelêuticas entre colchetes duplos.

As passagens de leitura duvidosa aparecem entre parênteses redondos. As passagens de leitura impossível por letras mal traçadas ou ininteligíveis, rasuras, borrões, tinta fraca são marcadas por pontos entre parênteses redondos, correspondentes ao número aproximado de caracteres ilegíveis. As passagens de leitura impossível por dano no suporte (rasgão, furo) são marcadas por pontos entre colchetes simples, antecidos por uma cruz <†>, sendo o número de pontos correspondente ao número de caracteres perdidos, aproximadamente.

2.2.2.8 Numeração dos fólhos e das linhas

Há cinco diferentes numerações em todo o códice, o que faz existir duas numerações distintas em cada fólho (geralmente em algarismos arábicos). A numeração dos fólhos nesta edição é feita com base na numeração contínua que se inicia após a folha de rosto e segue até o final do códice, e aparece na margem de cabeça ao centro de cada fólho editado entre colchetes simples, com a indicação da face (*r = recto* e *v = verso*). A fim de facilitar a localização de palavras e passagens, faz-se a numeração contínua de linhas (de 5 em 5).

2.2.3 **Legenda**

Com vistas a agilizar a consulta aos recursos utilizados nesta edição para assinalar as intervenções editoriais, apresenta-se o quadro abaixo:

Sinais	Valor
<i>Itálico</i>	Desenvolvimento de abreviatura
Negrito	Rubrica no ms.
[]	Emenda (suporte destruído)
< >	Inserção por conjectura
{ }	Supressão por conjectura
[[]]	Supressão homeotelética
†[...]	Trecho ilegível por destruição do suporte (rasgão, furo). O número de pontos corresponde ao número estimado de letras perdidas.
()	Trecho de leitura duvidosa, em virtude de borrão, tinta fraca, letra mal traçada, abreviatura de desenvolvimento duvidoso.
(...)	Trecho de leitura impossível, em virtude de borrão, tinta fraca, letra mal traçada ou ininteligível. O número de pontos corresponde ao número estimado de letras ininteligíveis.
<< >>	Inserção escribal de texto na entrelinha
<{ }>	Inserção escribal de texto na margem
{{ }}	Supressão escribal de trecho escrito

Quadro 5 - Legenda de sinais utilizados na transcrição paleográfica

Jn nomine domini nostri Jhesu christi et uirginis marie eius matris. Com-
eçasse o prolego do frade • que trasla
dou este liuro de l'ngua grega em la
5 dinha E outrossy
de san Johã crimaco
que diz escaada
Segundo¹⁸³ {{.}}¹⁸⁴ s(ente)nça de
[[de]] s(a)ntiago que diz
10 que toda cousa boa
e todo dom perfectio
he (d)ado de susu e desçende do padre
do lume¹⁸⁵ Eo apostollo paullo diz
polla graça de deus soo aquell(o) que soo¹⁸⁶
15 (E) aJnda sobre p(o)n e diz agraca
de deus e m̃j nõ foý e mij uazia¹⁸⁷ •
Co(n)sirando ho muý homrado re-
ligioso frade angeo de clanno¹⁸⁸
da orden (d)os frades meores oquall
20 auêdo recebudo noticia da lín
g<<u>>a grega polla gracia de deus graciosamente
(no)s quis parte daquel don fazer que deus
lhe fezera E pois seendo frey líurado
seu padre spiritual os quaees eram nas
25 partes de romanía e hũã hermida
dos gregos • Aueo asy que anocte de
natal eran na dicta hermida • o frade
angeo • cõ o frade líurado (a)as matí
nas (•) rezando ho offiçio • cõ os quaees
30 eran duçentos e oytenta hermi
taães gregos e ladinhos Aueo
asy que os frades gregos dizendo as
liçoões e hũã hora e e hũã sub-
to sentio frey angeo na sua alma
35 pella graça de deus a claridade de língua
grega / E logo andou ao seu padre f(re)y
líurado e demãdoulhe leçença
pera leer {{h}}¹⁸⁹ hũã liço e aquella grama
tica delles (d)a quall cousa marauí -
40 lhãdose frey líurado muito pero
consiraua asua santidade e outo-
rgoulho / E asy leeo aquella liçon
como se fose naçido e senpre crí-
ado e aquella língua • e dalý a-

45

45 diante soube per feitamente falar o grego
Onde nõ querendo el que aque(st)a graça fosse e
uaão buscou antre os seus líuros e uiu que
erã ascõdidos aos ladinhos e por ysso
os tralladou (/) (o)primeiro líuro he de sam
50 basilío e este he amaneira da regra
O segundo he crim(i)co oquall cõpos sã Johã
escolastico abbade de hũã moesteiro de
monte sinay Sam Johã dicto cõpos dous
líuros • ohũã da uída aut(i)ua • e outro
55 da cõtenplatíua • Mais aquel da conten-
platíua • acheý que era tão alto de sa-
bedoria que nõ me atreuý atraslad(a)rlllo
mais trasladeý aqueste da uída actíua
Oterçeiro foy de sam macario e nos quaees
60 líuros se acha toda perfeiçom (•) e remedio
contra todo peccado • Eaqueste trasladey / cha-
amente e cõ grande diligença / Em na era
do senhor • Mil e iij^{c190} annos e no tempo do
ppapa bonifaçio • **líuro de sam Johã**
65 **crimaco como aue**
mo<<s>> de fugir do
mũdo
Aqueste¹⁹¹ líuro compos hũã dos
santos padres antíjgos oqual
70 ouue nome Johãne abbade de
monte sinay oquall líuro despos aapitiçon
de sã Johã abbade do moesteiro de raytu
e dos seus disçipolos Aqueste santo líuro
ha dous nomes • hũã dos seus nomes he as
75 tauoas spirituaães • po{{.}}¹⁹²rque e el se conten
abríauadamente • todas doutrinas ne-
cessarias aaujda spiritual / (O) outro no-
me se chama asanta escaada por
que e el se contem todollos graaos po-
80 llos quaees aalma sobe <{açim<a>}<<a>>aalteza {{da per}}¹⁹³
da perfeiço spiritual • hordenadamente (po)
endo hũã grao sobre o outro a maneira de sca-
ada • comecando das cousas mais baix-
as e sobindo senpre aas maýs altas • a
85 taa tanto que uenha aa caridade dedeus
Onde se conteem e este líuro trinta graaõs
Oprimeiro he da fe e da speranza e da cari-
dade de uína / (E)por ysso ha aqueste no
me scaada qua este santo que screueu a-
90 queste liuro he chamado Johã crímjco que
quer dizer Johãne da scaada • por que cri-

¹⁸³ <S> capitular.¹⁸⁴ Letra riscada e ilegível.¹⁸⁵ Ref. bíblica: Tiago 1:17.¹⁸⁶ Ref. bíblica: I Coríntios 15:10.¹⁸⁷ Ref. bíblica: I Coríntios 15:10.¹⁸⁸ Possivelmente o copista leu <nn-> onde era <rin->, pois o frade a que se refere é historicamente conhecido como Angelo Clareno (no caso, poderia estar grafado 'clarino').¹⁸⁹ Borrado.¹⁹⁰ O <c> sobrescrito significa “cento”.¹⁹¹ <A> capitular.¹⁹² Letra borrada e ilegível.¹⁹³ Riscado.

maco h lingua pura e na uosa lingua
 ladimba qj. dez vno estrada
 opnie guao tala do fugir do mudo
 r das coucas tencaes
 qj de no muez amo ane hua couca
 miosant
 Ouy da pfecto pignao aqll nos te
 ua adis r dos semhos. Guu da som
 obediencia aqll sege a xpo
 Ex de pcedencia aqll pcedencia
 aalma to es. Ex de memoria da
 morte donde nate othors
 Ex de uadso choro e qll laua
 aalma. Ex de uotade de no
 mize. aqll couca f forte de ganhi
 Ex de escaquito das pnuas
 recebudis. aqll couca pda os pe
 cados. Ex de fugir afulgar aou
 trem q h couca muto lom uauit
 Ex de silencio da boca. o ill h
 gra aalma. Ex de qm pfr
 mit do munt. Ex de lucom
 da auadia. Ex de ieiunij
 r da esteta fecta. e da famosi
 lina. Ex de gulla. Ex de ca
 fidade aqll da nob cheio no con
 fiteito de ds. Ex de uitoria da
 auageza aqll h pollata
 Ex de sra pbdade ou probza
 aqll h punitio o domo dos reos
 Ex de lucom da maa. Juse
 nabilidade. Ex de psalmada
 dos moefris. Ex de uigiaz aqll
 alumca amete. Ex de luco do
 medo emunil ou molharigo
 Ex de fugir da uaa gloria p
 multas manas. Ex de luca
 do da seberua demonuhada
 Ex de innocencia r simpzidade

casinada de xpo. Adon titollos q
 se sege so e este guao. Ex de da
 santa r p fira humilidade
 Ex de do lume da diseta di secon
 Ex de do folgari do ceo alon
 gada dis curis daqste mudo
 Ex de do oraco angeli qll r no
 material. Ex de da santa trm
 formaco e ds.
 Ex de da se p m pcedencia r da
 capdade. Ex de do fogir do m
 do pmo do uudo
 fogit do mudo
 do loo r sob loo. Et do
 loo es no pso. Ex fa
 canis o comeco do no
 no falaz qm couca muto fremo
 sa r quinhauil h erando falaz aq
 suos de ds. fazer o comeco en ds
 qll h tidor de todas as coucas
 r das creaturas mzoauces. e qm
 elle he honradas de dignidade de
 lucre aludro. Dos qms alguis
 som rhamados seg amigos. e
 quus son estranhos r alouga
 ds del. Alguis so seg aduira
 ins. ponham q qd el ue hua
 couca pda. Alguis son seg no
 mbres puidores. Alguis som
 suos sem pueito. Os amigos p
 puit som os santos angeos
 Segundo q diz o nosp semhor Jhu
 e no nro euagelho. falado do ho
 me q ama achada a ouelha p duda
 q diz q aluou os amigos r os
 uizinhos aalegre r os elles. Ediz
 q era os pntos amigos aqstes ani
 gos r uizinhos. Alougados r are
 tidos de ds som aqlls q no som

- maco he lingua *grega e* ã na nosa lingua
ladinha *quer dizer* como escaada
Oprimeiro graao fala do fugir do mudo
95 e das cousas terreaãs
O ij° de nõ auer amor anẽ hũa cousa
uiçiosamente
Oij da perfeita *perigrinaçõ* aquall nos le-
ua *adeus e* dos sonhos / (O)iiiij° da *sancta*
100 obediência aquall sege a *christo*
O v da peendencia aquall recõcília (•)
aalma cõ *deus* / O vj° da memória da
morte donde nace o choro
O vij° do uerdadeiro choro o *quall* laua
105 aalma O viij° da uõõtade de nõ
Jrarse • aquall cousa he forte de ganhar
O ix° dos esc(e)ecimento das Jniurias
reçebudas • aquall cousa perdoa os pe-
cados Ox° de fugir aJulgar aou-
110 trem *que* he cousa mujto louuaujl¹⁹⁴
Oxj° do silêncio da boca • o *quall* he
guarda daalma O xij° de çecar *perfecta* -
mente do mjntir Oxiiij° da liuraçom
da auçidia Oxiiij° do Jeium
115 e da estêêça *streita* E da famosi
ssima Reynha gulla Oxv° da cas-
tidade aquall da nobre cheiro no con-
speito de *deus* Oxvj° da uitoria da
auareza aquall he Jdollatria
120 Oxvij° da *sancta* pobridade ou probeza
aaquall he *promítido* o Reyño dos çeẽõs
O xviiij° da liuraçom da maa Jnsse
nssibillidade Oxviiiij° da psalmodia
dos moesteiros Oxx° do uigiar oqual
125 alumea amête Oxxj° da liuraçõ do
medo feminil ou molharigo
Oxxij° do fugir da uãa gloria *per*
muítas maneiras Oxxiiij° da líura-
cõ da soberua demoninhada
130 Oxxiiiij° da Jnoçência e sinprizidade
- ensínada de *christo* / (E)dous titollos *que*
se segẽ sõ ã este graao Ox(x)v⁹⁵ da
santa e *perfecta* humildade
Oxxvj° do lume da discreta *discriçõ*
135 Oxxvij° da folgãça do çeeo alon-
gada das curas daqueste mundo
Oxxviiij° da oraçõ *angeliqua* e nõ
matereal Oxxix° da santa tran^s-
formaçõ ã *deus*
140 Oxxx° da fe e da sperãça e da
caridade *Capitollo* do fogir do m-<<undo>>
Capitollo primeiro do
fogir do mundo
Do¹⁹⁵ boo e sobre boo Etodo
145 boo *deus* no{.}ss¹⁹⁶ Rey fa-
camos o começo do no-
sso falar • *porque* cousa mujto fremo-
sa e *conuinha*jl he *querendo* falar aos
seruos de *deus* • fazer o comeco en *deus*
150 Oquall he *criador* de todas as cousas
edas creaturas razoaees (/) (A)s *quae*ẽs
elle ha honrradas de dignidade de
liure aluidro / Dos *quae*es algũs
som chamados *seus* amjgos / A(l)
155 gũs son estranhos e alonga-
dos del / Alguũs sõ *seus* aduerssa-
iros • ponhamos *que* *contra* el nõ hũa
cousa podem / Alguũs son *seus* no-
[[no]]bres *seru*idores Alguũs som
160 *seruos* sem *proue*ito Os amjgos *pro*-
priamente som os santos angeos
Segundo *que* diz o nosso senhor *Jhesu*
christo no *sancto* euãgelho • falãdo do ho-
mẽ *que* auia achada a ouelha perduda
165 *que* diz *que* aJũtou os amjgos e os
uizinhos aalegrarsse cõ elles / E diz
que erã os santos angeos *aquestes* amj-
gos e uizinhos¹⁹⁷ • Alongados e are-
dados de *deus* som *aquelles* *que* nõ som

¹⁹⁴ Há um traço reto horizontal que corta o <ll>.

¹⁹⁵ <D> capitular.

¹⁹⁶ Borrado.

¹⁹⁷ Ref. bíblica: Lucas 15:3-7.

baptizados. ou q̄ n̄o hã afe pura e
 dita. Enmigos e aũ furos de d̄s.
 so aq̄lles os q̄ees tã soom̄ se p̄te
 de obedecer aos mandamentos de d̄s
 mais aũda son q̄tumpos aq̄lles
 q̄ ob̄n. e fazẽ auocade de d̄s q̄to
 etts podem. Es nobes huĩdores son
 aq̄lles. os q̄ees. a sua muy santa uo-
 tade fazẽ sen n̄o hua p̄gici ou ne-
 gligẽcia. Es suos Inutiles q̄ q̄
 diz son pueito. son todos aq̄lles.
 os q̄ees de ha furos dignos do santo
 labtismo. mais aq̄llo q̄ no santu
 labtismo n̄o q̄ am amorosante
 Chã de cada huĩ. de stes estados fose
 mestez de sp̄itua p̄po falante a
 nos q̄ nom sonios saladores. n̄o se
 quem de todo falaz. mais sonite
 q̄renos falaz do q̄to stado. q̄to h̄
 dos dileitos muito amados e nob-
 res suos de d̄s. os q̄ees sãtamit
 se effozca aq̄te os se mandados
 e p̄lo amor e fe q̄ h̄ hã. fazẽ
 forza assy meesmos. Ca fallaz da
 q̄stas cousas. fala daq̄lle m̄ogres
 do q̄ de d̄xta. os q̄ees tã muytos
 rogos e tã muyto afirada peticom
 o q̄ mouerõ a streuez aq̄te huĩ. q̄
 esp̄ nos estendeu amaãõ p̄ nossa
 obediencia. aq̄l n̄o scõth se aq̄llo.
 q̄ h̄ h̄ mandado. h̄ possiuel ou n̄o
 Comaremos apena da palau. q̄
 mo se molha. q̄ diz. a ardidez.
 do falaz. polo effozco q̄ etts n̄o.
 fazẽ. molhando esta ardidez da
 palau. como se molha apena na

tinta na chorosa e resp̄adente
 humidade. Abonidade h̄ dicta ch-
 orosa. pola q̄tinuada e santu este-
 za q̄ ella mote na alma por q̄tin-
 uada. q̄siraõ da p̄pa misia ou me-
 sandade. Outy h̄ dicta resp̄adente
 plo conheq̄nto q̄ da aas p̄poad
 tã as q̄ees usa do sp̄u sãõ q̄ h̄ e ella
 n̄o q̄endo ella seer conhuĩda de n̄e
 huĩ. aũda h̄ dicta resp̄adente
 p̄llo lume da sabedoria de d̄s. q̄ h̄
 e ella. Garhegendo e pouando
 aq̄sta pena do falante sob os le-
 gitimos e claros se q̄ corações. assy
 como e curti. ou e tãmas sp̄u. us
 p̄ntarem falantes sacõs. ou di-
 xer legitimos corações p̄la ho-
 mildosa obediencia. q̄ se claros
 porla uerdadã m̄udicia ou lin-
 peza e tãmas pla ferineza. aũda
 digo semetes. q̄to diz p̄q̄ninas fi-
 guras e exemplos santos e cousas
 santas. q̄ q̄endo daq̄ste estado fa-
 laz. comecamos assy. Atodos aq̄-
 lles. os q̄ees pla deliõõõ do seu p̄-
 po aluido enlegerõ de q̄rez amar-
 adõ. por q̄ esse d̄s h̄ a sua uida e a
 sua saude. ou fices. ou n̄o fices. q̄
 seã justos ou n̄o justos. santos ou
 crues. Utuosos ou sey vtudes
 s̄onges ou n̄o s̄agres. sãtos ou n̄o
 sãtos. saãõs ou efermos. m̄ãtos
 ou uelhos. Como huĩ lume e huĩ
 aspeito. ou acituaõõ do sol. h̄ m̄-
 uidoõ do aar e das oras pa siugaõ
 de todos assy h̄ d̄s comuu atodos

- 170 babtizados • ou *que* nõ hã afe pura e¹⁹⁸
 d<i>reita (/) Enmíjgos e auersairos de *deus* •
 sõ aquelles os *quaees* tã soamente se partẽ
 de obedecer aos mãdamentos de *deus*
 Mais aJnda son *contrairos* aaquelles
- 175 *que* obram e fazẽ a uõõtade de *deus* quanto
 elles podem Os nobres *seruídores* son
 aquelles • os *quaees* • asua muy santa uõ-
 tade fazẽ • sen nõ hũã *prigiça* ou ne-
 gligẽçia • / Os *seruos* Jnuitiles *que quer*
- 180 dizer sen *proueito* • son todos aquelles •
 os *quaees* *deus* ha *fectos* dignos do santo
 babtismo • Mais {{receberõ}}¹⁹⁹ *aquello* *que* no santo
 babtismo <<receberõ>> nono²⁰⁰ *guardam* amorosamẽte
 (E) bẽ <<que>> de cada hũũ destes estados fose
- 185 mester de spícial e *proprio* falamento A-
 nos *que* nom somos sabedores • nõ se
conuem de todo <<o>> falar Mais soamente
queremos falar do *quarto* stado (/) Esto he
 dos dileítos muíto amados e nob-
- 190 res *seruos* de *deus* • os *quaees* sãtamente
 se esforçã *aconprir* os seus mãdados
 e *perlo* amor e fe *que* lhe hã • fazẽ
 força asy meesmos Eafallar da-
questas cousas fala *daquelle*<<s>> mõges
- 195 do *Moesteiro* de Raytu • os *quaees* cõ muytos
 rogos e cõ mujto aficada petiçom
 o *commouerõ* aescreuer *aqueste* líuro Epor
 esso nos estendeu a mãã *per* nossa
 obediência • *aquall* nõ scolhe *se* *aquello*
- 200 *que* lhe he mandado • he possíuel ou nõ
 Tomaremos apena da *palaura* {{co-
 mo se molha}}²⁰¹ • *quer* dizer • *aardideza*
 do falar • polo esforço *que* elles nõ
 fazẽ • molhando esta ardidizada
- 205 *palaura* • como se molha apena na
- tínta na chorosa e resprandeçente
 humildade²⁰² Ahomíldade he dicta ch-
 orosa • pola *contínuada* e santa *triste-*
za *que* ella mete na alma por <<a>> *contín-*
 uada *consiraçõ* da *propria* *miseria* ou *me-*
squindade / *Outrosy* he dicta resprandeçẽte
perlo *conheçimento* *que* da aas *perssoas*
 cõ as *quaees* usa do *spiritu* *sancto* *que* he ã ella
 nõ *querendo* ella {{s}}seer²⁰³ *conhicjda* de nõ
- 215 hũũ Ainda he dícta resprandeçẽte
 pello lume da *sabedoria* de *deus* *que* he
 ã ella Eachegando e *pousando*
aquesta pena do *falamento* sobre os le-
 gítimos e claros seus *corações* / *assy*
- 220 como ã carta • ou ã tauoas *spirituaes*
pintaremos *falamentos* *sanctos* / • Ou dí-
 x{{z}}e²⁰⁴ *legítimos* *corações* *perlla* (•) ho -
 mildosa obediência / disse claros
porla *uerdadeira* mūdícia ou lín-
- 225 *peza* / e tauoas *perla* *ferineza* AJnda
 digo *semẽtes* • *quero* dizer *pequininas* *fi-*
guras e *exenplos* *santos* e *cousas*
santas (/•) *Equerendo* *daqueste* estado fa-
 lar • *Começamos* *assy* • *Atodos* *aque-*
- 230 *lles* • os *quaees* *perla* *deliuracon* do seu *pro-*
prio *aluidro* *enlegerõ* de *querer* *amar*
 a *deus* • *por* *que* esse *deus* he *asua* *uida* e a
 sua *saude* • ou *fiees* • ou nõ *fiees* • *que*
 seJã *Justos* • ou nõ *Justos* • *santos* ou
- 235 *cruées* • *virtuosos* ou sen *virtudes*
Monges ou {{nõ}}²⁰⁵ *sagraeës* • *saibos* ou (nõ)
saibos • *saãõs* ou *ẽfermos* • *mãçebos*
 ou *uelhos* • Como hũũ lume e h(ũũ)
aspeito • ou *acatamento* do sol • he (..)
- 240 *udaçõ* do aar e das *oras* • *pera* *seruiço*
 de todos • *Assy* he *deus* *comuu* at(....)

¹⁹⁸ Na margem de cabeça está escrito: "Capitollo
 premeiro do fugir do mudo".

¹⁹⁹ Riscado na entrelinha superior.

²⁰⁰ Um traço vertical separa <non> e <o>.

²⁰¹ Trecho subpontilhado.

²⁰² À esquerda, uma manchete aponta para esta linha.

²⁰³ <s> borrado.

²⁰⁴ Riscado e subpontilhado.

²⁰⁵ Subpontilhado.

aq̄ts q̄o q̄re . r̄ n̄o h̄ desp̄zador de n̄e
 h̄ua pessoa . q̄ h̄ua q̄em r̄ o out̄ n̄o q̄e
 iza . Qūel h̄ aq̄l . q̄ por naturaliza ra
 z̄onuit r̄ mortal . voluntariosam̄t fuge
 aayda r̄ ao seu p̄po fizedor p̄durauit
 r̄ p̄ensa se seer aq̄ua causa q̄aligno
 h̄ aq̄l . oq̄ll̄ auento aloḡ de d̄s . Feen
 da . r̄ c̄enda uue iuḡat . q̄ d̄izer
 muy mal . conhos̄c̄o r̄ q̄rendo o q̄ti
 ro daq̄llo q̄ d̄s q̄ r̄ auidase q̄vez en
 d̄s . p̄p̄iao h̄ aq̄l . q̄ h̄ seguidor de
 ih̄u x̄ . q̄to h̄ possiul̄ a palaū r̄ en
 ob̄ r̄ e ent̄es c̄endo p̄f̄itunt̄ e d̄s
 r̄ e na sua t̄ndade . Amador de d̄s
 h̄ aq̄l . q̄ tod̄is as causas usa r̄ p̄tici
 pa seu p̄c̄ado r̄ seḡuid̄ asua d̄tade n̄o
 h̄ p̄ḡoso a n̄o h̄ūi l̄e f̄as . Esteinte
 r̄ ot̄uete h̄ aq̄l . oq̄ll̄ e stando na
 m̄lido meatac̄ das tentac̄oes r̄ dos
 laios r̄ das t̄p̄stades do m̄lido . estu
 da r̄ ḡbate c̄o toda asua forza . pa aūe
 as man̄as r̄ os costumes liures das
 t̄p̄stades do m̄lido . Monge h̄ h̄ūi
 estad̄ r̄ h̄ua orden̄ de sustancia seu cor
 po . q̄ d̄iz ḡnao de angeo . h̄ math̄euid̄
 en corp̄ mortal r̄ ruio . Monge h̄ aq̄l . q̄ so
 oit̄ as causas de d̄s . ob̄ensa r̄ falaz̄ h̄ vi
 uo ou iuntado c̄o . e t̄oda . r̄ e todo lo
 ḡar r̄ e todo . f̄eyto . Monge h̄ aq̄l . q̄ faz
 ot̄ueta a n̄ecessar̄o asua naturaliza
 r̄ ot̄ueta forza . r̄ ḡda nos ses semidos
 Monge h̄ aq̄l . q̄ ha ocorp̄ satisf̄ado r̄
 aboca p̄gada r̄ amete alumeada . Monge
 h̄ aq̄l . q̄ semp̄ esta e d̄or r̄ e thoro r̄ semp̄
 se exercita na memoria da morte . Eue
 laido ou coruindo . o desp̄zant̄ do m̄lido
 r̄ o leixant̄o . h̄ūi ensy . r̄ ha e odio todo
 louuoz humano . ou dos homees . r̄ t̄odo
 delecto natural . Caq̄sto pa guant̄har

as causas q̄ son sob̄ nat̄u . Enyo to
 dos aq̄ts q̄ leix̄ as causas do m̄l
 do . r̄ daq̄sta p̄sente uida . deuen
 o leixar . p̄ h̄ua destas t̄s e tempo
 es . ou pa guant̄har o ex̄ario dos
 ceos . ou por medo q̄ h̄a d̄is pen
 as do inferno q̄ h̄a n̄ocidas por
 los mustos p̄c̄ados . seu p̄ri lu c̄m̄da
 de de d̄s . q̄ h̄es . ha . ja p̄ongido o coxi
 co . Mas q̄ q̄ . q̄ se aq̄ua destas
 tres ent̄ac̄es se p̄te . seu p̄t̄into
 n̄o h̄ n̄ozuel p̄ro q̄l seu q̄ seu a
 cabim̄to salz̄loa . ih̄u x̄ . oq̄ll̄ h̄ da
 dor de todos los p̄c̄ados . r̄ n̄o
 h̄ desp̄zador de n̄e h̄ūi l̄em . pois
 leixaste om̄ido pa f̄is p̄c̄ade
 uca dos t̄os p̄c̄ados . touua por e
 x̄mplo aq̄lts q̄ stan̄ aq̄ar d̄as se
 pulturas . arborit̄ os seu mox
 tos r̄ n̄o cesses de esp̄lhar as fer
 uetas . r̄ afogadas liḡmas . r̄ di
 choros r̄ ch̄atos . de com̄to s̄e n̄e
 h̄ua uoz . Ama tanto q̄ tu uejas
 uuy . aty . ih̄u x̄ . q̄ t̄ipe ap̄eda da
 rigida de teu coraço . Caq̄sto . co
 mo resusciton lazaro . Caq̄sto . resus
 cite dos p̄c̄ados at̄ua m̄ete r̄ u .
 m̄ade nos angeos seu auj̄n̄st̄ades
 r̄ digalhes . de seleḡadeos do sp̄ca
 dos r̄ das t̄bulac̄oes r̄ leixadeo
 h̄ir . ao l̄e aūeturid̄ rep̄uso da
 ot̄emplar̄ . esse tu n̄o fizes ass̄p̄mo
 andaȳi aduante o teu f̄ro p̄p̄os to
 dos nos q̄ q̄rem̄ f̄ar do egypto pa
 fugir das maos de phario . sem
 todo h̄ m̄estoz . canoz h̄ūi moyses f̄
 yso h̄ h̄ūi m̄ed̄c̄as q̄ est̄enda as
 maos . at̄ p̄r̄ nos p̄p̄os yso . q̄ n̄o
 o seu gouernant̄o p̄passemos o m̄a
 dos p̄c̄ados r̄ aq̄am̄ uitoria de a

aquelles *que* o *querê* • e nã he desprezador de nẽ²⁰⁶
 hũã pessoa • *que* hũã *queira* e o outro nã *que-*
 245 *ira* • Cruel he *aquel* *que* por natureza ra-
 zoauil²⁰⁷ e mortal (•) voontariosamente fuge
aaujda e ao seu *proprio* fazedor *perdurauil*
e pensa se seer algũa cousa Maligno
 he *aquell* • *oquall* auendo aley de *deus* *creen-*
 250 *do* • e *creendo* uĩue *Jníquamente* • *quer* dizer
 muy mal • *conhoscêdo* e *querendo* o *contraí-*
ro *daquello* *que* *deus* *quer* • e *cuidase* creer en
deus • / • *Christãão* he *aquell* • *que* he seguidor de
Jhesu christo • *quanto* he *possiuĩl* ã *palaura* e en
obra e ã entêçõ *creendo* *perf(e)ctamente* ã *deus*
 255 e ã na sua *trindade* • *Amador* de *deus*
 he *aquel* • *que* todas as cousas usa e *partiçi-*
pa sen *peccado* e *segũdo* asua *võõtade* nã
 he *prígiçoso* a nẽ hũũ *bẽ* *fazer* • Este<<e>>n²⁰⁸
e *contínẽte* he *aquel* • *oquall* estando na²⁰⁸
 260 { {mũdo} }²⁰⁹ *meatade* das *tentaçõdes* e dos
laços e das *têpestades* do *mũdo* • *estu*
da e *combate* cõ toda asua *força* • *pera* *auer*
as maneiras e os *custumes* líures das
têpestades do *mũdo* • *Monge* he hũũ
 265 *estado* e hũã *orden* de *sustançia* sem *cor-*
po • *quer* *dizer* *graa*o de *angeo* • he *mãtheudo*
en *corpo* mortal e *çuio* *Monge* he *aquel* • *que* *so-*
omente as *cousas* de *deus* • *obra* • *pensa* • e *fala* e he *vij-*
 270 *(n)do* ou *Juntado* cõ *christo* ã *todo* • e ã *todo* *lo-*
gar e ã *todo* *feyto* • *Monge* he *aquel* • *que* *faz*
contínuada *amoestaçõ* asua *naturaleza*
e *contínuada* *forca* • e *guarda* (•) aos *seus* *sentidos*
Monge he *aqule* *que* ha *ocorpo* *sãtificado* (•) e
aboca *p(ur)gada*²¹⁰ e *amẽte* *alumeada* *Monge*
 275 he *aquel* *que* *senpre* *esta* ã *door* e ã *choro* e *senpre*
se *exercita* na *memoria* da *morte* *Eue-*
lando ou *dormjndo* • o *desprezamento* do *mũdo*
e *oleixamento* • ha *ensy* • e ha ã *hodio* *todo*
louuor humano • ou dos *homẽes* • e *todo*
 280 *deleito* natural • *Eaquesto* *pera* *guaanhar*

as *cousas* *que* *son* *sobre* *natura* • *Enpero* *to*
dos *aqueles* *que* *leixã* as *cousas* do *mũ*
do • e *daquesta* *presente* *uida* • *deuen*
 o *leixar* • *pera* hũã *destas* *tres* *êtençoo*
 285 *ês* / ou *pera* *guanhar* o *Reyno* dos
ceẽos / ou por *medo* *que* hã das *pen-*
as do *Inferno* *que* hã *mereçidas* por
 los *mujtos* *pecados* / ou por la *carída-*
de de *deus* *que* *lhes* ha *Ja* *pongido* o *cora-*
 290 *çõ* *Mais* *qual* *quer* *que* *s(ẽ)* algũa *destas*
tres *entêçoões* *se* *parte* • *oseu* *partimento*
nã he *razoauel* / *pero* *qual* *sera* *oseu* *a-*
cabamento *saberloa* *Jhesu christo* • *oqual* he *da-*
 295 *dor* de *todolos* *boos* *stados* • e nã
 he *desprezador* de nẽ hũũ *bem* / *Pois*
que *leixaste* *omũdo* *pera* *fazer* *peende*
nça dos *teus* *pecados* • *toma* por e
xemplo *aquelles* *que* *stan* *apar* das *se*
pulturas • *achorar* os *seus* *mor-*
 300 *tos* e nã *çesses* de *espalhar* as *fer*
uẽtes • *eafogadas* *lagrimas* • e *da*
choros e *chãtos* de *coraçõ* *sẽ* nẽ
hũã *uoz* • *Ataa* *tanto* *que* tu *ue* *Jas*
uijnr aty *Jhesu christo* / *que* *tire* *apedra* da
 305 *çigidade* do *teu* *coraçõ* • *Eassy* *co*
mo *resuscitou* *lazarõ*²¹¹ • *Assy* *Resus-*
cite dos *pecados* *atua* *mẽte* e (de)
mãde aos *angos* *seus* *amjñstradores*
e *digalhes* • *deslegadeos* dos *peca-*
 310 *dos* e das *tribulações* e *leixadeo*
hir ao *bẽ* *auẽturado* *repouso* da
contenplaçõ / *Ese* tu nã *fazes* *assy* / • nã
andara *adiante* *oteu* *fecto* / *Poys* *to*
dos • *nos* *que* *queremos* *sair* do *egipto* *pera*
 315 *fugir* das *maãos* de *pharao*²¹² / *em*
todo he *mester* • *dauer* hũũ *moyses* /
ysso he hũũ *medeaneiro* *que* *estenda* as
maãos *adeus* por *nos* / *Por* *ysso* / *que* *juso*
 o *seu* *gouernamento* (/) *passemos* o *mar*
 320 *dos* *pecados* e *a* *Jamos* *uítor*ia de *a-*

²⁰⁶ Na margem de cabeça está escrito: "Primeiro de como".

²⁰⁷ <l> cortado por um traço reto horizontal.

²⁰⁸ <o> transformado em <a>.

²⁰⁹ Subpontilhado.

²¹⁰ O sinal abreviativo usado corresponde, habitualmente, às seqüências <ar>, <ra>, <ua> ou <uar>, o que produziria um vocábulo do qual não se encontrou registro e que não tem sentido na frase. É provável que seu uso se deva a um erro do copista, pois o vocábulo <purgado> aparece posteriormente, com o sinal abreviativo correspondente a <-ur-> ou <-ru-> (p. ex., vd. linhas 4894, 5682, 6319). Na trad. de TREVISAN (1941, v. 1, p. 46) e de ALMEIDA JUNIOR (1902, p. 4), os vocábulos correspondentes são <pura> e <limpa> respectivamente.

²¹¹ Ref. bíblica: João 11:38-45

²¹² Ref. bíblica: Êxodo 13:3

amelech q̄r dis d̄is uostas t̄t̄ac̄es
 por esso for̄o enuad̄os aq̄lls q̄ ofiaron
 d̄ossy m̄cesmos n̄o se t̄end̄o m̄uer m̄este
 de n̄e h̄uū por rege d̄oz. q̄ os rege
 sem p̄lo am̄uho de d̄s. Recordemo
 nos nos como aq̄lls q̄ sayr̄o do egypto
 om̄iq̄r̄ moyses. r̄ aq̄lls q̄ fuger̄on
 de sedona om̄iq̄r̄ oango por guida
 Os p̄n̄os son semelhares. aq̄lls q̄
 son l̄ūdes das t̄et̄ac̄es sp̄uaes. y
 so h̄ sobeua. uaa ḡlla. enueia r̄ fri
 za r̄ t̄t̄ez̄a p̄la ḡra r̄ p̄lla ob̄cos
 f̄ias sp̄uaes. Os p̄dos son aq̄lls q̄ se
 efforcan̄ de faz̄ dos v̄cios ar̄naes. cu
 tendesse. gula. luxuria r̄ auareza
 q̄r̄o yss̄o ha m̄est̄ez de h̄uū aq̄ud̄o
 q̄ seia assy como h̄uū ango. q̄ o m̄
 eta am̄uho estreita dieta. por esso
 q̄ p̄do q̄ as chagas son m̄ays podres
 r̄ m̄ayores assy ha m̄est̄ez de fisico mais
 saldeoz. **De d̄rauit̄ en em̄os m̄est̄ez.**
 fisicos m̄uy saldeozes de ḡnd̄e forza
 r̄ de ot̄iuos t̄balhos r̄ d̄ozes de p̄e
 ndencia. aq̄lls q̄ r̄o o corpo. q̄ em̄ cu
 t̄ez no ceo. yss̄o h̄ q̄ q̄e o corpo l̄uxu
 rioso r̄ goloso aduzlo acaustid̄e r̄ est
 cencia. r̄ m̄ayores n̄o p̄ncipio do say
 m̄to de m̄udo. at̄ia t̄ato q̄ am̄ete r̄ ho
 roqūo seia posto no diuino amor p̄na
 santificad̄o. p̄lo choro ot̄iuado. **Maeta**
angustia d̄rauit̄ r̄ m̄uita n̄o v̄st̄
 ul am̄gura seia aq̄lls q̄ uiuē r̄ usay
 negligēter̄. at̄ia t̄ato q̄o am̄. q̄r̄ d̄r
 zer anoss̄a m̄ete corruu. aq̄l f̄ica nas
 auid̄ac̄es de gula r̄ de lux̄ia assy
 como f̄ize o cam̄ q̄ ama as ruinaes. r̄
 as r̄ os manjares n̄o l̄uxos. seia le
 uada de st̄as cousas. **Conueny a sab̄ez**
p̄ inuyta simp̄zidade r̄ pla p̄ funda
humildade. r̄ pla diligēte ḡra. a
uerem̄o feita amador̄ni de v̄st̄a
deue r̄ de est̄reita r̄ toda pena tot̄

mada en dilecto q̄ ais entanto nos se
 itude. anossa infir̄m̄id̄e. r̄ pouca po
 tencia ou p̄deno q̄essemos. r̄ c̄o nossa
 m̄ado ap̄nhamos dante h̄a f̄ ab̄u r̄
 do r̄ despezando sem̄ nos m̄cesmos no
 p̄fundo da humildade. r̄ e todo recete
 reinos. o seu aq̄ud̄o. m̄uyto mais que
 n̄o h̄ anossa necessid̄e pois todos a
 aq̄lls q̄ q̄ren̄ andar aq̄sta batalha
 bella r̄ f̄reita r̄ dura r̄ ligeira. f̄al̄ta
 q̄ elts. uā a p̄bater c̄o o fogo. yss̄o
 h̄ c̄o astetac̄ōs de carne r̄ de dia
 loo r̄ de m̄udo. por esso c̄oūe seay de
 uer o fogo jumatend̄. e sy m̄cesmos
 q̄r̄ d̄is o f̄er̄uoz da boa uōtade. **Assy**
sta batalha h̄ dita estreita p̄lla l̄uxu
m̄to. dos antigos r̄ m̄ados cu f̄uues
Edura pla p̄f̄ca abnegad̄o da p̄na
uōtade. ligeira pla c̄o f̄iḡra q̄ ha
em̄ p̄plo dom̄ de sua ḡra. **Caq̄ste q̄ q̄r̄**
uyur a esta batalha. q̄ h̄ e a sua na
talesa r̄ e as pot̄cias inuisiuis p̄m̄
sy m̄cesmos r̄ com̄a d̄a q̄ste p̄m̄ c̄o alta
tas aq̄s m̄est̄urad̄o. esto h̄ e amochi
f̄icad̄o de sua carne r̄ abnegad̄o de p̄na
uōtade. **Et̄ia d̄a q̄ste caloz e os v̄cios**
p̄ros r̄ d̄est̄os. r̄ c̄o as r̄gonhas r̄ c̄o as
lagmas. por esso q̄ n̄o tomē a batalha na
sua d̄enad̄o q̄ seia. e seu juro r̄ p̄go. e
tr̄ez e batalha r̄ a n̄o ob̄ata f̄ūtem̄ c̄o
tuda sua forza r̄ c̄o as armas de p̄f̄ca ofi
anca de itude de f̄. assy como q̄ q̄r̄ bonie
q̄ he baptizado n̄o se salua se p̄o ḡra c̄o m̄
and̄m̄to de d̄s. aq̄llo q̄ se d̄a q̄ segue aila
roy. **ben̄ assy q̄ q̄r̄ bonie q̄ toma aq̄to**
de mouge. n̄o h̄ mouge se n̄o ḡra aq̄lls
cu sas q̄ se p̄tece a sua p̄f̄com̄. **Es̄o a**
q̄lls q̄ d̄esl̄am̄ f̄ez̄er loo f̄ur̄ad̄m̄to en no
f̄ūjo de d̄s. de p̄lo p̄ncipio. toda cou

amelech²¹³ *quer dizer das nossas têtacoões* E²¹⁴
 por esso forõ enganados aquelles *que confiaron*
 dessy meesmos • nõ se *creendo* auer mester
 de nõ hũu por regedor • *que os rege*
 325 sem perlo camjinho de *deus* • Recordemo-
 nos [[nos]] como *aquelles que sayrõ* do egipto
 ouuerõ moyses • *e aquelles que fugirom*
 de sodoma ouuerõ oango por guiador²¹⁵
 Os *primeiros* son semelhantes • *aquelles que*
 330 som liurados das têtacoões *spirituaes* • y-
 sso he soberua • uãã gloria • enueia e fri
 eza e tristeza perla guarda e perlla obra dos b(o)os
 fisicos *spirituaes* • Os *segundos* son aquelles *que se*
 esforcam de sair dos viçios carnaaes • en-
 335 tendesse • gula • luxuria e auareza
 Epur yssso ha mester de hũu aJudador
que seia assy como hũu ango • *que os m-*
 eta amujto estreita dieta • por esso
que segundo que as chagas som mays podres
 340 e mayores assy ha mester de fjsico mais
 sabedor (•) *verdadeiramente* auemos mester •
 fjsicos muy sabedores de grande força
 e de *continuos* trabalhos • e doores de pee-
 ndença / Aquelles *que cõ o (/) corpo* *querem en-*
 345 *trar*²¹⁶ no ceo • yssso he *que querẽ* o corpo luxu-
 rioso e goloso aduzerlo aacastidade e est
 (e)ença • e *mayormente* no prinçipio do say-
 mento do mũdo • ataa tãto *que amête* e ho
 coraçõ seia posto no diuíno amor e na
 350 santificaçõ • perlo choro *contínuado* • M(ui)ta
 angustia • *verdadeiramente* e muíta nõ visi-
 uil *amargura* sera *aquelles que uiuẽ* e usan
 negligêtemente • ataa tãto *que o cam / quer di {r}*²¹⁷
 zer anossa mête corruta • *aqual* fica nas
 355 cuidações da gula e da luxuria Assy
 como faze o cam *que ama* as carneceri-
 as e os manJares nõ línpos • seia le
 uada destas cousas • C(õ)uem a saber
 per muyta sínplizidade e perla per funda
 360 humildade • e perla diligente guarda (•) a
 ueremos feita amadoira de Casti-
 [d]ade e de esteenca e toda pena tor-

{{.}}nada²¹⁸ en dileyto Maís entanto nos sê-
 uirtude • a nossa Jnfir(m)idade • e pouca po
 365 tençia ou poderio (*conf*)essemos • e cõ nossa
 mão aponhamos dante Jhesu *christo* • abaixã-
 do e desprezando senpre nos meesmos no
 profundo da humjldade e ã todo reçebe-
 remos oseu aJudoiro • mujto mais que
 370 nõ he anossa neçessidade Pois todos a-
 [[a]]quelles *que* *querem* andar aaquesta batalha
 bella e streita e dura e ligeira / saibã
que elles • vãã a *combater* cõ o fogo • yssso
 he cõ astêtaçoens da carne e do dia-
 375 boo e do mũdo • por esso cõuẽ senpre aa-
 uer o fogo Jnmaterial ã sy meesmos
quer dizer o feruor da boa uõõtade Aque-
 sta batalha he dicta estreita pello leixa
 mento {{s}}²¹⁹ dos antigos e maaõs costumes
 380 Edura perla *perfecta* abnegaçõ da *propria*
 uõõtade • ligeira perla cõfiança *que* ha
 em *christo*²²⁰ e perlo dom da sua *graca* Eaqueste<<s>> *que* *queren*
 víjnr aesta batalha • *que he contra* asua na-
 turaleza e *contra* as potêcias Jnuisuijjs *prouẽ*
 385 sy meesmos e comã daqueste pam cõ alfa-
 ças *agras* mesturado / esto he cõ amortí-
 ficaçõ da sua carne e abnegaçõ da *propria*
 uõõtade Ebeuã daqueste calez cõ os vítu-
 perios e doestos • e cõ as uergonhas e cõ as
 390 *lagrimas* (:) por esso *que* nõ tomẽ a batalha na
 sua *condênaçõ* *qua* seeria ã seu Juizo e perigoo • ã
 trar ã batalha ea nõ *combater* feruêtemente cõ
 toda sua força e cõ as armas da *perfecta* *confi-*
 ança da uirtude de *christo* Assy como *qual* *quer* homẽ
 395 *que* he babtizado nõ se salua • se nõ *guarda* os m-
 andamentos de *deus* • *aquello* *que* se *daqui* segue cala-
 rey (•) / bem assy *qual* *quer* homẽ *que* toma aujto
 de monge • nõ he monge se nõ *guarda* aquellas
 cousas *que* se *perteeçẽ* aasua perfeicom Epero a-
 400 *quelles* *que* deseiam fazer boo fundamento em no
 seruýço de *deus* • desdelo prinçipio • toda cou-

²¹³ Ref. bíblica: Êxodo 17:8-13.

²¹⁴ Na margem de cabeça está escrito: "deuẽ fogir do mũdo".

²¹⁵ Ref. bíblica: Gênesis 19:1-3,12-17.

²¹⁶ Sobre o <r> há um sinal abreviativo redundante.

²¹⁷ Apagado.

²¹⁸ Apagado, subpontilhado.

²¹⁹ Subpontilhada.

²²⁰ Há uma manchete à esquerda.

in desfram - trda coufa remouera p deitand de
 lly a catm e. aqsta coufa de pti di de tres mo
 rales fhemofant fmeda sobre tres amtes os
 qees fou fundados sobre fs esteos. f. moxencia
 a homil jauid n castidade Exr todos aqles
 q som requinhos e. e. co aqstas tres coufas
 en començand to mado exemplo dos puos mox
 tes. os qes estas fs coufas ha enfo por q
 em ells no h cruza ne dureza ne fufpidade
 de en h e ells frctum e san. nyl. ne bag o
 uentre ne o corpo aceso de luxuria. has
 desfoys q nã tornand apunto apouco o
 començatoues. o corpo crece p tona a ou
 rom de luxuria. So nã em todo aqsta
 ficne e esse fundamto aq q q q q q
 e estu lut albr aq h na carreira de es por
 q h mudo p qsta coufa p desfruct em hã
 ua batalha p ofresse das armas por q da aen
 tender q q fcez morto qsta auerha hã
 lco fundamto p hã firme puqno. h puetofo
 aalma p despois q se ha atetencia. por
 q aalma q comega foruente. p despois se leia
 vup. en negligencia fap fca pungua. p q
 molada da memoria da confusães p o pmo
 lco pncipio ou comeco p qsta coufa alguns som
 tornados na pma agua. como faz aagua q
 renoua as penas. Sa pmo aalma enguando
 assy mefina. p q ofeuz. tem auenturado fa
 p sob ben auenturo. se certa aotom p lo q
 o apido Et contra aqta otony tome todo ofeu
 desfo p a forca p trda afua diligencia. dãm
 do otru h mefimo. por q ub p dera entrar p
 ne hã out porta se nã p aqlla onde fãu qes
 ocludinos q todos aqles. q renouam ad m
 undo p meo das penas do juffino romo
 de fuso dãm h. som senelhatos do enfo odr fi
 co. q dãm bencheuãte. aq da lco chãro n des
 pois se torna e fumu. por yfo q aqles ataa
 es comeca prudẽtem p despois se leixam
 cur e fumo de pguia. Mas aqles q renou
 nam no mudo p aspanca do qakardã. ffo
 assy como omoyulho q aãda arde se nã a
 hã manã. Mas aqles q o renouam p a
 caridade de de de flogo reãte. o fogo ar
 deate p senp eretm en feauor assy como o
 fogo q h motuid no mudo q se de dãm
 q som alguns q e rima da pedra faze hã

desino de le on abos fãuda outros
 som q erge os esteos sob apum hã
 fson alguns q andom hã pncipio q
 despois q som ofortados p efforca
 dos os seg ueuos andam mais fir
 teant. Aqsta h aqlla e fãga. p a
 qste h ofeu entendimto falando da
 qles q renouam o mudo. Dos pmos
 aqles q desfo pmo pncipio començam
 ateti estado de fudes itudes som ota
 diencia p somutimto. p esse p q
 ells nã ham uso das hãmptas la
 talhas p da obediencia dos sobreus
 leuãtem fracos p mifpulos. Os fcos
 som aqles os qees desfo pncipio toma
 andã solitaria. aãte q ells aãte p
 gados os desfoys p por q ells nã hã
 fundamto de somutimto toste caaq
 ceuã ames. Os fcos som aqles os
 qees som leuãtem de solerua. toma
 o jugo da obediencia rã reuõca andã
 ofeio camuho da subreico p desfoys.
 pouco apuro ofortados da queãta
 do spu fãam leuãtem aãhã fã
 thalho r fca ne hã fãza. Cauendo a
 effõca q dãm aãte das batalhas co
 ofanto a iudico som ne hã en pargo
 passã ligeiunt ataa morte pãis
 fãdo nos chamados de de nolle. Se
 ubor hã fãmanos pntãnt p toste
 vit. nã aspãdo tã p q se os nollõs
 dias fallõ pntõs sa pãmos da qsta
 uida se nã fãto de lãis ois. pãys ef
 fortẽmos nos apãto aã romo os ca
 uallõs q se efforã de pãto cu seu dãm
 ofãdo viuãnt pãto yfo q pãto hãm
 ley obãdo. o dãm lães da gãdes dãm
 Semãnos dãm. como uos tẽmos as
 uãlias pãto q eu ey vãto hom
 rã q andã afãta. os qees nom
 tãmã dãm. p o mudo a ladridõ dos ca
 ces. lãgo se tornãto aãtus. Sãssy aãto
 q o romo das aãtuãlias fãz e ells
 les aqlla q nã fãz otemor de de pã

sa desprecam e toda cousa remouem e deitam de²²¹
 ssy e entram ã aquesta cou²²² de partida • de tres mo-
 radas fremosamente fundada sobre tres cantos<<•>> os
 405 quaees son fundados sobre tres esteos • *scilicet* • Jnoçençia
 e homil Jaiũ e castidade Epero todos aqueles
 que som pequeninhos ã *christo* • cõ aquestas tres cousas
 en começando tomãdo exenplo dos paruoos Jnoçẽ
 tes / Os quaees estas tres cousas hã ensy • Porque
 410 em elles nõ he crueza (•) nõ dureza • nõ fãlssidade
 Nem he ã elles fartura ãsaçiaujl • nõ han o
 uentre nõ o corpo açeso (•) de luxuria • Mais
 despoys que vẽẽ tomando apouco apouco o
 comer e o beuer • o corpo creçe e toma oca
 415 iom de luxuria <<•>>Epero conuem en todo aestar
 firme ã este fundamento aqual quer (•) que quer entrar
 ã esta batalha • aqual he na carreira de deus (•) Por
 que he muito prigo<<•>>sa cousa e despreziuel entrar honẽ
 na batalha e espirsse das armas • Porque da aen
 420 tender que quer seer morto AJnda auer factõ hũũ
 boo fundamento e hũũ firme prinçipio • he proueitoso
 aalma e²²³ • despois que se ha a(t)ebeçida • Por
 que aalma que começa feruetemente • e despois se leixa
 vijnr en negligencia senpre sera pungida • e estĩ
 425 molada da memoria da consciencia porlo primeiro
 boo prinçipio ou começo • por aquall cousa algũũ son
 tornados na primeira aguça • como faz aaguia que
 renoua as penas • E a quando aalma enganando
 assy meesma • perde o feruor • / bem auenturado sera
 430 e sobre bem auẽturado • s(e) certa ocaiom perlo qual •
 o aperdido Et contra aquela ocaiom tome todo oseu
 desejo e a força e toda asua diligencia combatẽ-
 do contra sy meesmo • Porque nõ podera entrar • per
 nõ hũã outra porta se nõ per aquella onde saũ • Pero
 435 concludimos que todos aquellos • que renũçiam ao m
 undo por medo das penas do Jnfferno como
 de suso dicto he • som semelhãtes ao ençẽso odorifi-
 co • quer dizer bem cheirãte • oqual da boo cheiro e des
 pois se torna ã fumu • por ysso que aquestes ataa-
 440 es começã prudẽtamente edespois se leixam
 cair ã fumo de priguíça Mais aquellos que renũ-
 çiam ao mũdo por asperança do galardom / sõ
 assy como omoyinho que anda arredor senpre a
 hũã maneira Mais aquellos que o renũçiam • pola
 445 caridade {do} de deus / logo reçebe • ofogo ar-
 dente e senpre creçem en feruor assy como o-
 fogo que he metudo no panasco • Pero te digo
 que som alguũs que ã cima da pedra fazẽ he

defiçio de la(d)rinhos EaJnda outros
 450 som que ergẽ os esteos sobre apura terra
 Eson alguũs que andom hũũ pouco (apos)
 edespois que som confortados e esforça
 dos os seus neruos andam mais for-
 temente • Aquesta he apalaura ã figura • e a-
 455 queste he oseu entendimento falando da
 quelles que renũçiam o mũdo • Eos primeiros
 aquellos que desdo primeiro prinçipio começam
 ateer estado de grandes uirtudes sem obe-
 diencia esomitimento • e por esso por que
 460 elles nõ ham uso das h(u)mjldosas ba
 talhas e da obediencia dos sobieitos
 leuãtam fracos e misquinhos Os segundos
 som aquellos • os quaees deslo prinçipio tomã
 auida solitaria • antes que elles aJam pur-
 465 gados os deffeytos e porque elles nõ hã
 ffundamento de somitimento toste caen
 euẽẽ ameos Os terçeiros son aquellos os
 quaees sen leuãtamento de soberua • tomã
 oJugo da obediencia e cõ reuerça andã
 470 oseguro camjnhõ da subieicõ (•) e despois •
 pouco apouco • confortados da queentura
 do • Spiritu santo leuantã e achãsse sem
 trabalho e sen nõ hũã frieza Eauendo a-
 esperança²²⁴ quer dizer aarte das batalhas cõ
 475 o santo aJudoiro sen nõ hũũ embargo
 passan ligeiramente ataa morte / pois
 seendo nos chamados de deus nosso Se-
 ñhor Jhesu christo / corramos promptamente e toste-
 mente • nõ asperando tempo • por que se os nossos
 480 dias fossem poucos sayriamos daquesta
 uida sen fruyto de boas obras • Poys es
 forçemos nos aprazer adeus • como os ca-
 uallos que se esforçan de prazer ao seu Rey
 combatẽdo viuamente (•) Por ysso que quando han
 485 ben combatudo • oRey lhes da grandes dõões
 Temamos deus • como nos te<<me>>mos as
 animalias / Por que eu ey visto hom
 eẽs que andauã afurtar • os quaees nom
 timian deus • e ouvindo o ladrido dos ca-
 490 ees • logo se tornarõ atras Eassy aueo
 que o temor das animalias fez ã el{{..}}²²⁵
 les aquello que nõ fez otemor de deus (Po)

²²¹ Na margem de cabeça está escrito: "Primeiro do fogir".

²²² Borrado e subpontilhado.

²²³ Após esta palavra, há um espaço em branco correspondente a ± 8 caracteres.

²²⁴ Sobre esta palavra, há uma emenda com ± 3 letras de leitura duvidosa. Há um <i> sobre o <p>, uma ou duas letras ilegíveis sobre a seqüência <-an-> e outro <i> sobrescrito entre o <ç> e o <a>, o que parece ser uma tentativa de transformar o vocábulo <esperança> em <esper(i)ença>.

²²⁵ Borrado.

is amemos de ao meos. assy como a
 matos os uosfos amigos. q eu vy alg
 uis q emuo of de r no curuo de re
 conliarse co elle. Svy q estes meos
 os emuo of ses amigos e algua peg
 na palau. r despois selh soy sometidos
 co muyta diligencia. r con muyta t
 bulaco de uendosse e arya offere
 re adolhos muytos dres qn tfer
 los ayua amigda. ea no p ryo
 do leixamto do mundo e todo co tta
 lhos r co fortas r co conguyas olm
 os ue utudes qora q a usanca maath
 assy como contida e uafuleza. Svas
 despois q p alguu tpo. auere. q fia fo
 rra anos meosmos olmo estas ob u
 tuofas entres. d alma ou b eaderu
 uit aduotude no ha t heza. lo q a
 nafuleza no seia e todo sey p m r
 a alma. Svas qto aduotue r onofe
 mortal sabex. q d o sentimento de uo
 fta mortal psumo. h junte r de fto
 r poderofant sometud da utude
 q h da a alma. d q l he da p fia fo
 rtoleza. daly aduant olmoo as utu
 dos co gnde aloga r ardidez r ue
 seio r foga de r r r r chama de
 canidade. Svas e aqto soy lomados
 aglle q de pmo co aloga r pdeza o
 lmy as utudes r obedeom aos ma
 dantes de ses mayores. le q lhes pa
 rera alguias uezes coufa m fami
 r mesquba. d q lles q mon q lon
 go tpo no uso das utudes. pundo
 r obedeom r co tualhos olm as
 utudes r obedeom aos ma dantes
 na os ajamos e odio fessy meosmo
 no dessemos os deuigantos do
 mudo r os qes algua uegada som
 fros no co pso. ne co ppo. mto da

tes pensado. Svas p hui farto duntto
 oql de da adua p asua estoesumda te
 uiguidade. por q muitas uezes. estes
 deuigantos assy fros. ha mellor acua
 mto. q aglle q se fazem co gnde fudo. assy
 como q semete q trae di maad uo laude
 donde al no qr muitas uegadas foz milho
 fruido. q aglle q soy semeado co gnde estu
 do. Svas eu vy alguu q se emuo con o
 ruy q eunha no p sua uotide. antes foga
 pa no achase com elle. r despois se arua
 rom r entrom no paco co elle r foz om
 ses supidos. Svas meosmo de alguu q
 autou ao meosmo. no p farta entcom
 ante por algua uecessidade tporal. adespis
 fendo qphenduo da muyta faldana do a
 llade r a pzuul r farta dillaco dos mo
 ges fereberom de de lume de qrua r ueo
 amuy alta pfoia qois ue hui uo foue
 escusa and leixar ho mudo r tom ar esta
 do monastio q q. dig de monge dizendo
 se q pla multidoes dos ses peidos no h
 digno. por q esta atal no h humilde. an
 te h amor r uotide de delectas uio
 fa ou com puda pla q no qr faze do
 pado Svas deusse fuz o firo p r q
 aly donde som as muytas chagas gu
 tes. aly som muyto mais meosmo as
 meozulhas pa ruy las. Svas nos a
 nos chama se hui rey tental q andu
 fomos aelle. ardi dunt anduamos
 nelle alexapang toda out coufa r tado
 out fia ofoys entcom q e nos mee
 suos r duam q qto nos chama aq
 fta uoga ordem celestrial. esto h drey
 dos deoy r o senhor de todos senhores
 r o de todos duses. q por p qru
 nos no deuigamos afua chama com
 qora q no aueremg escusa ue hui adu
 te ofeu juzo ea deuedes sabex. q ho
 home q no h legado ao matrimonio
 maye somit h legado aduua das
 coufas mudo uades r q. andar ad
 uida solitaria. Este tal h semollite
 aql q qr emez. auido as meos le
 gadas Svas aglle q h legado ao nu

is amemos *deus* ao meos • assy como a-²²⁶
 mamos os nossos amjgos • *qua* eu vj alg-
 495 ũus *que* errarõ *contra deus* e nõ curarõ de re-
 conciliar-se cõ elle Evy *que* estes meesm-
 os errarõ *contra seus* amjgos ã algũa peque-
 na palaura • e despois selhe son sometidos
 cõ muyta diligencia • e con muyta tri-
 500 bulaçõ (•) Rendendosse ã culpa offere
 [[re]]çedolhes muytos doðes • *pera* trager-
 los a *primeira* amjgãça • (C)a no principio
 do leixamento do mundo ã todo cõ traba-
 lhos e cõ forças e cõ amarguras obram-
 505 os as uirtudes • *porque* a usança maa • he
 assy como cõuertida ã *natural*eza • Mais
 despoys *que* per algũũ tempo • aueremos *fecto* fo
 rça anos meesmos obrando estas obras uir-
 tuosas (•) entõçes • aAlma ou *verdadeira*-
 510 mente avõõtade nõ ha tristeza • bẽ *que* a
*natural*eza nõ seia ã todo sen pena e
 aalma • Mais *quando* avõõtade e o nosso
 mortal saber • *quer* dizer (•) o sentimento da no
 ssa mortal *presumçõ* • he • Junto e *destruido*
 515 e poderosamente sometudo da uirtude
que he dada aalma • *Aqual* lhe da *perfecta* fo-
 rtelleza • daly adeante obramos as uirtu-
 des cõ *grande* alegria e ardidez e de-
 seio e fogo de coraçõ e chama de
 520 Caridade Enpero ã *aquesto* son louuados
aquelles *que* de *primeiro* cõ alegria e prodeza o-
 bram as uirtudes e obedecem aos mã
 damentos de *seus* mayores • (/) bẽ *que* lhes pa-
 reça algũãs uezes cousa m<<i>>serauil
 525 e mesquinha • (f) *Aquelles* *que* morã per lon-
 go tempo no uso das uirtudes • *seruindo*
 e obedesçendo e cõ trabalhos obram as
 uirtudes e obedesçen aos mãdamentos
 nõ os aJamõ ã odio / Eassy meesmo
 530 nõ desprezemos os Renũçiamentos do
 mũdo / os *quaees* algũa uegada som
fectos nõ cõ p(e)so • nõ cõ *propoymento* dã

tes pensado • Mais *per* hũũ santo doamento
 o *qual* *deus* da aalma *per*<<la>> asua esmesurada be
 535 nignidade • *porque* muitas uezes • estes
 Renũçiamentos assy *fectos* • hã melhor acaba-
 mento • *que* *aquelles* *que* se fazem cõ *grande* studo • Assy
 como a semẽte *que* caae da mãõ ao laurador
 donde el nõ *quer* mujtas uegadas faz *milhor*
 540 frũito • *que* *aquello* *que* foỹ semeado cõ *grande* estu-
 do (•) *Qua* eu vj alguũs *que* se encõtrarõ com o
 Rey *que* uinha nõ *per* sua võõtade • antes fogiã
pera nõ acharse com elle • e despoys se arma
 rom e entrarom no paaço cõ elle e forom
 545 *seus* conujdados • Eso meesmo • vi algũũ *que*
 andou ao moesteiro • nõ *per* santa entẽçon
 ante por algũa neçessidade *temporal* • e despois
 seendo *conprehendido* da muyta sabedoria do a-
 bbade da *praziuil* e santa *conuerssaçõ* dos mõ
 550 ges Reçeberom de *deus* lume de graça e ueo
 amuy alta *perf(e)icçõ* (•) Pois nõ hũũ nõ tome
 escusa anõ leixar ho mũdo e tomar esta
 do monástico *que* *quer* dizer de monge dizendo
 se *que* *perla* multidoõẽ dos *seus* pecados nõ he
 555 digno • *porque* esta atal nõ he humjldade • An-
 te he amor e võõtade de delectaçõ uicjo-
 sa ou corrũpuda *perla* *qual* nõ *quer* sayr do
 peccado Mays deuesse fazer o *contrairo* por *que*
 aly donde som as muytas chagas *gran-*
 560 *des* • alỹ som muyto mais mester as
 meezinhas *pera* curarlas • Esse {nos} a
 nos chamase hũũ rey terreal *que* anda
 semos aelle • ardidamente andariamos
 aelle e leixariamos toda outra cousa e todo
 565 outro *fecto* • Poys entẽdamõs ã nos mee-
 smos e veíamos *que* *quando* nos chama *aque-*
 sta nossa ordem çelestial / esto he o Rey
 dos Reys • eo senhor de todollos senhores
 e o *deus* de todollos deuses • *que* por *prigiça*
 570 nos nõ Renũçiemõs asua chamaçom
 / (•) Por *que* nõ aueremos escusa nõ hũũ deã-
 te o seu Juizo (C)a deuedes saber • *que* ho
 homẽ *que* nõ he legado ao matrimonio
 mays soamente he legado aacura das
 575 cousas mũdanaãs e *quer* andar aa-
 vida solitaria • Este tal he semelhãte
 aaquel *que* *quer* correr • Auẽdo as maaõs le-
 gadas Mays *aquelle* *que* he legado ao ma-

²²⁶ Na margem de cabeça está escrito: "do mũdo".

E mouro e semelhante aqulle q ha legada
 das as maos e as ptes q os e sso algu
 nis homeres mudanos os qas inuyam
 negligentent me de mandado dizendo
 Como poderemos nos seguir uydano
 miffici q d' d' de mouge inuendo com
 as molheres e co os cujados mudana
 des. Des qees En respondy assy q' do
 hem q' nos poderes fiz. fazedo e no di
 gados mal doutrem no munde. des e no
 fazedes no q'ades senhorax aduty
 no ajades odio ao proximo uosso. Se
 ede soligros ao oficio diuino e as suas
 exambias. de q' amittat uiuem. e som fu
 gidos as destros aptados das coufas do
 mudo. Que de opaxom do p'ximo e des
 pobres. Seede otentos de uossas molheres
 e no colyades outyas e se uos assy feze
 des no seeredes muy longe do Reyno de ds
 Era nos corranos ledant abatalha
 lra e frenosa do fuydo de ds. f'no dauyda
 do ne temedo os nossos enmygos. por q'
 elly q'eam en nu face da ulmal. q' auz
 q' elly no a ueray clamat. saluo p' demo
 straciones de spuaes. e plo seu sol
 entendiado e pla muytu usanca. E
 se uem a lma ep'atada p' o mudo. q' fir
 ma muyto mayy abatalha e muyto
 mais cruelmt cobate. conhe q' do os
 p'fiosos enmygos q' nos auemos medo
 q' por esso nos ledant nos armemos
 cobatendo fortent oya elly. por q' o
 ualere cobatedor ne huu no cobate
 de boa mt. Cao seahoz de spenpati
 uant aligerete as batalhas do ro
 meradores por q' se no oppante das fortis
 e q' ues batalhas e torne ao mudo p'por
 aq' causa se alegram em ds todolos seu
 suos conheedo em sy maestros aq' se
 p'nuo sp'nal da candado do seu Rey. q' pla

E p' reannao q' ha feuta e nos.
 inuytag uezes se nos leya sentiz.
 e achax q' o e eny alguas almas
 fortes e esforzadas aas q'ees logo
 desdo p'cipio. ou comete ds th. p'ri
 eten fortes batallas. q' rendus a
 ginha comax p' n'osso. Sebor id
 no p'mete aq' lly q' stam no mun
 do q' sapla as batallas. aq' lly q'
 som no fuydo de ds. e as q'ees batall
 has. aq' lly q' p'ruco conholrem
 as reputam supossuys. q' d' q'
 q' no p'ue seer thays. d' aditunt
 som p'ossuys e lo p'uy seer q' por
 q' se olly as soulessem. ne huu no
 saira do mudo p'p'os da p'tante
 e andant e co g'nde deligencia
 alhy e. otalho da tua manti
 nancia legax tras na dollho das
 d'zas p' suas. q' q' q' os hom
 es som uellos q'oua p' d'allo q'
 ha ganhado no t'p' da mancelia
 E poron nos m'cacos e balhevos
 fuentant e armamos soligantur
 p' q' a hora da morte no h' casta
 d' aditunt nos auemos enmy
 gos maos e cruces e artemos
 e p'urosos. os q'ees no d'p'mery e
 no som mat'naaes. e no som vi
 siuys. os q'ees teen ofogo na ma
 ao pa quemar o templo de ds q' h'
 nos p'p'ora. q' coufa ne huu ma
 celo. no ofenta e crea aos seg en
 mygos os diabos q' lly estay dize
 do assy. Non te destruas e non
 atormentes o corpo e atua car
 ne p'por yso q' no rayas e d' d' d' d'
 plonigica. E p' ad' d' engunop
 amselho amalaues se acha na
 huu d' d' p' sente d' d' q' q' d' d'
 huu p'ruco amortificax. usua m
 ne ne t' m' lly os romeres deleytosos

trimonyo he semelhãte aaquelle *que* ha lega²²⁷
 580 das as maaos *e* os pees Epor esso algu-
 ùs homêes mūdanos os *quaees* (•) víujam
 negligentemente me demãdarõ dizendo
 Ecomo poderemos nos seguir (•) uýda mo
 nastica • *quer* dizer de monge // víuendo com
 585 as molheres *e* cõ os cuJdados mūdana-
 aēs • Aos *quaees* Eu respondy assy Todo
 bem *que* uos poderdes fazer • fazedeo *e* nõ di-
 gades mal doutrem nõ mintades *e* nõ
 furtedes (•) nõ *queirades* senhorar aoutren
 590 (/) nõ aJades hodío ao prouximo uosso / Se-
 ede soliçitos ao ofiçio díuino *e* aas *sanctas*
conpanhias • dos *que* santamente víuem • *e* som fu-
 gidos aos desertos apartados das cousas do
 mūdo Auede cõpaixom do proximo edos
 595 pobres / Seede contentos de uossas molheres
e nõ cobíçedes outras *e* se uos assy fezer
 des nõ seeredes muy longe do Reýno de *deus*
 (O)ra nos corramos ledamente aa batalha
 boa *e* fremosa do seruíço de *deus* • / • nõ duujdan
 600 do nõ temêdo os nossos enmíjgos / por *que*
 elles *guardam* en na face da alma / • Macar²²⁸
que elles nõ a veian claramente • saluo *per* demo
 stramêtos de sýnaaēs • / *e* perlo seu sutil (•)
 entendimento *e* perla muyta usança E
 605 se veem aalma escã(b)ada por {{.}}²²⁹ medo • Afir-
 mã mujto maýs abatalha *e* mujto
 maýs cruelmente cõbatê • / conheçêdo os
 perfiosos enmijgos *que* nos auemos medo
 Epor esso nos ledamente nos armemos
 610 cõbatendo fortemente *contra* elles • por *que* *contra*
 o ualête cõbatedor nõ hũ nõ cõbate
 de boa mente (E)ao Senhor despensatí-
 uamente (•) aligeireçe as batalhas dos co-
 meçadores por *que* se nõ espantê das fortes
 615 *e* cruees batalhas *e* tornê ao mūdo / por
 aqual cousa se alegrem em *deus* • todolos seus
 seruos conhecêdo em sy m(a)esmos aqieste
 primeiro sýnal da Caridade do seu Reý • Eperla

{{Epor}}²³⁰ chamaçõ *que* ha feicta ã nos •
 620 muytas uezes se nos leixa sentir {z} •
e achar • *pero* *que* euvý alguãs almas
 fortes *e* esforçadas • aas *quaees* logo
 desdo princípio • ou começo • *deus* lhe prom-
 eteu fortes batalhas • *querendoos* a
 625 ginha coroar / Enosso (•) Se<n>hor *deus*
 nõ *permite* aaquelles *que* stam no mun-
 do *que* saybã as batalhas daquelles *que*
 som no seruíço de *deus* / As *quaees* bata-
 lhas • Aquelles *que* pouco conhosçem
 630 as reputam Inpossuiýs • *quer* dizer
que nõ podê seer / Mays (•) verdadeiramente
 som possiuiýs *e* bẽ poden seer • por
que se elles as soubessem • nõ hũ nõ
 saíra do mūdo / Poýs da p(rõ)tamente²³¹
 635 *e* ardidamente *e* cõ grande deligençia
 aJhesu *christo* • otrabalho da tua mançi-
 bia • *e* alegrartas na velhiçe das
 R<i>quizas *per* fectas • por *que* quando os hom-
 es som uelhos gouernãse daquello *que*
 640 hã ganhado no tempo da mançebia
 Epor(e)n nos mãçebos trabalhemos
feruentamente *e* corramos soliçitamente
 por *que* agora da morte nõ he çerta
 Verdadeiramente nos auemos enmij-
 645 gos maaos *e* cruees • *e* arteiros
e poderosos • os *quaees* nõ dormem *e*
 nõ som materiaaes *e* nõ ssom ví-
 ssiuiýs / • os *quaees* teen ofogo na ma-
 aõ (•) *pera* queimar o tenplo de *deus* *que* he
 650 nos / porla qual cousa nõ huã mã-
 çebo / nõ *consenta* *e* crea aos seus en-
 mijgos os diabos *que* lhe estan dizê
 do assy • Non te destruas *e* nom
 atormentes o corpo *e* atua car
 655 ne / por ýsso *que* nõ cayas ã doença
*per*longada Ep<o>r aqieste / enganoso
 conselho amalaues se acha nen
 hũ daquesta presente (•) vida *que* queira
 hũ pouco amortificar asua car
 660 ne nõ tirarlhe os comerdes deleýtosos

²²⁷ Na margem de cabeça está escrito: "Primeiro do fogir".

²²⁸ Possivelmente, o vocábulo é 'marca'.

²²⁹ Há um pequeno borrão.

²³⁰ Trecho pontilhado ao redor.

²³¹ O sinal abreviativo que deveria estar sobre o <m> aparece sobre o <e> final.

Deves saber q a extencion deste diablo
 q nos da aqste conselho h aqsta. de faz nos
 faz principio do nosso contumto cheo de
 pinguia por yso qo acatanto seia muyto
 paor. Por esso aq q paybant qe huyr
 aq y pmanit se somete ao conselho a aa
 obediencia dos padres hruaes nos qas
 conhoscaes as causas puetosas pa al
 ma. Esto h pola muyta amigaca r amo
 ne q ham coos. Ello conselho r pla sua
 abediencia. tomam logor r estado r
 mania muybaul. assy lhy faz mestex po
 yso q os grandes moestros no som puer
 tosis atodo home p mayorit aple h
 muyto ledo. uacant ou golofo. Dem
 adta os hmytosios son puetosos aque
 h muyto esto r furioso ou yso. Por
 esso se qe sruar. aq de stas puetosens
 on ha de seer mouge h maye iudua
 do. Por q todo o estado r a dymycom
 m. n. a. h. qe diz dos mouges se con
 tem e estas ts causas germlnt. E
 hui h h estar solitario r apartado de
 p. r. l. m. das gentes. O out h h estar a
 obediencia do pad spual co hui ou
 co dos co. m. b. e. n. s. O out h h de mo
 rar no moestro co paciencia. Oays
 o estado de meo h maye muybaul
 2. muytos m. p. m. h maye p. g. o. s. d.
 sy como diz a sui scriptura. q diz assy
 ay ao soo poza se mar e acidia ou e
 sonolencia ou e despaço. nom hi ne
 hui q o ajude alouatar. Oays onde
 sam dog outres. ajutados no mau
 nomadiz o senhor eu seerex em meo
 dells. Oque h aq anonge sayto r sy
 el aq se obediencia r so os k. l. h. o. s.
 spuaes ofeua ofeu fer uox sem ne
 hui enfrimto r atua morte no

leixa de creter fogo a fogo r amor a amor
 neste atal como sera fim sera cotado
 Capitulo soo q fala de no amre.

Alle q conuera dade una lhu e
 tgeudo no seu coratom. E aqll q
 uerda qant busca p. r. i. p. a. o. d. e. r. n. o. d. o. s.
 ceos. E aqll q euuuda hi doo dos p. e. t. a.
 do r. d. i. s. s. u. a. s. o. f. e. n. p. r. o. e. s. E aqll q cony
 b. i. a. d. e. t. r. a. g. e. n. o. t. o. r. p. e. d. t. o. m. o. d. a. m. o. r. t. e.
 aqste d. i. l. y. a. d. i. a. n. t. n. o. a. m. a. y. a. r. a. e. n. s. e.
 a. y. a. r. a. d. e. c. o. n. s. a. n. e. h. u. a. t. e. r. r. e. a. l. n. e. d. e.
 d. i. s. m. e. d. e. p. o. d. e. r. e. s. n. e. m. d. e. p. a. r. e. n. t. e. s. n. e.
 d. a. h. o. n. r. a. d. e. s. t. e. m. u. n. d. o. d. e. n. d. e. n. e. h. u. a. r. o.
 u. s. a. q. a. a. q. s. t. o. s. e. p. r. e. n. h. a. O. m. a. y. s. t. o. d. o. o. i. s. o.
 r. a. e. n. c. l. i. n. a. c. o. d. e. s. t. a. s. c. o. n. s. a. s. d. e. t. a. r. i. d. e. s. s. y.
 r. a. d. u. l. a. s. e. h. o. d. i. o. r. e. a. j. u. d. a. a. s. u. a. c. a. r. n. o. r. e.
 a. s. s. y. n. u. i. d. e. t. o. d. a. c. a. u. s. a. s. e. n. e. h. u. a. d. i. u. i. s. a.
 s. i. g. u. r. a. a. x. p. o. O. s. e. n. s. a. u. e. r. a. a. e. n. t. e. n. d. o. a. o. s.
 r. e. d. e. l. y. c. h. a. m. a. r. i. o. f. e. u. a. j. u. d. i. c. i. o.
 s. e. g. u. i. d. o. q. d. i. z. i. a. o. s. a. n. t. o. p. p. h. a. a. d. s. q. d. o.
 d. i. z. i. a. a. m. y. n. h. a. a. l. t. a. r. a. s. e. h. a. a. c. o. s. t. a. d. a. a. t. y.
 E. s. t. o. q. d. i. z. o. u. t. p. p. h. a. a. d. s. q. d. i. s. s. e. S. e. u. h. o.
 m. e. u. a. m. y. n. o. s. o. y. a. s. s. i. a. n. d. e. s. e. g. u. i. r. a. t. y. m. e. u.
 p. a. t. h. o. r. q. e. u. n. o. d. e. s. e. g. e. y. c. o. s. l. a. n. o. n. e. r. e.
 p. o. u. s. o. h. u. m. a. n. a. l. O. m. y. m. u. y. g. r. a. n. c. o. n. s.
 f. u. s. o. n. h. r. e. p. e. r. a. a. a. d. e. s. q. l. e. i. x. a. r. o. t. o. d. a. s.
 e. s. t. a. s. c. o. n. s. a. s. d. e. s. u. s. o. d. e. u. s. d. e. s. p. o. i. s. d. a.
 c. h. a. m. a. c. o. a. a. q. l. o. s. h. a. c. h. a. m. a. d. o. s. d. e. s. r. u. o.
 h. o. m. e. n. o. h. u. i. S. o. l. o. g. i. t. a. r. s. e. o. u. c. u. r. a. r.
 s. e. d. e. n. e. h. u. a. o. u. t. c. o. n. s. a. a. q. l. n. o. s. e. j. a. n. e.
 r. e. p. a. r. a. n. o. t. i. p. o. d. a. m. o. r. t. e. E. a. q. s. t. o. h. a. q.
 l. l. o. q. d. i. s. s. e. n. o. s. s. o. S. e. u. h. o. n. o. e. u. a. g. e. l. l. y.
 c. o. n. h. e. c. e. d. o. q. o. a. m. y. n. h. o. d. i. a. l. l. o. q. c. o. m. e.
 i. a. a. n. d. a. r. n. o. s. u. i. u. d. d. e. d. e. r. e. t. o. n. a. a. t. i. s.
 d. e. s. p. o. i. s. q. h. a. m. p. o. s. t. a. a. m. e. a. d. n. o. a. y. a. d. o.
 O. n. o. s. s. o. s. e. u. h. o. r. d. i. s. s. e. q. o. s. t. e. s. a. t. n. a. e. s. n. o.
 s. o. m. a. y. t. o. s. n. e. d. i. g. n. o. s. d. e. s. e. r. u. d. e. d. e. s.
 o. u. d. o. s. r. e. d. o. s. p. a. l. j. u. a. c. o. n. h. o. s. e. n. t. u. o. n. o. g. o.

E deus saber *que* a entençon deste diaboo²³²
que nos da *aqueste conselho* he *aquesta* • de *fazer* nos
fazer oprinçipio do nosso cõuertimento cheo de
priguiça • por *ýsso que* o *acabamento* seia muyto
665 *peor* Epor *esso* *aquel que* saybamente *quer serujr*
achristo • / *primeiramente* se *somete* ao cõselho e *aa*
obediencia dos *padres spirituaaēs* (//) os *quaeēs*
conhosçen as *cousas prouetosas* *pera* al-
ma • *Eesto* he *pola* *mujta* *amjgãça* e *amo*
670 *río* *que* *ham* *cõ* *deus* *Eperllo* *cõselho* e *perla* *sua*
obediencia • *tomam* *logar* e *estado* e
maneira *conujnhauil* • *assy* <<segundo>> *lhes* *faz* *mester* • *Por*
ýsso *que* os *grandes* *moesteiros* *nõ* *som* *prouei*
tosos *atodo* *homẽ* (•) / *Emayormente* *aque* *he*
675 *muyto* *ledo* • *uaamente* ou *goloso* *Nem*
aJnda os *hermjtorios* *son* *proueitosos* *aque*
he *muyto* *triste* • e *furioso* ou *yroso* • *Epor*
esso *se* *quer* *consijrar* • *aqual* *destas* *paixoens*
oque *ha* de *seer* *monge* *he* *may*s (•) *Inclina-*
680 *do* • / *Por* *que* *todo* o *estado* e *a* *conuerssaçom*
monastica • *quer* *dizer* dos *monges* *se* *con-*
tem *ẽ* *estas* *tres* *cousas* *geeralmente* • *O-*
hũu *sy* *he* *estar* *solitario* *eapartado* *cor-*
poralmente *das* *gentes* *Ooutro* *sy* *he* *estar* *a-*
685 *obedie(nç)ia* do *padre* *spiritual* *cõ* *hũu* ou (•)
cõ *dous* *cõ*(p) *anheiros* *O* *outro* *sy* *he* de *mo-*
rar no *moesteiro* *cõ* *paçiencia* • *Mays*
o *estado* de *meo* *he* *mays* *conuenhauil*
A *mujtos* (•) e²³³ *oprimeiro* *he* *may*s *perijgoso* • *A*
690 *ssy* *como* *diz* a *sancta* *scriptura* / *que* *diz* *assy*
Ay *ao* *soo* *porque* *se* *caae* *ẽ* *açidia* ou *ẽ*
sonolencia ou *ẽ* *desperaçõ* • *nom* *h(a)* *nẽ*
hũu *que* o *aJude* *aleuãtar*²³⁴ *May*s *onde*
seram *dous* • *outres*²³⁵ • *aJũtados* no *meu*
695 *nome* // *diz* o *senhor* *eu* *seerey* *em* *meo*
*delles*²³⁶ *Equẽ* *he* *aquel* *monge* *saybo* e *fy*
el *oqual* *so* *obediencia* e *so* os *trabalhos*
spirituaaēs *conserua* *oseu* *feruor* *sem* *nẽ*
hũu (e) *nfriamento* e *ataa* *morte* *nõ*

700

700 *leixa* de *creçer* *fogo* *afogo* e *amor* *aamor*
e *este* *atal* *como* *sera* *fim* *sera* *cõtado*
Capitolo segundo que fala de nõ amar
nen hũa cousa maliciosamente
*Aquelle*²³⁷ *que* *conuer* {{{d}}} *dade*²³⁸ *ama* <<a>> *Jhesu* *christo*
705 *tragendo* <<o>> no *seu* *coraçom* • *Eaquell* *que*
uerdadeiramente *busca* *participar* o *Reyno* *dos*
çeeõs *Eaquelle* *que* *enuerdade* *ha* *door* *dos* *peca-*
dos e *das* *suas* *ofenssoeõs* *Eaquelle* *que* *com*
verdade *trage* no *coraçõ* *temor* *da* *morte*
710 *Aqueste* *daly* *adiante* • *nõ* *amara* (•) *Nem* *se*
curara de *cousa* • *nẽ* *hũa* *terreal* • *nẽ* *de-*
dinheiros • *nẽ* de *poderes* *nem* de *parentes* • *nẽ*
da *honra* *deste* *mũdo* • *Nem* de *nẽ* *hũa* *co-*
usa *que* *aaquesto* *se* *pertenha* (•) *Mays* *todo* • *ouso*²³⁹
715 e *a* *enclinaçõ* *destas* *cousas* *deitara* *dessy*
e *auerlas* <<ha>> *ẽ* *hodio* • e *aJnda* *asua* *carne* / e
assy *nuu* de *toda* *cousa* *sen* *nẽ* *hũa* *duujda*
sigujra *achristo* • *Esenpre* *auera* *a* *entençõ* *aos*
çeeõs • e *daly* *chamara* *oseu* *aJudoiro*
720 *Segũdo* *que* *dizia* o *santo* *propheta* *adeus* • *quando*
dizia *amjnha* *alma* *se* *ha* *acostada* *aty*²⁴⁰
Esegundo *que* *diz* *outro* *propheta* *adeus* *que* *disse* *Senhor*
meu • *amj* *nõ* *foy* *affam* de *seguir* *aty* *meu*
pastor *qua* *eu* *nõ* *desegey* *cõsolaçõ* *nẽ* *re*
725 *pouso* *humana*²⁴¹ • (E) *npero* *muy* *gram* *com*
fusom *he* e *seera* *aaquelles* *que* *leixã* {{{rõ}}} ²⁴² *todas*
estas *cousas* de *suso* *dictas* • *despois* *da*
chamaçõ *aaqual* *os* *ha* *chamados* *deus* *enõ*
homẽ *nẽ* {{{.}}} ²⁴³ *hũu* • (S) *ologitarsse* ou *curar-*
730 *sse* de *nẽ* *hũa* *outra* *cousa* • *aqual* *nõ* *seJa* *ne*
çessaria no *tempo* *da* *morte* *Eaquesto* *he* *aque-*
llo *que* *disse* *nosso* *Senhor* *no* *euãgelho*
conheçẽdo *que* o *camjnho* *daquelles* *que* *come*
çã *aandar* no *seruiço* de *deus* e *tornã* *atras*
735 *despois* *que* *ham* *posta* *a* *maã* no *arado*
(E) *nosso* *senhor* *disse* • *que* *estes* *ataaēs* *nõ*
som *aptos* *nẽ* *dignos* do *Reyno* de *deus*
ou *dos* *çeeõs*²⁴⁴ / • *AJnda* *conhosçendo* o *nosso*

²³² Na margem de cabeça está escrito: "do mũdo" (1ª coluna) e "ij" (2ª coluna).

²³³ Um traço vertical separa <e> de <oprimeiro>.

²³⁴ Possível ref. bíblica: Eclesiastes 4:9-10.

²³⁵ Um traço vertical separa <ou> e <tres>.

²³⁶ Ref. bíblica: Mateus 18:20.

²³⁷ <A> capitular.

²³⁸ O primeiro <d> está riscado. O <n> apresenta um sinal acima e um abaixo, parecendo 'corrigi-lo' para um <m> ou separá-lo do vocábulo seguinte.

²³⁹ Um traço vertical separa <o> e <uso>.

²⁴⁰ Ref. bíblica: Salmo 62:9.

²⁴¹ Ref. bíblica: Jeremias 17:16

²⁴² O trecho final está pontilhado ao redor.

²⁴³ Borrado.

²⁴⁴ Ref. bíblica: Lucas 9:62

ESCLARECIMENTO

Para preservar o direito autoral sobre a edição, e o direito de reprodução do fac-símile pela Biblioteca Nacional (Lisboa, Portugal), as páginas 68 a 283 foram suprimidas do arquivo eletrônico desta dissertação.

CONCLUSÕES

A edição do testemunho em medievo-português *Escada Celestial* tanto exigiu habilidades e informações como propiciou a ampliação destas. A necessidade de compreender o texto e tudo o que o perpassa ocasionou a investigação dos mais variados aspectos – paleográficos, lingüísticos, literários, históricos etc –, e o amadurecimento necessário para lidar com as questões interpretativas que emergem desse texto, de características lingüísticas e representações ideológicas e sociais tão estranhas às atuais.

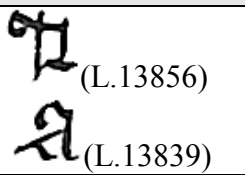
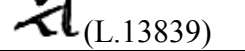
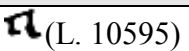
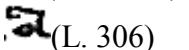
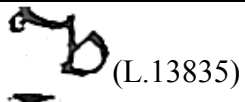
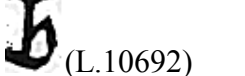
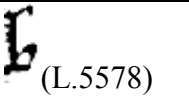
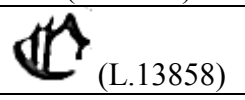
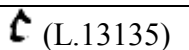
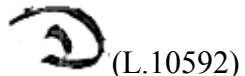
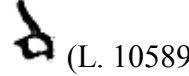
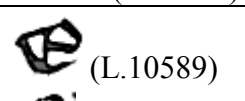
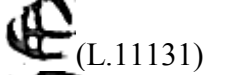
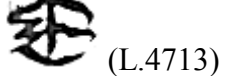
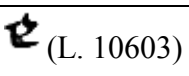
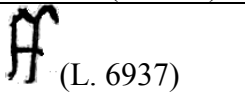
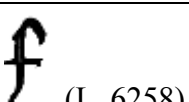
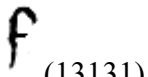
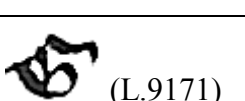
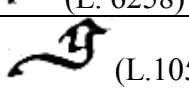
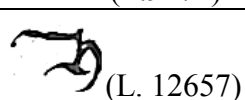
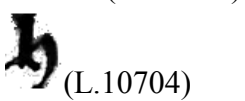
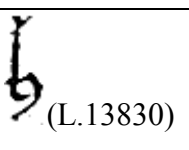
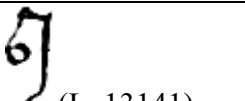
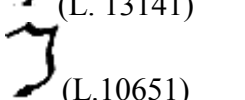
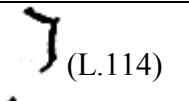
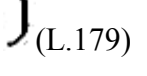
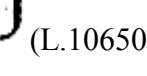
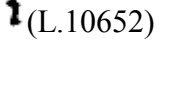
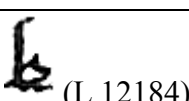
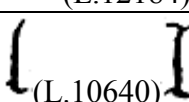
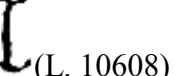
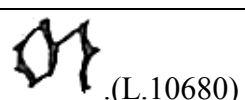
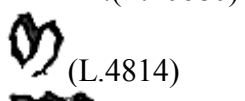
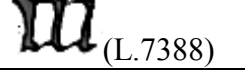
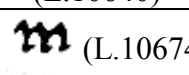
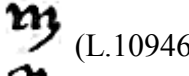
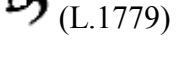
A recompensa dessa árdua empreitada constitui-se do aprendizado proporcionado e do aprazimento de trazer a lume o que laboriosamente também foi produzido e conservado, que passa, a partir das intervenções editoriais feitas, a ser contributo para outras pesquisas. Dá-se, a partir desse ponto, um outro momento, não menos difícil que o da edição: a recepção.

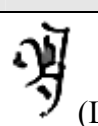
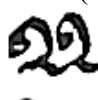
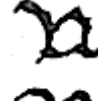







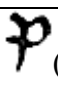


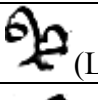



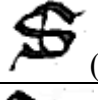


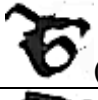










A fim de contribuir para um debate acadêmico sobre o rigor ecdótico em trabalhos de edição, discutiu-se a subjetividade do trabalho editorial e a importância da adoção, explicitação e aplicação de normas de edição coerentes com suas finalidades.

A escolha do tipo de edição está subordinada ao objetivo principal de sua realização e ao público-alvo que se deseja atingir. Tendo em vista que o objetivo primordial da edição aqui apresentada é constituir-se fonte fidedigna de dados para os estudos lingüísticos, não há como se esquivar do conservadorismo das normas de edição. O contrário – uma tendência modernizadora, para facilitação da leitura – tornaria a edição mais aceitável para um eventual leitor não lingüista, mas também a tornaria incoerente com o seu propósito. Contudo, "ainda que alguns aspirem a uma objetividade mecânica na operação" (HOUAISS, 1967, v.1, p. 205), a 'medida do rigor' desses critérios também é interpretativa, como lembram as palavras de Emiliano (2002, *passim*).

Espera-se que o trabalho de edição aqui apresentado não seja nem tão hermético em seus objetivos lingüísticos que o torne inviável a outros fins, nem tão voltado a outras demandas que o invalide para os estudos diacrônicos.

APÊNDICE A - ALFABETO DE ESCADA CELESTIAL (CÓD. ALC 213)

MAIÚSCULO		MINÚSCULO	
Moderno	Manuscrito	Moderno	Manuscrito
A	 (L.13856)  (L.13839)	a	 (L. 10595)  (L. 306)
B	 (L.13835)  (L.10692)	b	 (L.5578)
C	 (L.13858)	c	 (L.13135)
D	 (L.10592)	d	 (L. 10589)
E	 (L.10589)  (L.11131)  (L.4713)	e	 (L. 10603)
F	 (L. 6937)	f	 (L. 6258)  (13131)
G	 (L.9171)	g	 (L.10590)
H	 (L. 12657)  (L.10704)	h	 (L.13830)
I/J	 (L. 13141)  (L.10651)	i/j	 (L.114)  (L.179)  (L.10650)  (L.10652)
K		k	 (L.12184)
L		l	 (L.10640)  (L. 10608)
M	 (L.10680)  (L.4814)  (L.7388)	m	 (L.10674)  (L.10946)  (L.1779)

MAIÚSCULO		MINÚSCULO	
Moderno	Manuscrito	Moderno	Manuscrito
N	 (L. 1295)  (L.10652)  (L.9715)  (L. 13126)	n	 (L.10603)  (L. 10603)
O	 (L. 10626)  (L. 10696)	o	 (L.10626)
P	 (L.10655)	p	 (L.10612)
Q	 (L.10606)	q	 (L.10607)
R	 (L. 13817)	r	 (L.108)  (L.109)
S	 (L.10643)  (L.10612)	s	 (L.10642)  (L.10643)
T	 (L.10966)	t	 (L.10960)
U/V	 (L. 6250)	u/v	 (L.13142)  (L.13146)  (L.10666)  (L. 10649)
X	 (L.252)	x	 (L. 13162)
Y		y	 (L.. 10625)
Z		z	 (L.13128)

Quadro 6 - Alfabeto de Escada Celestial (cód. ALC 213)

APÊNDICE B - ABREVIATURAS E SINAIS ABREVIATIVOS FREQUENTES

Abreviaturas / sinais (ms.)	Desdobramentos (edição)
	<i>con-</i> (L. 391)
	<i>pro-</i> (L. 3)
	<i>per-</i> (L.11); <i>par-</i> (L. 256)
	<i>he</i> (L. 12)
	<i>-uar-</i> (L. 112); <i>-ua-</i> (L. 4); <i>-ra-</i> (L. 38); <i>-ar-</i> (L. 25)
	<i>-er-</i> (L. 25); <i>-re-</i> (L. 12); <i>-eir-</i> (L. 50)
	<i>-ur-</i> (L. 11335), <i>-ru-</i> (L. 11486), <i>-ar-</i> (L.7595).
	sinal abreviativo (<i>titulus</i>) para supressão de letras no interior do vocábulo e/ou fim do vocábulo (L. 21).
	<i>que</i> (L. 3)
	<i>ser-</i> (L.10761)
	<i>segundo</i> (L. 51)
	<i>seruos</i> (L. 149)
	<i>quando</i> (L. 428)
	<i>quanto</i> (L. 1145)
	<i>deus</i> (L. 16)
	<i>spiritu</i> (L. 213)
	<i>Jhesu</i> (L. 162)
	<i>christo</i> (Ls. 163 e 131, respectivamente)
	<i>sancta</i> (12664)
	<i>sentença</i> (L. 8)
	<i>moesteiro</i> (L.195)
	<i>prophetas</i> (L. 10587)
	<i>-us</i> , (L. 47); <i>-os</i> (L. 146); <i>con-</i> (L. 41)
	<i>mjsericordia</i> (L.10953)
	<i>e < et</i> (nota tironiana. L. 12)
	<i>dauid</i> (L. 6325)

Quadro 7 - Abreviaturas e sinais abreviativos frequentes - EC (Cód. alc. 213)

ANEXO A - FAC-SÍMILE DO FÓL. 1R - PRÓLOGO E PARTE DO ÍNDICE DE *SCALA PARADISI* (TRAD. ITALIANA DE GENTILE DA FOLIGNO; SÉC. XIV)

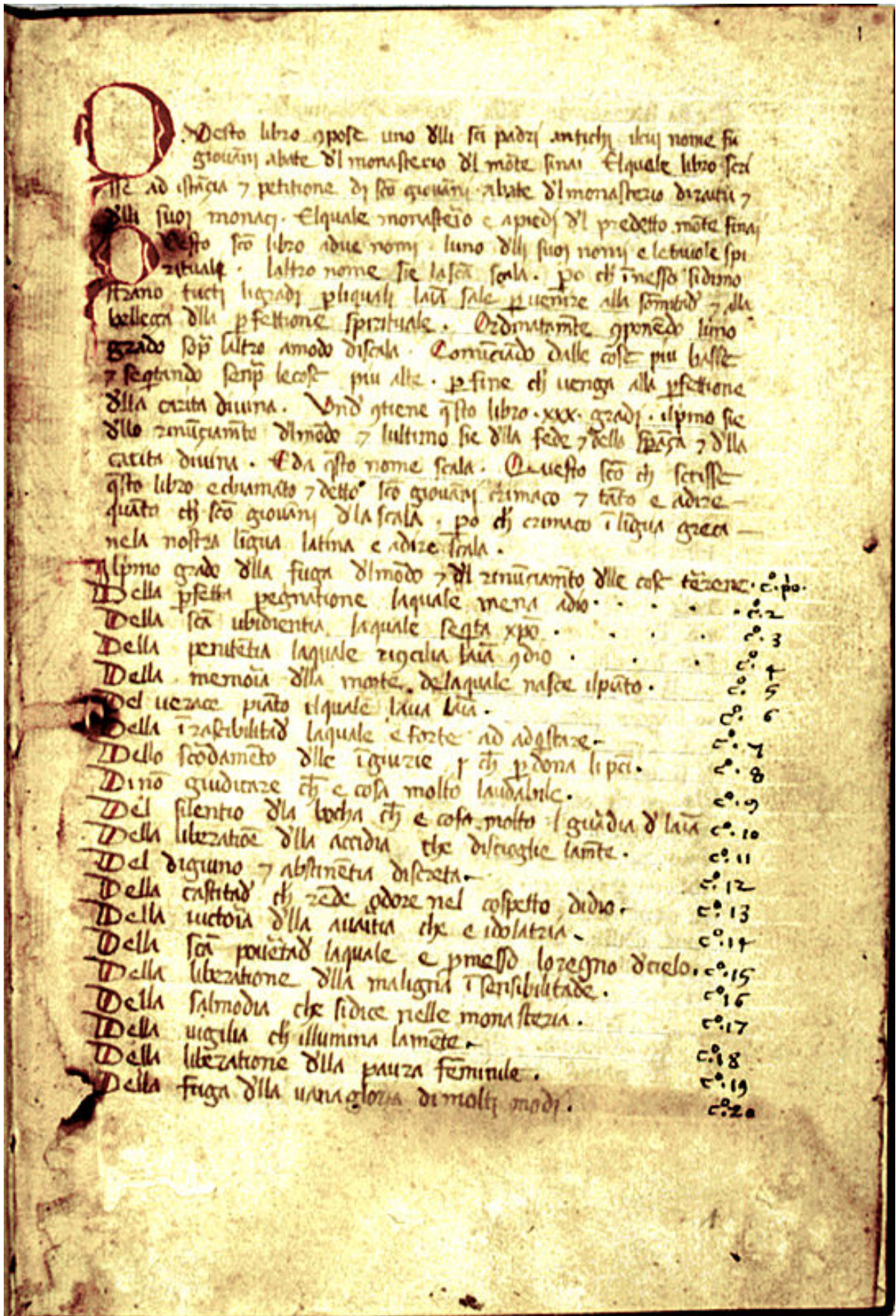


Figura 3 - Fac-símile do fól. 1r - *Scala Paradisi* (trad. italiana de Gentile da Foligno; séc. XIV)

ANEXO B - EXCERTOS DA EDIÇÃO DE 1492 DA TRADUÇÃO ITALIANA DE GENTILE DA FOLIGNO (SÉC. XIV), RELATIVAS AO PRÓLOGO E SUMÁRIO DA *SCALA PARADISI*

In Nome domini nostri Iesu christi Amen. **In**comincia el prologo dellibro chiamato Climaco el quale eõ pose uno de sancti padri antichi el cui nome fu Iohanni abbate del monasterio del monte synai: El qual libro scripse ad instantia & petitione di sancto Iohanni abbate del monasterio di Rayti & delli suoi monaci: el quale monasterio e apiedi del predicto monte synai.

Prologo

Vesto sancto libro ha dua nomi. Luno delli suoi nomi e detto tauola spirituale poche in esso scontiene abreuitate & copiosamente quasi tutte doctrine necessarie allaura spirituale. Laltro nome si e chiamato la sancta scala. Peroche in esso sidimostrano li gradi p'li quali lanima sale & perulene alla sumita & alteza dellaperfectione spirituale. Componendo adunche ordinatamente luno sopra laltro amodo di scala cominciado dalle cose piu basse & seguitado sempre le cose piu alte perfino ch'peruiene alla perfectione della charita diuina. Onde contiene questo libro tre: ta gradi. El primo sie del renuntiamen to del mondo. El trigesimo sie della fede speranza & charita diuina. Et da questo nome scala: Questo sancto che lo scripse e chiamato sancto Iohanni climaco. Et tanto e adire quanto sancto Iohanni della scala: Peroche climax in lingua greca & in lingua latina e adire scala. Et questi sono li gradi li quali sicõ tengono nella prenominata scala.

Primo grado

El primo grado sie della fuga del mon & del renuntiamen to delle cose terrene. El secondo di non haure affecto uoloso a nessuna cosa.

El terzo della perfecta peregrinatione la quale mena lanima a dio.

El quarto della sancta obediẽtia la quale seguita Christo.

El quinto della penitencia la quale ricõcilia lanima con dio.

El sexto della memoria della morte della quale nasce el pianto.

El septimo del uerace pianto el quale laua lanima dalli peccati.

Loctauo dellaurta di non irarsi la quale e forte da' quistare.

Lo nono di non ricordarsi delle injurie riceute che perdona li peccati.

El decimo di fugire el iudicare altrui ch' e cosa laudabile.

Lo undecimo del silenzio della bocca el quale e guardia dellanima.

Lo duodecimo e cessare perfectamente dal mentire & dalle bugie.

El tredecimo e della liberatione della accidia che discioglie lamente.

El quattodecimo e del uero digiuno & delladisceta abstinencia.

El quindodecimo e della castita che rende odore nel conspecto di dio.

El decimosexto e della uictoria della auaritia che e ydolatria pessima.

El decimosseptimo e la sancta poverta alla quale e promesso el regno del cielo.

El decimo octauo e la liberatione della maligna & captiua insensibilita.

El decimonono e la psalmodia che si dice & legge nelli monasterii.

El uigesimo e la uigilia che illumina la mente alben uiuere.

El uigesimoprimo e la liberatione della paura feminale & pusillanimita.

Figura 4 - Excertos da edição de 1492 da tradução italiana de Gentile da Foligno (séc. XIV), relativas ao prólogo, e sumário

El. xxii. della fuga della uanagloria de
molti modi & uie.

Lo. 23. della liberatione della superbia
demoniaca cariuu.

El. 24. della innotentia e simplicitade
insegna da christo

Lo. 25. della sancta & perfecta humili-
tade & benignitade.

El. 26. del lume della perfecta & bella
discreta discretione.

Lo. 27. del cielo della quiete alicata da
le cure del mondo.

El. 28. della oratione angelica e imma-
teriale

Lo. xxix. del porto dela sancta in passi-
bilitade.

El. 30. & ultimo grado dela Fede Spe-
ranza & Caritade.

¶ Prologo del traduttore di questo li-
bro di latino in uulgar

Ho frate ch' otolto la impresa
a trãslatãr questo libro di la-
tino in uulgar cõfidãdome
del adiutorio diuino p satisf-
fare a li serui di christo: li quali non in-
tendeno lo parlare literale. In prima
dechiaro lo mio intẽdimẽto ad uoi le-
gitori. & dico in questa non intendo se-
guitare a tutto lordine dele parole del
libro scripto in gramatica. Pero che in
questo modo non sc. dichiareria bene:
pero che e grãde dĩa dal parlare uulga-
re al parlare p grãmatica. Ma intendo
de ponere le sententie dele parte & de-
li paragraphi del libro quanto idio mi
fara itẽdere quanto piu chiaro potero
& alcune parole che poro delle chiose
de li fant. per piu dechiartione & su-
plemento del testo: per non inuaciare
le margene delo libro scripto: tra el te-
sto signato col filo dai piedi & tel non
potere esapere bene dichiarare me acc

sopero che delli uocaboli uulgari sono
molto ignorante pero che li agio poco
usati: Ancho pero che le cose spirituali
che non si possono si propriamente ex-
primere p li parlari uulgari come se ex-
prime per latio & p grãmatica p la ps-
nuria delli uocaboli uulgari. Impero
che ogni contrada & ogni terra a li sci
proprii uulgari diuersi da quelli delle
altre terre. Ma la grãmatica e lo latino
parlare non e cossi. pero che e uno uo-
cabolo apresso tutti latini. Cnde ue p-
go che me perdonate se non ue dechia-
ro cossi perfectamente le sententie & le
uarietade di questo libro. Non e dife-
cto del libro ne del sancto chel scrise.
Ma lo difecto e del ignorante transla-
tore. Prendete adunche dal pouero q-
lo ch possiti: & per caritate ui piaccia
di pregare dio per me. ¶ Grado. i.



¶ Della fuga del mondo & del renun-
ciamento delle cose terrene. Capitulo. i.

ANEXO C - EXEMPLOS DE CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE OS TESTEMUNHOS LATINO (CÓD. ALC. 387), ITALIANO (EDIÇÃO DE CRISTOFARO DA MANDELO - 1492) E PORTUGUÊS (CÓD. ALC. 213) DA *ESCALA CELESTIAL*

VERSÃO LATINA DE FREI ANGELO	VERSÃO ALCOBACENSE
<p>In veritate Christum Ihesum dominum nostrum Deum diligens et in corpore portans, in veritate futurum regnum participare inquirens, in veritate de suis peccatis et offensionibus dolorem habens, <i>in veritate memoriam tormentorum et iudicii eterni possidens</i>, in veritate sui exitus timorem et memoriam reassumens, non ulterius curabit vel sollicitus erit, non de pecuniis, non de possessionibus, non de parentibus, non de gloria vite, <i>non de amicis, non de fratribus, non de terreno aliquo universaliter</i>. Sed omnem suam habitudinem et affectionem omnem... (15).</p>	<p>Aquelle que con verdade ama a Ihesu Christo, tragendoo no seu coração, e aquell que verdadeiramente busca participar o <u>reyno dos ceos</u>, e aquelle que en verdade ha door dos pecados e das suas ofenssoões, e aquelle que com verdade <u>trage no coração temor da morte</u>, aqeste daly adiante nã amarã nem se curará de cousa nã hũa terreal, nẽ de dinheiros, nẽ de poderes, nem de parentes, nẽ da honrra deste mũdo, nem de nẽ hũa cousa que aaquesto se pertenha. Mays todo o uso e a enclinaçõ destas cousas... (16).</p>

Quadro 8 - Excertos dos testemunhos alcobacenses da *Escada Celestial* (cap. 27) editados por Martins (1961, p. 407).

Excerto - cap. 8 - ms. português - cód. alc. 213 (Ed. de Mário Martins (1961))	Excerto - cap. 8 - edição de 1492 (Ed. de Cristofaro da Mandelo, da trad. italiana de Gentile da Foligno - séc. XIV)
<p>torna a insistir: «A irascibilidade quer dizer non irar sse, hé hũa vitoria de natureza, entenden sse, nã sentir nẽ hũa pena das enjurias que lhe son feytas» (25). Neste estado, a alma mantém-se inalterável, quando lhe hé dada ou posta a infamia como a boa fama.</p>	<p>La irascibilitade e uno desiderio infaciabile de uergogne si come nelli uanagloriosi el desiderio del honoẽ e infinito. La irascibilitade e uictoria de la natura in nõ sentire dolor nelle iniurie riceute: La q̃le uictoria puene ala</p>

Quadro 9 - Erro conjuntivo entre a edição de 1492 (trad. italiana de Gentile da Foligno - séc. XIV) e o ms. português - cód. alc. 213, no cap. 8 de *Escada Celestial*: definição de *irascibilidade*

Excerto - fac-símile ms. português (cód. alc. 213) <i>Escada Celestial</i> - cap. 27 (fól. 96r)	Excerto - fac-símile ed. italiana (1492) <i>Escada Celestial</i> - cap. 27 (p. 157)
<p>psalmo q̃ dicit. Benedic aĩa mea dño. dñe d̃s meq̃ magnifficatio es behementer. <i>Ben aq̃lla estantia. fecit luna in tempore. sol cognouit occasum suũ. Posuisti et facta est nox. In ipa p̃tussibit omes bestie silue. Natũle leonu rugientes in capant et q̃ant adeo estant sibi. Ortus est sol et q̃at sũt in cubilibus suis collocabũt. Erubuit homo ad op̃s suũ et ad q̃antem suã usq̃ ad respũm. Op̃mũ</i></p>	<p>doli nele parole d̃i propheta nel psalmo. Benedic anima domino: domine deus meus magnificatus es uehementer In quell iuersũ. Fecit lunam in tempora: & c. Lo primo de q̃sti stato sic quãdo laĩa ha riceuita la grãda p̃cepto loq̃le e cõe q̃do nasce el sole e facti el di: Lo secondo stato e quãdo dallaĩa se cessa la grã o p̃ peccato che habia opato o p̃ ingrãtitudine o per negligentia o per p̃ppria reputatione el superbia. Alq̃le stato segui le molte baraglie d̃i d̃mõii. E q̃le e stato cõe lo sole quando e tramontato & c</p>

Quadro 10 - Lições coincidentes entre a edição de 1492 (ed. de Cristofaro da Mandelo, da trad. italiana de Gentile da Foligno - séc. XIV) e o ms. português - cód. alc. 213, no cap. 27 de *Escada Celestial*: manutenção do trecho latino

ANEXO D - FAC-SÍMILE DA FOLHA DE ROSTO DO CÓD. ALC. 213

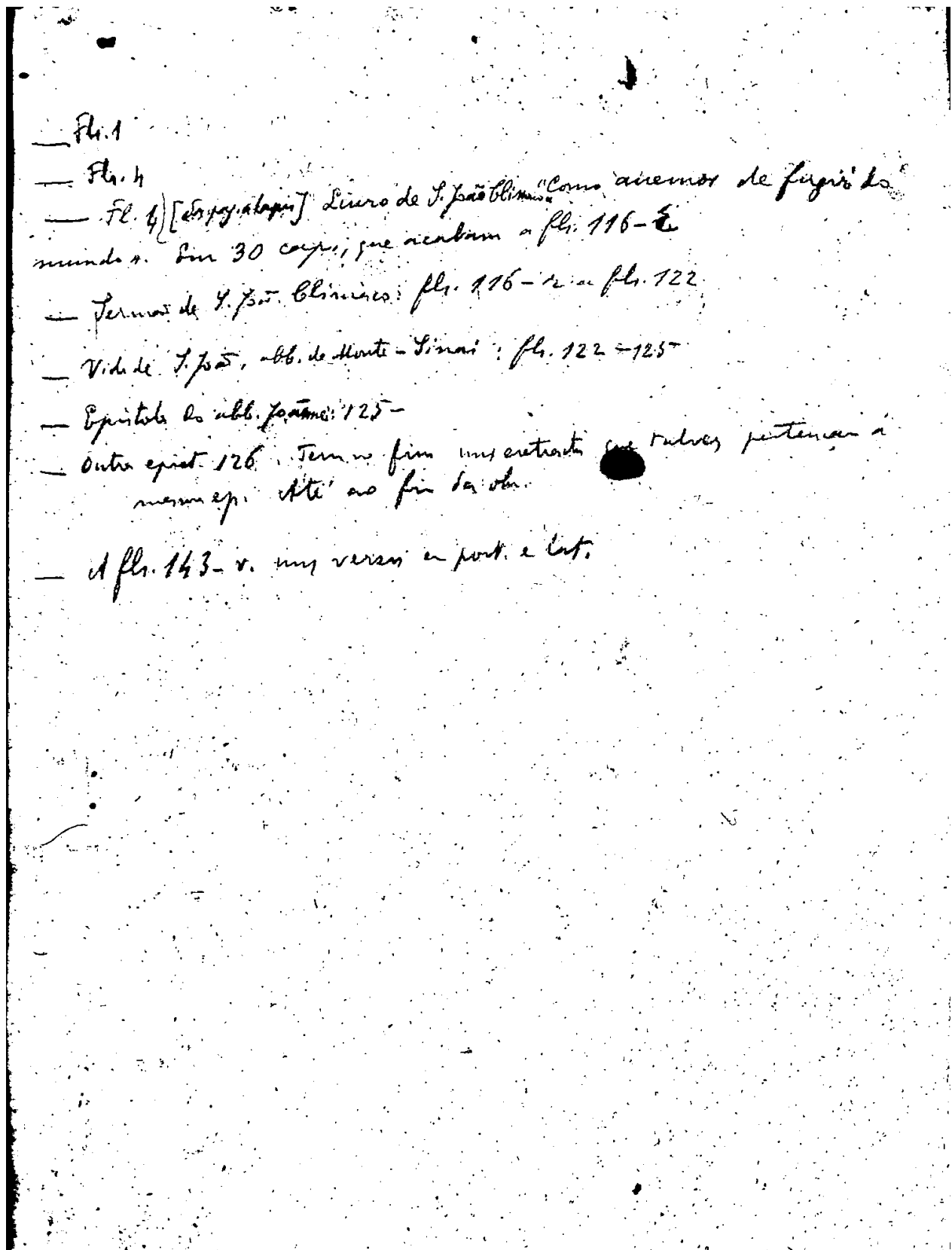


Figura 6 - Fac-símile da folha de rosto do cód. alc. 213

REFERÊNCIAS

a) Edições impressas da obra de João Clímaco consultadas (em ordem cronológica)

CLIMACUS, Joannes. *Scala Coeli*. In: MIGNE, J. P. (org.). *Patrologiae Graecae*: Cosmas Indicopleutes (1860). Vol. 88, p.631-1164.

CLIMACO, João. *Clímax ou Escada do céu*. Trad. João Mendes de Almeida Jr. São Paulo: Typ. a vapor Espíndola Siqueira & C., 1902. (Original em espanhol).

CLIMACO, Giovanni. *Scala Paradisi*. Torino: Società Editrice Internazionale, 1941. (Corona Patrum Salesiana, serie greca, vol. VIII).

b) Edições impressas da obra de João Clímaco citadas (em ordem cronológica)¹⁵⁹⁰

Sancto Jouanni Climacho altrimenti Scala paradisi [Venezia: per Christopholo da Mandelo, 1492.

Scala paradisi, auctore Joanne Climacho. (Parisiis): D. Roce, 1498.

Sant Juan Climaco que trata delas tablas y escalera spiritual, por donde han de subir al estado dela perfeccion. Toledo, s.n., 1504.

Scala spiritualis Sancti Joannis Climaci. Impressu[m] in regali ciuitate Toletana : isui (sic) Reuere[n]dissimi ... Fra[n]cisci Ximenes, 1505.

Triginta gradus celestis scale. [Parisiis] François Regnault, 1511.

Ioannis Climaci...Triginta gradus scale celestis, noviter emendata, ac impressioni traditi. [Venetiis, a Philippo Pincio, 1518]

Sant Juan Clymaco que trata delas tablas y escalera spiritual. In: *Vitas patrum en Romance*. Sevilla [Espanha]: Por Juan Varela ... 16 de maio de 1520.

D. Dionysii Carthusiani enarrationes doctissimae in librum D. Iohannis Climaci Abbatis, vere aureum, qui inscribitur ... sive scala paradisi, nunc primum in lucem aeditae. Coloniae: ex officina Melchioris Nouefiani (Melchior von. Neuss, imp.), 1540.

Iohannes Climacus, Sermoni di S. Giovanni detto Climaco nuovamente da correttissimi esemplari greci e latini, nella vulgar lingua fedelmente tradotti ... Aggiuntovi anchora la vita del glorioso anacorita santo Onofrio". In Venetia [per Giovanni de Farri et fratelli], 1545.

[Libro llamado Escala espiritual, la cual contiene treinta escalones por medio de los quales podian los que quisieren subir desde el menosprecio del mundo y pequeñez en Christo hasta la cumbre de la perfeccion y perfecta libertad de hijos de Dios / SanJuan Climaco]. Impresso en Alcala de Henares : en casa de Iuan de Mey Flandro, 1553.

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfeccion y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse las vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. [Impresso en Lixboa]: en casa de Ioannes Blauio de Colonia, 1562.

¹⁵⁹⁰ As referências destas edições não foram feitas em conformidade com as normas da ABNT, propositadamente. Devido às suas peculiaridades, as informações (baseadas no colofão, imprensa ou ficha catalográfica) foram registradas tal como aparecem nos catálogos on-line das bibliotecas mencionadas no capítulo 1 deste trabalho (nota 20).

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. Impresso ... en Alcalá de Henares: en casa de Sebastián Martínez, 1568.

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. En Salamanca: en casa de Andrea de Portonarijs [...], 1568.

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. Impresso... en Salamanca: en casa de Mathias Mares, 1569.

Iohannes Climacus, Sermoni di S. Giovanni detto Climaco nuovamente da correttissimi esemplari greci e latini, nella volgar lingua fedelmente tradotti ... Aggiuntovi anchora la vita del glorioso anacorita santo Onofrio. Sermoni ... Con l'allegationi della Sacra Scrittura ... Vinegia, F. de' Franceschi, 1570.

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. En Alcalá de Henares : en casa de Andres de Angulo, 1570.

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. En Alcalá de Henares [Espanha]: en casa de Sebastian Martínez, 1571.

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. En Salamanca [Espanha]: Por Mathis Gast., 1571.

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. Alcalá de Henares : en casa de Hernan Ramirez, : a costa de Pedro del Casar, 1576.

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. En Seuilla: en casa de Andrea Pescioni, 1582.

Ioanni Climaci... Scala paradisi item Sophnonii, Patriarchae Hierosolymitani, Patrum spirituale; omnia ex graeco ab Ambrosio Camalduensi... latina facta...: & brenibus annotationibus opera Michaelis Isseltij illustrata. Coloniae Agrippinae: in officina Birckmannica (resp.: Michael von Isselt), 1583.

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. Valladolid: por Diego Fernandez de Cordova, : a costa de Pedro Landri, 1583.

Iohannes Climacus, Sermoni ... Vinegia, P. Marinelli, 1585.

Iohannes Climacus, Sermoni di S. Giovanni Climaco ... Milano, Tini, 1585

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. En Medina del Campo: por Pedro Landry, : por Francisco del Canto, 1585.

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. Impresso en Alcalá de Henares : en casa de Iuan Gracian [...],1596.

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. Impresso en Barcelona : en casa de Iauime Galuan : a costa de Bernat Cussana [...],1598.

Ioanni Climaci... Scala paradisi item Sophnonii, Patriarchae Hierosolymitani, Patrum spirituale; omnia ex graeco ab Ambrosio Camalduensi... latina facta...: & brenibus annotationibus opera Michaelis Isseltij illustrata. Coloniae Agrippinae: in officina Birckmannica. Sumptibus Arnoldi Myli, 1601.

Iohannes Climacus, Sermoni ... Venetia, P. Bertano, 1607.

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. En Madrid: por Iuan de la Cuesta: a costa de Iuan Berrillo [...],1612.

L'Eschelle de S. Jean Climacus, enrichie des plus belles fleurs du Pré spirituel. Paris: M. Collet, 1623.

Ioanni Climaci... Scala paradisi item Sophnonii, Patriarchae Hierosolymitani, Patrum spirituale; omnia ex graeco ab Ambrosio Camalduensi... latina facta...: & brenibus annotationibus opera Michaelis Isseltij illustrata. Colonia Agrippinae: Sumptibus Bernardi Gualtheri, 1624.

Iohannes Climacus, Tou en hagiois patros hemon Ioannou Scholastikou tou egoumenou tou hagiou orous Sina Hapant. Lvtetiae Parisiorvm, sumptibus Sebastiani Craimoisy, 1633.

Traité de S. Jean Climaque des degrez pour monter au ciel, traduit de Grec en Franç. par M. Arnauld d'Andilly. Paris: P. Le Petit, 1652.

Traité de S. Jean Climaque des degrez pour monter au ciel: traduit de grec en françois par Mr. Arnauld d'Andilly. 2 éd. Paris: P. Le Petit, 1654.

L'Échelle sainte, ou les Degrez pour monter au ciel, composez par S. Jean Climaque,... traduits du grec en françois par Mr Arnauld d'Andilly. Nouvelle édition. Paris: P. Le Petit, 1658.

L'Échelle sainte, ou les Degrez pour monter au ciel, composez par S. Jean Climaque,... traduits du grec en françois par Mr Arnauld d'Andilly. Nouvelle édition. Paris: P. Le Petit, 1661.

L'Échelle sainte, ou les Degrez pour monter au ciel, composez par S. Jean Climaque,... traduits du grec en françois par Mr Arnauld d'Andilly. Nouvelle édition. Paris: P. Le Petit, 1662.

L'Échelle sainte, ou les Degrez pour monter au ciel, composez par S. Jean Climaque,... traduits du grec en françois par Mr Arnauld d'Andilly. Nouvelle édition. Paris: P. Le Petit, 1668.

L'Échelle sainte, ou les Degrez pour monter au ciel, composez par S. Jean Climaque,... traduits du grec en françois par Mr Arnauld d'Andilly. Nouvelle édition. Paris: P. Le Petit, 1670.

L'Échelle sainte, ou les Degrez pour monter au ciel, composez par S. Jean Climaque,... traduits du grec en françois par Mr Arnauld d'Andilly. Nouvelle édition. Paris: P. Le Petit, 1678.

Les Vies des Saints Peres des deserts, et de quelques saintes, ecrites par des Peres de l'Eglise, & autres anciens auteurs ecclesiastiques. Paris: Pierre Le Petit. M.DC.LXXIX.

L'Échelle sainte, ou les Degrez pour monter au ciel, composez par S. Jean Climaque,... traduits du grec en françois par Mr Arnauld d'Andilly. Nouvelle édition. Paris: G. et L. Josse, 1688.

L'Échelle sainte, ou les Degrez pour monter au ciel, composez par S. Jean Climaque,... traduits du grec en françois par Mr Arnauld d'Andilly. Nouvelle édition. Paris: Paris: impr. de L. Josse, 1707.

L'Echelle Sainte ou les Degrez pour monter au Ciel composée par S. Jean Climaque trad. du grec en françois par le même Arnauld d' Andilly, dernière édit. Paris: [s.n], 1711.

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. In: *Obras del V.P.M.F. Luis de Granada del Sagrado Orden de Predicadores ... : tomo XV que contiene La escala espiritual de S. Juan Climaco.* En Madrid : en la imprenta de Manuel Martin, 1757.

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. Madrid: Imp. de Man. Martin, 1769.

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. In: *Obras del venerable P. maestro Fr. Luis de Granada de la orden de Santo Domingo: tomo*

octavo [...]. En Madrid: en la imprenta de Don Manuel Martin, y à sus expensas, se hallará en dicha imprenta, y en la Lonja de Terroba junto à la Carcel de Corte, 1771.

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuē treinta Escalones, por dōde pueden subir los hōbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. In: *Obras del Venerable P. Maestro Fr\pr\ Luis de Granada de la Orden de Santo Domingo : tomo \RVIII\R, parte \RI\R : que contiene la traduccion de la Escala Espiritual, compuesta en latin por el glorioso S. Juan Climaco*. Madrid: por Don Antonio de Sancha, se hallará en su Libreria, en la Aduana vieja, 1782.

Oeuvres de saint Jean Climaque,... comprenant l'Échelle sainte, ou les degrés pour monter au ciel, et la Lettre au pasteur Lyon: F. Guyot, 1836.

La Scala santa, ossia I gradi per salire al cielo, , composti da s. Giovanni Climaco ... tradotti ... e riveduti dal P. Agostino Ferrara ... Napoli, Sarracino, 1866.

Iohannes Climacus, *La scala del paradiso di s. Giovanni Climaco; testo di lingua corretto su antichi codici mss. per Antonio Ceruti ...*; Bologna, G. Romagnoli, 1874

Iohannes Climacus, *Klimax tou hosiou patros hemon Ioannou kathegoumenou tou Sinaiou orous to proton ede ekdotheisa hellenisti hypo tou en hagio orei Atho para te megiste laura Sophroniou eremitou epi te basei membraïnon cheirographon tes en to agionymo orei hieras mones tou hosiou patros hemon Dionysiou*. En Konstantinoupolei, K. A. Bretos, 1883.

Iohannes Climacus, *He Nea Klimax, metaphrastheisa ek tes hellenikes eis ten koinoteran ton kath'emas Hellenon dialekton hypo Hieremiou archimandritou Sinaïtou tou Kretos, kai hypo tou idiou to proton typhis ekdotheisa en hetei 1774 en Benetia*. En Konstantinoupolei, K. A. Bretos, 1883.

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuē treinta Escalones, por dōde pueden subir los hōbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. In: *Obras del V. P. M. Fray Luis de Granada, con un prólogo y la vida del autor por D. José Joaquín de Mora [...]*. Madrid: Imp. de los sucesores de Hernando, 1922-25.

CLIMACUS, John. *The ladder of divine ascent*. Transl. Archimandrite Lazarus. New York: Harper / London: Faber and Faber, 1959.

L'Échelle Sainte ou les Degrez pour monter au Ciel composée par S. Jean Climaque ...traduits. du grec en français par M. Arnauld d' Andilly. Le Bousquet d'Orb: Monastère orthodoxe Saint-Nicolas, 1973.

L'Échelle sainte / saint Jean Climaque ; traduction par le P. Placide Deseille... Bégrolles-en-Mauges: Abbaye de Bellefontaine, 1978.

CLIMACUS, John. *The ladder of divine ascent*. Boston: Holy Transfiguration Monastery. 1978.

CLIMACUS, John *The ladder of divine ascent*. transl. Colm Luibheid and Norman Russell, New York: Paulist Press, 1982.

L'Échelle sainte / saint Jean Climaque ; trad... [du grec] par le P. Placide Deseille. 2e éd. revue et corr. Bégrolles-en-Mauges: Abbaye de Bellefontaine, 1987.

CLÍMACO, Juan. *La escala espiritual o escala del paraíso*. Traduzida do grego por Isabel Gil Almolda, Mauro Matthei; com notas explicativas de Placide Deseille. Zamora: Monte Casino, 1990.

CLIMACUS, John. *The ladder of divine ascent*. Boston: Holy Transfiguration Monastery, 1991.

L'Échelle sainte / saint Jean Climaque ; trad... [du grec] par le P. Placide Deseille. 2e éd. revue et corr. (reimp.). Bégrolles-en-Mauges: Éd. monastiques, 1993.

L'Échelle sainte: extraits In: *Vie de sainte Marie l'Égyptienn*. Saint-Laurent-en-Royans (Font de Laval, 26190) : Monastère Saint-Antoine-le-Grand, 1995.

CLIMACUS, John. *The ladder of divine ascent*. Compiled by Father Demetrios Serfes Boise, Idaho, 1997.

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. In: *Obras completas / Fray Luis de Granada*. Madrid: Fundación universitaria española: Dominicos de Andalucía, 1998.

CLÍMACO, Juan. *Escala espiritual*. Edição preparada por Teodoro H. Martín. Salamanca: Sígueme, 1998.

ROPERO, Alfonso. *Lo mejor de Juan Clímaco*. Terrassa (Barcelona): Clie, [2003]

c) Demais obras

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: A Academia, 1999.

ALI, M. Said. *Lexeologia do português histórico*. São Paulo: Melhoramentos, 1921.

_____. *Meios de expressão e alterações semânticas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

ALIGHIERI, Dante. Paraíso. In: _____. *A divina comédia*. São Paulo: Nova Cultural, 2003, canto XXI, p. 374-375. Título original: *La divina commedia*.

ALMEIDA, Ana Cristina. A Escada de São João Clímaco. In: COLÓQUIO DA SECÇÃO PORTUGUESA DA ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA DE LITERATURA MEDIEVAL, II, 1998, Faro. *Figura - Actas do II Colóquio...* Faro: Universidade do Algarve, 2001. p. 111-124.

_____. Da Palestina à Europa: trajecto de um livro de formação monástica. *Península - revista de estudos ibéricos*, Porto, v.1, p. 263-268, mar. 2004.

ÁLVAREZ, T. Jesús y MARTÍNEZ, Riaza A. Ascensión. *Historia de la prensa hispanoamericana*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992.

ALVES, Rosa. *Tipografia e legibilidade*. Belo Horizonte: [s.n.], 2001. [Folheto 61, EBA/UFMG]

AMOS, Thomas L. *The Fundo Alcobaça of the Biblioteca Nacional, Lisbon*. Collegeville (Minnesota): Hill Monastic Manuscript Library, 1988. p. 113-114

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *Iniciação em Crítica Textual*. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/Edusp, 1987.

BALDIN, Agostinho. *Espelho dos monges*. Edição crítica com comentário fonético e glossário. Códice 200 dos Códices Alcobacenses da Biblioteca Nacional de Lisboa, fls. 75r até 125r. Maringá: Universidade Federal de Santa Catarina, 1974. Não publicado.

BASSETO, Bruno Fregni. *Elementos da Filologia Românica*. São Paulo: Edusp, 2001.

BERARDINO, Angelo Di (org.). *Dicionário patrístico e de antigüidades cristãs*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2002. p. 760.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. e notas de Pe. Matos Soares. 11 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

BIBLIOTECA APOSTOLICA VATICANA. *Catalogo generale*. Vaticano: [s.n.], 1994. Disponível em <<http://www.vaticanlibrary.vatlib.it/BAVT/integration/chooseCatalogIta.htm>> Acesso em: 05 jan. 2005.

BIBLIOTECA ELETRÓNICA CRISTIANA – BEC – VE. *Libro de la Escala Espiritual*. Disponível em <<http://www.multimedios.org/docs/d000162/index.html>>. Acesso em: 17 jan. 2004.

BIBLIOTECA NACIONAL DE ESPAÑA. *Catálogo*. Madrid, [2005?]. Disponível em <<http://www.bne.es>> Acesso em: 05 jan. 2005.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE *Catalogues & bibliothèque numérique*. Paris, 2001. Disponível em <<http://www.bn.pt>> Acesso em: 05 jan. 2005.

BIBLIOTECA NACIONAL [Portugal]. Pesquisa bibliográfica. *Porbase*. Lisboa, 1988. Disponível em <<http://www.bn.pt>> Acesso em: 05 jan. 2005.

BIBLIOTECAS PÚBLICAS DE ESPAÑA. *Catálogos de las bibliotecas públicas del Estado*. Madrid, [2005?]. Disponível em <http://www.mcu.es/jsp/plantillaAncho_wai.jsp?id=8&area=bibliotecas>. Acesso em: 05 jan. 2005.

BLECUA, Alberto. *Manual de Crítica Textual*. Madrid: Castalia, 1983.

BROWN, Michelle P. *A guide to western historical scripts: from antiquity to 1600*. Toronto; Buffalo: Univ. Toronto Press, 1990.

CÂMARA JR, J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CAMBRAIA, César Nardelli. Subsídios para uma proposta de normas de edição de textos antigos para estudos lingüísticos. In: RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza, ALVES, Ieda Maria & GOLDSTEIN, Norma Seltzer (Orgs). *I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 1999.

_____. *Livro de Isaac*: edição e glossário (cód. ALC 461). 2000. 753 p. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____ et al. Cinco breves tratados religiosos alcobacenses: edição semidiplomática (cód. ALC 461). *Caligrama* - Revista de Estudos Românicos, Belo Horizonte, v. 6, p. 7-28, jul. 2001.

CAMBRAIA, César Nardelli. Leitura de textos arcaicos: a variação dos grafemas <e>, <i>, <y> e <j> em um texto medieval. Estudos Lingüísticos - Anais de Seminários do GEL. São José do Rio Preto, v. XXVII, 1998, p. 546-551. Documento eletrônico em formato *pdf*, de 16.01.2004].

_____. Crítica textual & lingüística histórica: a questão dos diacríticos. Caligrama, Belo Horizonte, v. 8, p. ?, 2003. Doc. eletrônico em formato *pdf*, de 16.01.2004.

CAMBRAIA, César Nardelli, MIRANDA, José Américo (orgs.). *Crítica Textual: reflexões & práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos de Crítica Textual / Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAPELLI, Adriano. *Dizionario di abbreviature latine ed italiane*. 4. ed. Milano: Ulrico Hoepli, 1949.

CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DA COMPANHIA DE JESUS. Instituto Santo Inácio. Biblioteca Padre Vaz. *Base Libri e Vaz*. Belo Horizonte: InfoISIS Ltda, [s.d.]. Disponível em <<http://isices.facilderecordar.com/biblioteca/>>. Acesso em 05 jan. 2005.

CHEVALIER, Jean et al. *Dicionário de símbolos*. 18 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. p. 378-382.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. *Vocabulário do português medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002. 1 CD-ROM.

DOUGLAS, J.D. (org.) et al. *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1962, v. 1, p. 177. Título original: *The New Bible Dictionary*.

DUFFI, John. Embellishing the Steps: Elements of Presentation and Style in *The Heavenly Ladder* of John Climacus. In: *Dumbarton Oaks Papers*, No. 53. Washington, D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection / Harvard University, 1999. Disponível em <<http://www.doaks.org/DOP53/DP53ch1.pdf>>. Acesso em 18 dez. 2004.

EMILIANO, Antônio. *Crítérios e normas para transcrição e transliteração de textos medievais*. Disponível em em <http://www.fcsh.unl.pt/clunl/>. Acesso em 10 janeiro 2004.

_____. *Convenções de utilização dos caracteres editoriais e críticos do Tipo Medieval na realização de edições paleográficas de tipo II de documentos medievais textos medievais portugueses*. Disponível em em <http://www.fcsh.unl.pt/clunl/>. Acesso em 10 janeiro 2004.

_____. *Tipo medieval português – lista de caracteres*. Disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/clunl/>. Acesso em 10 janeiro 2004.

ENCICLOPEDIA católica. Disponível em: <<http://www.encyclopediacatolica.com/f/fraticelli.htm>>. Acesso em 12 ago. 2006.

ENCICLOPEDIA cattolica. Città del Vaticano: Enciclopedia cattolica e per il libro cattolico, 1948, v. 1, colunas 1769-1770.

ENCICLOPEDIA de la religión católica. Barcelona: Dalmau e Jover Ediciones, 1950. Tomo I. P.655.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica*. São Paulo: Ática, 1991.

FLORES, Stefano de, GOFFI, Tullo (orgs.). *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Pesquisa no acervo. *Catálogos online*. Disponível em <http://catalogos.bn.br/>. Acesso em: 17 janeiro 2004.

GRANADA, Luis de; TRANCHO, Antonio, O. P. *Obra selecta*. Madrid: 1952. p. XV-LXXVI.

HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967. 2v.

_____. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM.

KIERKEGAARD, Søren. *Johannes Climacus ou É preciso duvidar de tudo*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KOCH, Rudolf. *O livro dos símbolos: 493 símbolos usados desde os tempos primitivos até a Idade Média*. Rio de Janeiro: Renes, [s.d.].

LAPA, M. Rodrigues. *Miscelânea de língua e literatura portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro / Ministério da Educação e Cultura, 1965.

LEAL, João Euripedes Franklin. *Glossario de Paleografia*. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 1994.

LEMOS, Aida Sampaio. Para a edição de textos escritos em português do século XV - *Escada Celestial* de S. João Clímaco. In: ENCONTRO NACIONAL DA APL, XIX, 2003. Lisboa. *Actas...* Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2004, p. 477-485. Doc. eletrônico em formato pdf, versão de 29.10.2004.

_____. Textos apócrifos medievais na história da cultura da escrita. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA CULTURA ESCRITA, VII, 2003. Alcalá de Henares. *Actas...* Alcalá de Henares: Carlos Sáez (editor) / Universidad de Alcalá, 2004, p. 105-114. Doc. eletrônico em formato pdf, versão de 02.11.2004.

_____. Textos de prosa literária escritos em português do séc. XV: a edição do Tractado das Meditações do Pseudo-Bernardo (II). In: *Diacrítica - Ciências da Linguagem*, Braga, n. 17/2, 2004. Doc. eletrônico em formato pdf, versão de 29.10.2004.

_____. Para uma edição dos sete tratados cartusianos: o Castelo Perigoso. In: ENCONTRO NACIONAL DA APL, XVII, 2002. Lisboa. *Actas...* Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2002. Doc. eletrônico em formato pdf, versão de 29.10.2004.

THE LIBRARY OF CONGRESS, USA. *Library online catalog*. Washington, DC: [2005?]. Disponível em <http://www.loc.gov>. Acesso em 05 jan. 2005.

LIMA, Maria Célia Romes de. *Estudo Contrastivo da pontuação em dois testemunhos da obra medieval espanhola "Memorial de Jesucristo" [manuscrito]*. 2004. 151 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *A pontuação em manuscritos medievais portugueses*. 1999. 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

_____. *O papel da pontuação na Idade Média portuguesa*. Salvador: [s.n.], 2002. Disponível em <http://www.prohpor.ufba.br/papel_pontuacao.html>. Acesso em 13.05.2004.

MAIA, Clarinda de Azevedo. Algumas questões scriptológicas relativas à prosa documental galego-portuguesa. In: *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85º aniversário*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1988. P. 327-347.

MARAVAL, Pierre. *Jerônimo: tradutor da Bíblia*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1998.

MARTIN, John Rupert. *The Illustration of the Heavenly Ladder of John Climacus*. Princeton University Press, 1954.

MARTINS, Mário. "Vida de S. João do Monte Sinai" por Daniel de Raitu. *Brotéria*. Lisboa, Vol. LXXXIV, n.2, p. 179-186, 1961.

MARTINS, Mário. A "Escada Celestial" em medievo-português. *Brotéria*. Lisboa, Vol. LXXII, n. 4, p. 402-15, 1961.

_____. *Estudos de Literatura Medieval*. Braga: Livraria Cruz, 1956. p. 274-275.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2002.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia*. 4 ed. Salvador: Contexto, 2001.

_____. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. 2 ed. Salvador: Contexto, 2001.

MATTOSO, J. Espiritualidad monástica medieval. In: DUQUE, Baldomero Jimenez; BAWST, Luis Sala (Dirs.). *História de la espiritualidad*. Barcelona: Juan Flores Ed., 1969, v. 1, p. 924.

MEIER, Harri. *Ensaio de Filologia Românica I*. 2 ed. Rio de Janeiro: Grifo / INL-MEC, 1973.

MENDES, Ubirajara Dolácio. *Noções de Paleografia*. São Paulo: Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo / Secretaria da Educação, 1953.

MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. *Introdução à lingüística – domínios e fronteiras*. 2ª ed., Cortez, 2001: Lingüística Histórica. p. 77-103 (Vol.1)

OSLEY, A.S. (Ed.). *Calligraphy and palaeography: essays presented to Alfred Fairbank on his 70th birthday*. New York: 1966.

PAIVA, Dulce de Faria. *História da língua portuguesa II: Século XV e meados do XVI*. São Paulo: Ática, 1988.

PERINI, Mário Alberto. *Para uma nova gramática do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1989. (Princípios, 18)

_____. *Gramática descritiva do português*. 2. ed. : Ática, 1996.

PIMENTEL, Jandira. *Padres do Deserto*. Disponível em <http://www.padresdodeserto.net/lectio.htm>. Acesso em: 17 janeiro 2004.

POPOVA, Olga; SMIRNOVA, Engelina; CORTESI, Padua. *Icone*. 2 ed. Milano: Mondadori, 1997.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Biblioteca. *Catálogo on-line*. Belo Horizonte: Pergamum - Sistema Integrado de Bibliotecas, [s.d.]. Disponível em <http://server05.pucminas.br/biblioteca/php/opcoes.php>. Acesso em 05 jan. 2005.

RUSCALLEDA, Enrique Mallorquí. Esbozo para un estudio de la traducción de la Scala Paradisi de Juan Clímaco elaborada por Fray Luis de Granada. In: CONGRESO INTERNACIONAL "CRISTIANISMO Y TRADICIÓN LATINA", 1, 2000, Málaga. *Atas...* Madrid: ediciones Laberinto, 2001 (ISBN: 8484830179). Disponível em <http://www.anmal.uma.es/anmal/numero6/indice6.htm>. Acesso em: 29 ago. 2006.

SANTULLANO, Luis (org.). *Místicos españoles*. Madrid: Instituto-escuela, 1934.

SARAIVA, Maria Olívia de Quadros. *O Evangelho de Mateus no manuscrito grego da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* [edição diplomática]. 2001. 171 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

SILVA NETO, Serafim da. *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956, p. 79.

_____. *Ensaio de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1956.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SOCIETÀ INTERNAZIONALE PER LO STUDIO DEL MEDIOEVO LATINO - SISMEL. *Codex: inventario dei manoscritti medievali della Toscana*. Firenze, 1998. Disponível em: <http://www.cultura.toscana.it/biblioteche/tutela/progetti/codex/catalogo.shtml>. Acesso em 21 ago. 2006.

SPAGGIARI, Barbara, PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da Crítica Textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. *Introdução à Edótica*. 2ª ed. rev. e atualizada. São Paulo: Ars Poetica-Edusp, 1994.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TREVISAN, Pietro. Vita e opere de Giovanni Climaco. In: CLIMACO, S. Giovanni. *Scala Paradisi*. Torino: Società Editrice Internazionale, 1941. (Corona Patrum Salesiana, serie greca, vol. VIII).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Sistemas de Bibliotecas UFMG. *Catálogo on-line*. Belo Horizonte: Pergamum - Sistema Integrado de Bibliotecas, [s.d.]. Disponível em <http://150.164.76.74/biblioteca/php/opcoes.php> Acesso em: 05 jan. 2005.

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA. *Corpus informatizado do português medieval*. Disponível em <http://cipm.fcsh.unl.pt/>. Acesso em 17 janeiro 2004.

UNIVERSITY OF CALIFORNIA. *BETA (MANID 1199 e 1794)*. Berkeley: ASKINS, Arthur L-F., FAULHABER, Charles B. & SHARRER, Harvey L. (Eds.), 2006. Disponível em <<http://sunsite.berkeley.edu/PhiloBiblon/phhm.html>>. Acesso em: 18 fev. 2006.

VASCONCELLOS, J. Leite de. *Textos arcaicos*. 4ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1959.

VIEIRA, Antônio. Sermão do Mandato, § III [1665]. In: _____. *Sermões escolhidos*, v. 1. São Paulo: Edameris, 1965. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000001.pdf>>. Acesso em 12 ago. 2006.

VOIGHT, Georg. La lingua e la letteratura greca nei secoli XIV E X. In: _____ *Il risorgimento dell'antichità classica ovvero il primo secolo dell'umanismo*. Firenze: G. C. Sansoni Ed., 1889, v. II, p. 99-[?]. Título original: *Die *Wiederbelebung des classischen Alterthums, oder Das erste Jahrhundert des Humanismus*. Versão italiana de Diego Valbusa. Disponível em <<http://www.hellenismos.com/Articles/Voigt5.htm>>. Acesso em 12 ago. 2006.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português*. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

ZILLES, Urbano. *Fé e razão no pensamento medieval*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)